EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

JORNAL A UNIÃO 133 Anos

Ano CXXXIII Número 242 | R$ 5,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 8 de novembro de 2026

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2026.11.06 22:41:53 -03'00'

EM SETEMBRO

Compras no cartão batem recorde e chegam a R$ 12,04 bilhões na PB

Valor cresceu 11,1% em apenas um ano; juros altos exigem organização para evitar o endividamento. *Página 17*

Equipe que montará computadores quânticos vai à China para treinamento

Técnicos e pesquisadores paraibanos ficarão responsáveis pela instalação de equipamentos do Ciquanta em João Pessoa.

Página 19

■ "A infância seria egoísta, do 'tudo meu' aperfeiçoado na fase adulta. A adolescência é doação, desprendimento, sacrifício com alegria".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Sinto, na dicção do poeta, uma preocupação em dizer o indizível, em revelar o que se oculta, em tornar permanente o que parece passageiro".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ "Para mim, a grande baixa da gestão deste ano do empresário mineiro [Fillipe Félix] à frente do Botafogo-PB foi o planejamento financeiro".

Pedro Alves

Página 23

Foto: Carla Miranda



Videomonitoramento reduz índices de criminalidade

Cerca de 1,7 mil aparelhos já estão conectados aos Centros Integrados de Comando e Controle do estado, auxiliando no compartilhamento de informações e nas ações policiais nos 223 municípios.

Página 7

Eleitorado jovem e redes sociais deram novo rumo à eleição

Especialistas analisam como o movimento estudantil iniciou uma grande mobilização no país e mudou o cenário do 2º turno.

Página 13

Atropelamentos de animais crescem com perda do hábitat

Redução das áreas verdes leva espécimes como iguanas, saguis e capivaras às vias urbanas, aumentando o risco de acidentes .

Página 20



Correio das Artes antecipa discussões da FliParaíba

Terceira edição do festival começa no dia 26 de novembro e traz debates sobre a invenção da Afro-Latino-América para refletir sobre a presença africana na construção do nosso território.

Paraibana disputará o Campeonato Mundial de Canoa Havaiana

Juliana Jerônimo pratica o esporte há dois anos e foi convidada por Pipa Ohana Va'a, campeã brasileira da modalidade, a integrar a equipe que representará o país em Portugal, de 12 a 22 de novembro.

Página 22

Mais de 140 mil pessoas fazem Enem em 55 cidades do estado

No 1º dia, candidatos testam conhecimentos em Linguagens, Redação e Ciências Humanas.

Página 5

Foto: Julio Cezar Peres



Thardelly Lima, Suzy Lopes, Lucy Alves e Juzé integram elenco da nova novela da Globo

Lá na minha terra *entra na programação amanhã e traz de volta aos lares dos brasileiros um grupo de paraibanos que vem construindo uma trajetória sólida na TV.*

Página 9



Foto: Beatriz Damy/Globo



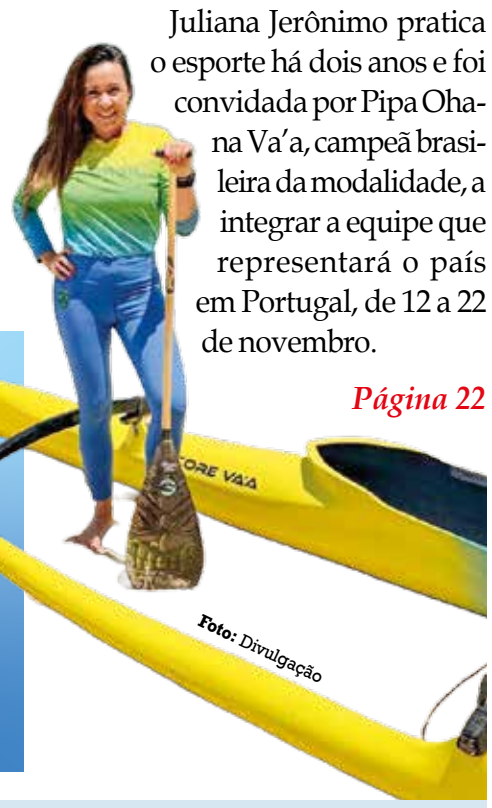


Foto: Divulgação

Editorial

Frágil beleza alada

Observando a quantidade e a diversidade de pássaros que cantam, voam, brigam, devoram-se, aninham-se, amam e procriam nos mais diferentes recantos da cidade de João Pessoa — como, por exemplo, margens de rios e lagoas, árvores, jardins etc. —, constata-se quão resistentes são algumas espécies aos gigantescos desafios oriundos da transformação constante e intensa tanto do meio ambiente quanto do espaço urbano.

Quem tem o privilégio de caminhar sossegado, nas primeiras horas da manhã ou sob o sol poente, nos parques, praças arborizadas ou às margens de reservas de Mata Atlântica — corpo e espírito em harmonia com o espetáculo natural — maravilha-se com os cantos corais, trinados solos, grasnados ou simples fuzuês sonoros de pardais, bem-te-vis, corruíras, sabiás, suiriris, papagaios, periquitos, maritacas, bicos-de-lata e carcarás.

Como é característico do teatro humano, também no palco dos pássaros, aos sublimes encantos, sucedem-se os impactos dolorosos dos gêneros trágicos, a exemplo da modesta e solitária contribuição que os pombos vêm dando à limpeza urbana, ao comerem com avidez e a toda hora — ao custo da saúde ou da própria vida — os tantos restos de comida que, espalhados pelas ruas e calçadas, fazem parte agora do cenário da cidade.

Nem todas as espécies aladas são nativas da região litorânea. Assim como milhares de pessoas, há pássaros que vêm de outras plagas, para habitar a área metropolitana de João Pessoa. Neste segundo caso, fugindo de processos mortíferos, relacionados à agricultura predatória, ao desmatamento inconsequente ou às queimadas provocadas por fatores naturais, índoles criminosas ou interesses comerciais mesquinhos.

Quem vê de longe, como se diz, pensa que tudo é festa na vida dos pássaros. Ledo engano. Além dos predadores naturais, várias espécies precisam estar em permanente estado de alerta, para não serem presas e engaioladas ou perderem a vida chocando-se contra janelas, fachadas e muros envidraçados, que os ofuscam, principalmente, quando refletem a luz do sol. A poluição e a iluminação artificial são outras fontes de doenças e óbitos.

Não fossem escravizadas em gaiolas, para usufruto exclusivo de seus carcereiros, muitas espécies canoras, hoje consideradas coisas raras, estariam democraticamente cantando, para toda a coletividade, nos galhos das muitas árvores que sombreiam a capital. A esse respeito, vale lembrar que, no Brasil, o comércio ilegal de pássaros ainda movimenta bilhões de reais por ano, por ser carente de uma repressão oficial mais forte.

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Toque cheio de nostalgia

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O sambista que enganou a censura

O sambista Julinho da Adelaide surgiu em plena ditadura militar brasileira, nos anos 1970. Por trás desse personagem fictício, estava ninguém menos que Chico Buarque de Hollanda, um dos compositores mais perseguidos pela censura do regime. Sob essa identidade inventada, Chico conseguiu fazer circularem composições que, assinadas com seu verdadeiro nome, provavelmente enfrentariam dificuldades para obter autorização dos órgãos censores.

Entre as canções atribuídas a Julinho, estavam "Jorge Maravilha", "Acorda, Amor" e Milagre Brasileiro", também conhecida como "O Milagre". As músicas passaram pela censura sem os obstáculos normalmente impostos às obras de Chico. Os censores não desconfiaram de que aquele novo sambista era, na realidade, um dos artistas que mais incomodavam a ditadura.

A estratégia funcionou porque Chico já estava marcado pela vigilância dos órgãos de repressão cultural. Suas músicas eram examinadas com rigor, e muitas sofriam cortes ou eram proibidas. O próprio compositor relatou que os autores que já haviam tido obras censuradas passavam a integrar uma espécie de índice de suspeitos. Bastava seu nome aparecer para despertar a desconfiança dos censores.

Em entrevista concedida a Geraldo Leite, da Rádio Eldorado, em 1989, Chico explicou o artifício: "Vamos experimentar com outro nome, que pode ser que melhore. E realmente melhorou. As três primeiras músicas que mandei, onde eu assinava como Julinho da Adelaide, passaram. Se fossem com o meu nome, provavelmente, não passariam".

Julinho tinha até uma biografia própria. Era morador do Morro da Rocinha, filho de dona Adelaide e irmão de Leonel. Tinha passagem pelas crônicas policiais, gostava da boemia, do samba e da cachaça. Um personagem popular e irreverente, criado para conquistar a simpatia do público.

A invenção foi tão bem elaborada que Julinho ganhou até uma entrevista jornalística. No dia 7 de setembro de 1974, o jornal *Última Hora* publicou uma conversa do personagem com o jornalista e escritor Mário Prata, com participação de Melchiades Cunha Júnior. A matéria recebeu o título de "O samba duplex e pragmático de Julinho da Adelaide".

Na entrevista, Chico assumia integralmente a personalidade de sua criatura. Dizia que era compositor, não cantor, porque não tinha boa voz, embora pretendesse gravar um disco. Provocativamente, citava Chico Buarque, Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim como exemplos de artistas que também não eram grandes cantores.

Em outro trecho, Julinho explicava sua relação profissional com Chico: "Eu preciso dos cantores para lançar meu nome, entende? Quer dizer, ele está faturando em cima do meu nome e eu estou faturando em cima do dele. Eu acho que isso é normal. Não acho que seja antiético da minha parte. Eu sou pragmático. Eu preciso dele, ele precisa de mim".

Anos depois, Mário Prata contou os bastidores daquela entrevista, preparada na residência dos pais de Chico, na Rua Buri, em São Paulo. Segundo o jornalista, depois de alguns uísques e de uma pausa para descansar, o compositor subiu ao quarto e demorou cerca de uma hora para voltar. Ao descer, já não era mais Chico Buarque. Era Julinho da Adelaide.

A brincadeira, porém, teve prazo de validade. Em 1975, o *Jornal do Brasil* revelou que Julinho era uma criação de Chico Buarque. Desmascarada a farsa, as autoridades endureceram o controle, passando a exigir a identificação documental dos compositores, inclusive RG e CPF, para dificultar o uso de pseudônimos.

A história ultrapassa a dimensão de uma divertida passagem da música popular brasileira. Revela como a criatividade dos artistas se transformou em instrumento de resistência diante de um governo que pretendia controlar até mesmo a liberdade de criação.

Chico não precisou pegar em armas para enfrentar os censores. Usou a inteligência, a ironia, a música e a invenção de um personagem para expor a fragilidade de um sistema que se julgava capaz de controlar o pensamento e a expressão artística.

Julinho da Adelaide acabou desmascarado, mas sua missão estava cumprida. A ditadura podia proibir canções e perseguir compositores, mas não conseguiu impedir que a criatividade encontrasse caminhos para continuar falando. Naquele episódio, quem acabou enganada foi a própria censura.

"Chico não precisou pegar em armas para enfrentar os censores. Usou a inteligência, a ironia, a música

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A ponta de rua e a 25 de março

Dizem que as amizades verdadeiramente incondicionais só acontecem na saída da infância para a adolescência. A infância seria egoísta, do "tudo meu" aperfeiçoado na fase adulta. A adolescência é doação, desprendimento, sacrifício com alegria. Onde bem se vê isto é em *Idade, sexo e tempo*, do mestre em todas as fases das nossas vidas, Alceu Amoroso Lima.

Quantas vezes, junto aos pais ou superiores, defendíamos os camaradas da nossa turma, que eles consideravam péssima companhia!

Um cientista brasileiro preocupou-se com a educação da criança criada com medo da rua, privada das solicitações do instinto desde a escolha da alimentação aos parceiros de brincadeiras, o velho A. da Silva Melo, médico que tentou nos ensinar em *Alimentação Instinto e Cultura* (1943) a não ter medo dos nossos desejos. Creditava-se aos chamados "meninos da ponta de rua" toda a pedagogia safada para a qual, adultos, fechamos os olhos, seduzidos todos pela tela da TV e das redes sociais.

Nunca pude esquecer o susto da mineira D. Gessi, mulher do juiz de Alagoa Nova, ao chegar à janela e avistar Laercinho jogando gude com as mãozinhas no barro da rua do Monumento com o galego Sarará.

"Pra dentro!" — foi o ralho de quem viu a delicadeza do filho perigando de mistura com os maus instintos do maior ladrão de jaca da redondeza. Riso de toda a cidade quando o velho Joca Patrício o fez descer com jaca e tudo à custa de uma chumbada que raspou as pernas do nosso líder, dando trabalho às enfermeiras do Sesp, rede de saúde que nos anos 1940 o americano instalou nas periferias do Nordeste.

Mas, sem qualquer surpresa para os que tiravam partido da sua afoiteza, nós, meninos-moleques, preferíamos o sabor das jacas furtadas e comidas a espeto, nas rodas do Sarará, do que as jacas bem-comportadas da sobremesa de casa. Como era mesmo o verdadeiro nome dele? Já não sei mais.

"Nós, meninos--moleques, preferíamos o sabor das jacas furtadas do que as bem--comportadas da sobremesa de casa

Há anos, numa saída de loja em Campina Grande, batem-me no ombro. Era ele. Ficou puxando um pouco da perna, defeito que era charme no finado João Goulart.

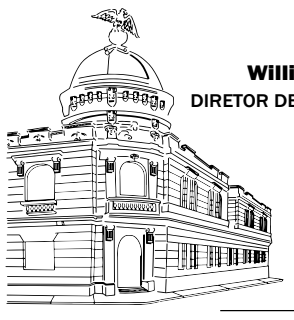
Nele também, agora bem vestido, a pele e os cabelos bem tratados, a alegria do encontro brilhando nos seus olhos. E, sem dúvida, também nos meus.

Como a maioria dos seus parceiros de jaca prosperou em Campina, procurei saber seu negócio e se morava na Prata ou no bairro das Nações.

— Não, Lula, aqui estou de passagem. Moro em Santana, São Paulo, e negocio a grosso e a varejo na 25 de março.

Num *flash* pré-natalino da rua famosa, focada pela televisão há poucos dias, ela não me pareceu como grande centro comercial da América Latina. Ao contrário, desta vez pareceu-me bem mais próxima, pertinho de mim e do sítio de Joca Patrício, da nossa liberdade moleca, associada ao Sarará e às jacas madurinhas de bagos tão pequenos, feitos para bocas de meninos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA–PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE–EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

***E-mail*: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)**

ASSINATURAS IMPRESSAS: **anual ..... R$ 404,25 / semestral ..... R$ 202,12 / número atrasado ..... R$ 4**

CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

CAMPINA GRANDE

Projeto contribui para a gestão de resíduos sólidos

Ação nasceu na UFCG e estimula a reciclagem e o reaproveitamento de materiais

Maria Beatriz Oliveira
Obeatriz394@gmail.com



Foto: Julio Cezar Peres

Programa de extensão é coordenado pela professora de Engenharia Agrícola Luíza Cirne

O programa de extensão "Mobilização Social em Saneamento Ambiental — Instrumentos práticos e teóricos de educação ambiental", da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), vem realizando a gestão responsável de resíduos sólidos na cidade há mais de 20 anos, beneficiando o meio ambiente local, os catadores do município e os alunos da instituição.

Coordenado pela professora de Engenharia Agrícola da UFCG Luíza Cirne, o programa começou ainda em 2001, com um grupo pequeno de catadores e pesquisadores que, juntos, começaram a realizar a coletiva seletiva em prédios residenciais do bairro da Prata. Após fazer parte de oficinas do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam) e do Ministério do Meio Ambiente, a professora notou que o pequeno projeto poderia se tornar algo muito maior em Campina.

"Vi a possibilidade de ampliar o nosso projeto para um programa que abrange três frentes. A parte da coleta, tratamento, beneficiamento dos resíduos sólidos, além da inclusão social dos catadores. A segunda é enxergar a coleta com a percepção de que o resíduo orgânico não é rejeito e sim mais um recurso e, para isso, criamos as composteiras em leiras. Hoje, produzimos mais de seis toneladas de adubo por ano apenas com folhas recolhidas na própria universidade e distribuímos esse adubo para agricultores familiares da região gratuitamente, por meio da nossa parceria com a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária [Empaer]. E a nossa terceira frente é a de inclusão digital a partir da recuperação de equipamentos eletroeletrônicos", detalhou Luíza.

Além dos agricultores, cidadãos comuns também podem ter acesso gratuito ao adubo produzido por meio das composteiras. "É só chegar aqui na UFCG, fazer a solicitação e levar para casa, sem nenhuma burocracia", informou a coordenadora.

Ela conta ainda que empresas como a AeC de Campina passaram a doar todo o pó de café residual para ser acrescentado ao adubo. Segundo a professora Luíza, a borra da bebida é rica em nitrogênio, o que atua como um nutriente para os micro-organismos, acelerando o processo de decomposição do composto.

"Fizemos uma parceria com a Amazon Prime para gerenciar todo o resíduo das gravações da segunda temporada da série *Cangaço Novo*. Geramos um composto com o material orgânico que vinha dos *sets* de filmagens e, no encerramento das gravações, foi distribuído para todos os artistas um pouco do adubo. Eles chamaram de 'O Composto do Cangaço'", narrou.

Metarreciclagem

No entanto, o projeto de resgate dos eletroeletrônicos é o que traz mais visibilidade ao programa hoje. Luíza conta que a iniciativa começou dentro da própria comunidade universitária, que não sabia o que fazer com esse tipo de resíduo. O problema transformou-se em uma ideia: criar um centro de recuperação de computadores e outros componentes eletrônicos dentro da universidade.

Por meio da parceria com outras graduações da UFCG, como Engenharia Elétrica, Arte e Mídia, Administração e Engenharia de Produção, hoje 14 alunos são extensionistas no programa. "Inicialmente, recebemos 10 máquinas para descarte e, delas, conseguimos montar dois computadores funcionais por meio do processo de metarreciclagem, que nada mais é do que o conceito de recuperação do conteúdo tecno-tecnológico contido no equipamento", relatou a coordenadora.

A ideia atraiu a atenção da HP, multinacional americana de tecnologia, que, em 2020, propôs-se a fazer uma parceria com a ação. "Eu achava que era uma pegadinha", brinca a coordenadora. "Fui para a reunião descrente, mas, de lá, saímos com essa parceria, que envolve o nosso programa, o Instituto Alpargatas e a HP. Foi a partir disso que surgiu o projeto Um Computador Nota 10, em que recuperamos 30 computadores e os doamos para alunos da rede municipal de ensino de Campina. A HP nos forneceu o *software* livre. Foi uma união de forças que pôde contribuir com o processo educacional da nossa cidade", afirmou Luíza.

Desde que a parceria foi firmada, a iniciativa já beneficiou 108 instituições das zonas rurais e urbanas de Campina, possibilitando a inclusão digital de mais de 220 alunos e 35 professores.

Máquinas recuperadas têm "garantia vitalícia"

O aluno extensionista Arthur Mota, do curso de Engenharia Elétrica da UFCG, conta ainda que o projeto responsabiliza-se pela manutenção das máquinas entregues. "Como fomos nós que montamos, sabemos a procedência de cada peça, então oferecemos às pessoas que recebem as doações dos computadores essa garantia vitalícia. Sempre que der algum problema, eles podem trazer aqui, que vamos procurar resolver", contou.

Já Rayson Gabriel, aluno voluntário no projeto, explicou como é o dia a dia de recuperação das máquinas recebidas, inicialmente, como resíduo para descarte. "Nós começamos pelos monitores, que é o que nos dá a parte visual do *software* do computador. Depois disso, vamos revisando todas as peças do *hardware*". Rayson relata ainda que se interessou pela ação porque já realiza alguns serviços de manutenção de informática em Juazeirinho, cidade onde mora. "Quis usar o que eu já sei para ajudar".

Apesar da grande proporção que a iniciativa de metarreciclagem tomou, a UFCG ainda é a principal fonte dos resíduos eletroeletrônicos. "Os servidores ligam por meio do nosso Disque Coleta, que é o ramal 1188, e avisam que há um material para ser recolhido. Aí eu aciono seu Antônio, que é o nosso agente de coleta, para ele ir até o setor e fazer o recolhimento. Mas várias pessoas param aqui e deixam brinquedos, roupas, livros. Inclusive, montamos uma biblioteca *self-service* gratuita com as doações. Qualquer um pode vir, escolher um livro e levá-lo para casa", detalhou a coordenadora Luíza.

A professora ainda atua na despoluição e pesquisa aquática com o projeto Oceano Além do Mar, que também compõe o programa Mobilização Social em Saneamento Ambiental. Ela afirma que, apesar de Campina estar a 120 km de distância do mar, a poluição oceânica causa danos à cidade. "Eu tenho uma pesquisa na Praia de Intermares em que coleto detritos, nas marés mais altas de janeiro, numa área de 1.500 km. Trago esses resíduos para cá e deixo as amostras mais representativas na nossa estante como material didático".

Cooperativa assegura renda de 50 catadores

Toda a história do programa que hoje atrai parcerias de empresas internacionais começou com o trabalho da professora Luíza Cirne com os catadores da Cooperativa de Trabalhadores de Materiais Recicláveis (Contramare), primeira cooperativa criada na Paraíba, iniciada em 2001 com cerca de 50 catadores que trabalhavam no antigo Lixão do Mutirão, em Campina.

"Esse programa contribui muito para que hoje os catadores tenham caminhões de coleta, todas as licenças e certidões em dia, com nenhum débito negativo. A Cotramare é a beneficiária das nossas ações e Campina Grande foi o primeiro município que começou a pagar pelos serviços prestados na coleta seletiva", informou a coordenadora.

Hoje o trabalho de gestão dos resíduos sólidos realizado pela Contramare é responsável pelo sustento de 16 famílias de catadores. A presidente da cooperativa, Lucicleide Henrique, explica que o programa da UFCG é a ponte entre eles e as empresas que geram os materiais recicláveis.

"Nós somos os agentes ambientais, mas é por meio da ponte feita pela iniciativa que as pessoas, as empresas e os condomínios entregam os resíduos à Contramare".

De acordo com a professora Luíza, atualmente empresas como as redes de supermercado Carrefour, Atacadão e Assaí, o Partage Shopping e o aeroporto de Campina são parceiros do projeto e destinam os seus resíduos à Contramare. "Nós mobilizamos muitas empresas a se adequar à Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e isso tem feito uma grande diferença para os catadores, porque são os grandes geradores que dão volume nas coletas. Não cobramos nada das empresas; a nossa única cobrança é que o resíduo vá para a mão do catador", informou ela.

Segundo Lucicleide, cerca de 100 toneladas por mês de material reciclável são vendidas pela cooperativa para todas as regiões do Brasil. "As caixinhas Tetra Pak retornam para a própria empresa, cuja sede é em São Paulo. O papelão vai para Recife, para uma fábrica de papelão. O plástico filme é vendido a uma empresa aqui de Campina e se torna novas sacolas plásticas", declarou a presidente da Contramare.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Impossibilidade

A impossibilidade da existência de Deus não se prova como se prova a inexistência de um centauro. Não se trata de contar criaturas num inventário do real. Trata-se, antes, de mostrar que certa arquitetura conceitual, a do Deus perfeito, necessário, onipotente e sumamente bom entra em curto-circuito quando exposta à luz das suas próprias exigências lógicas. Não é que falte evidência empírica; é que o conceito, levado a sério, se despedaça.

Comecemos pelo coração do argumento ontológico, essa joia da teologia racional. Plantinga e Gödel formalizaram a intuição anselmiana de que um ser maximamente grande deve existir em todos os mundos possíveis: se Deus existe em algum, existe em todos. A estrutura é elegante, mas frágil como vidro. Basta que se conceda a possibilidade lógica de um mundo sem Deus para que o castelo desabe: a necessidade divina, uma vez exposta à mera possibilidade da ausência, converte-se em impossibilidade. E aqui reside a ironia: os próprios argumentos cosmológicos, de Aquino a Craig, dependem clandestinamente dessa necessidade. O motor imóvel, a causa incausada, o *terminus* do regresso: todos precisam ser necessários, sob pena de o regresso continuar ou de a parada ser arbitrária. Mas, se a necessidade é o preço, a vulnerabilidade é total. Um ser que deve existir em todos os mundos possíveis é um ser que não pode tolerar nem a sombra de um mundo onde não exista. E a sombra, em lógica modal, basta.

Há quem recue para os atributos, buscando refúgio na coerência interna. Mas o Deus todo-poderoso e sumamente bom tropeça no mundo que Ele teria criado. Epícuro formulou a disjunção há mais de dois mil anos: ou Deus quer impedir o mal e não pode, ou pode e não quer, ou nem pode nem quer, ou pode e quer e então de onde vem o mal? A teodiceia responde com o livre-arbítrio, mas o terremoto que soterra uma criança não pede permissão à liberdade humana. William Rowe chamou a isso de "mal gratuito": sofrimento intenso que, sob qualquer perspectiva razoável, não serve a bem maior algum. O cervo que arde por cinco dias após um raio não tem culpa original a expiar. Se Deus é onipotente e bom, por que não intervém? Se não intervém porque não quer, não é bom; se não pode, não é onipotente. A resposta teísta clássica, que Deus tem razões ocultas, é uma promissória que, após séculos de saques, ninguém aceita sem garantia.

> **Mas o Deus todo-poderoso e sumamente bom tropeça no mundo que Ele teria criado**

Some-se a isso o argumento da ocultação, que Schellenberg elevou à maioridade filosófica no fim do século XX . Um Deus que deseja relação com suas criaturas e que é onipotente poderia tornar sua existência inequívoca para todos os que estão abertos à verdade. Ora, a experiência humana é de silêncio. Não o silêncio fértil do místico, mas o silêncio de quem grita num quarto vazio. A ausência de evidência inequívoca, para um ser que supostamente quer ser encontrado, não é mistério pedagógico; é improbabilidade estrutural sob a hipótese teísta. O Deus escondido é ou um Deus que não pode se revelar, logo, não é onipotente, ou um Deus que não quer, logo, não é amor.

Dennett chamaria a isso de recusa dos "ganchos celestiais": o Deus *ex machina* que desce para resolver o enredo é precisamente o tipo de explicação que a ciência aprendeu a desconfiar. Sartre, por sua vez, extraiu a consequência existencial: se Deus não existe, o homem está abandonado, condenado a ser livre sem essência prévia que o justifique. Mas note-se a inversão: a impossibilidade de Deus não é uma perda a ser lamentada; é a condição para que a responsabilidade humana tenha peso. Um mundo com um Deus que garante a justiça final e perdoa as falhas é um mundo onde a ética perde a sua agudeza trágica.

Nietzsche disse que foi o louco quem anunciou a morte de Deus, não os ateus de gabinete. A crônica que aqui se escreve não anuncia morte alguma, apenas constata que o cadáver conceitual, examinado sob a lâmina da lógica modal, da análise dos atributos e da evidência do sofrimento, não apresenta sinais vitais. Quem quiser ressuscitá-lo terá de mostrar que a necessidade divina sobrevive à possibilidade da sua ausência, que a bondade divina sobrevive ao sofrimento inútil, e que a onipotência divina sobrevive ao seu próprio silêncio. Até hoje, ninguém o fez sem apelar, em algum ponto, ao mistério que é, na filosofia, o nome elegante que se dá à derrota.

Colunista colaborador

Gilmar Martins

Secretário de Planejamento da Paraíba

"O estado existe para satisfazer a população"



Foto: Roberto Guedes

Secretário fala sobre os desafios da gestão pública e a importância da participação popular nas decisões do governo

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Gilmar Martins ainda se lembra da primeira vez em que entrou em um planetário. Estudante de escola pública, mal sabia o que encontraria lá dentro. Na volta para casa, de tão encantado que ficou, fez questão de contar à mãe sobre o céu estrelado que havia descoberto naquele dia.

Décadas depois, essa lembrança ainda lhe vem à cabeça quando fala das oportunidades que uma política pública bem azeitada pode proporcionar às pessoas. E é interessante ouvir isso de alguém que passou boa parte da vida debruçado sobre dados diversos. Para ele, seria impossível dimensionar em cifras ou percentuais o significado de experiências como essa, que só saem do papel quando a gestão pública é encarada com seriedade.

Mas é inegável que Gilmar conhece bem os números. Graduado em Ciências Contábeis, com especializações em Contabilidade de Custos, Contabilidade e Auditoria Pública e Direito Constitucional e Financeiro, ele traz na bagagem passagens por diversas frentes da administração pública, incluindo a Controladoria-Geral do Estado (CGE-PB) e o Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), além da experiência como professor.

Em 2019, assumiu a Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão da Paraíba (Seplag-PB), onde desempenha, desde então, um trabalho estratégico que envolve muito mais do que distribuir recursos. Ao encontrar caminhos para transformar ideias em ações concretas, a pasta consegue influenciar a vida de milhares de pessoas. No atual momento, em que a Paraíba acumula resultados positivos em avaliações nacionais de eficiência, competitividade e gestão fiscal, Gilmar defende que os avanços precisam ser acompanhados de melhorias nas condições de vida da população.

Nesta entrevista, ele fala sobre os projetos que têm impulsionado o desenvolvimento do estado, o desafio de manter o equilíbrio das contas públicas e a importância de ouvir os cidadãos para definir as prioridades do governo — até porque, na visão dele, tão importante quanto olhar para os números é enxergar o que eles representam na vida das pessoas.

A entrevista

■ *Você tem uma longa trajetória na administração pública. Como essas experiências influenciaram sua visão sobre a gestão pública?*

Acredito que foi uma sucessão de ocorrências na minha trajetória profissional que, de certa forma, contribuiu para isso. Passei quase 10 anos como contador-geral do Estado, acompanhando de perto as finanças públicas. Depois, tive a oportunidade de conduzir os trabalhos da Controladoria-Geral do Estado, o que me fez ter um olhar mais plural sobre a máquina pública. E, quando surgiu o convite para assumir a Seplag, acho que o processo foi bastante natural. Sobre a administração pública, digo que ela mudou muito, e para melhor. Eu sempre faço questão de fazer esse registro. Houve um tempo em que as contas públicas não eram nem publicizadas. Hoje, você acessa o Portal da Transparência e estão lá os balanços do estado. Aqui, na secretaria, também temos a preocupação de trabalhar o planejamento focado em dados e evidências. Eu brinco que a Secretaria do Planejamento precisa planejar. É chegar para o governador e dizer: "Esse projeto é interessante porque vai impactar positivamente esse indicador". Se você visitar a página da Seplag na *internet*, verá a quantidade de informações que temos à disposição para tomar uma decisão.

■ *A Seplag desenvolve um trabalho de bastidor que nem sempre é compreendido pela população. Afinal, qual é o papel da secretaria?*

A Secretaria de Planejamento está presente em todas as políticas que são executadas pelo governo. Quando vemos a construção de uma creche, de uma ponte ou de um hospital, vibramos com a realização daquela ação, pois também participamos desse processo. Não apenas na discussão, mas na concepção do projeto, sem falar no papel importante que a Seplag tem, e que poucas pessoas sabem, de captar recursos. Quando um projeto é selecionado como estratégico para o governo, cabe à diretoria-executiva de Gestão Estratégica buscar a melhor forma de viabilizar a sua execução. Além disso, de vez em quando, também nos aventuramos a desenhar projetos. Então, a cada quatro anos, fazemos uma proposta de planejamento estratégico para o estado e apresentamos ao governador, ao iniciar o ciclo governamental. Não é com o propósito de impor ou direcionar a política. São projetos pensados pelos técnicos da Seplag a partir desse olhar analítico. Também acolhemos o que chamamos, inicialmente, de ideias de projeto, vindas de outras secretarias. Não precisa ser algo pronto. A partir daí, analisamos, questionamos, debatemos e, se a proposta realmente for boa, apresentamos ao governador. Outra questão que a população talvez não enxergue é esse papel de dar unidade ao planejamento. Já imaginou se não existisse uma secretaria desempenhando essa função?

■ *A Paraíba conquistou o sexto lugar nacional em eficiência da gestão pública e a 12ª posição em competitividade. O que explica esses resultados?*

Pegando primeiro o recorte do Ranking de Competitividade, que é uma ação liderada pelo CLP [Centro de Liderança Pública], nos últimos cinco anos, a Paraíba ou foi a primeira ou a segunda colocada no Nordeste. Já ouvi alguns comentários dizendo que isso não passaria de um "voo de galinha", expressão usada na economia para dizer que foi um ano atípico, algo momentâneo. Eu brinco que a galinha está quase virando um cisne, já que o voo está se tornando mais longo. Quer dizer que, ao longo do tempo, temos conseguido manter esses bons resultados. A eficiência da máquina é outra busca, por uma razão simples: quando há recursos disponíveis em abundância, você pode até se permitir ter um pouco de desperdício e, ainda assim, continuar alcançando resultados. Mas a Paraíba é um estado pequeno da Federação, com uma economia em desenvolvimento, embora tenha conseguido, nos últimos anos, um crescimento do PIB [Produto Interno Bruto] acima das médias regional e nacional. Então a eficiência passa por esse ajustamento. É fazer cada vez mais com os recursos que temos.

■ *A Paraíba também conquistou a classificação Capag A+ pelo sexto ano consecutivo. O que essa boa avaliação das contas públicas significa para o estado e para a população?*

É como se o Governo Federal dissesse: a Paraíba é um estado que paga direito. E isso é importante para o orçamento, porque nos possibilita contratar operações de crédito e dar maior vazão aos projetos estruturantes do estado. A partir da confiança que o mercado tem na Paraíba, conseguimos potencializar a nossa capacidade de investimento. Isso também estimula parcerias, porque a iniciativa privada e outros organismos passam a olhar para o estado de maneira diferente. Lá atrás, conquistamos a classificação Capag A, pela Secretaria do Tesouro Nacional. Em 2022, o [então] governador João Azevêdo autorizou a contratação de uma agência internacional para avaliar a situação financeira da Paraíba. Contratamos a Standard & Poor's [atual S&P Global Ratings]. No início, tivemos uma nota que já era muito boa para um ente subnacional. Então aconteceu algo interessante: o governador foi participar de uma reunião do Consórcio Nordeste, em Pernambuco, e um representante da Agência Francesa de Desenvolvimento o procurou; ele queria conhecer a Paraíba, pois havia tomado conhecimento da avaliação da S&P. Depois, esse mesmo representante veio ao estado e conseguimos contratar operações de crédito para a Cagepa [Companhia de Água e Esgotos da Paraíba] em condições mais favoráveis.

■ *Quais projetos e políticas públicas você considera mais importantes nesse processo?*

Todas as políticas públicas executadas pelo governo têm a mesma importância — que não se mede pelo volume de recursos. Na segurança pública, por exemplo, tivemos o projeto dos Centros Integrados de Comando e Controle [Ciccs], que considero formidável. Quando olhamos a segurança hídrica, temos a construção de barragens e adutoras, algo muito importante para um estado que está cravado no semiárido. Já no turismo, acho fantástico que o governo tenha desenvolvido uma política pública com foco na geração de emprego e renda. O Paraíba World Beach Games, a título de ilustração, acontece em um período pensado para movimentar a baixa estação. Você traz atletas de outros estados e movimenta hotel, restaurante e transporte. E temos também as ações sociais, executadas principalmente pela Secretaria de Desenvolvimento Humano, como o Tá na Mesa. Às vezes, as pessoas não entendem a importância de um restaurante popular em uma cidade do interior. Quando o programa surgiu, havia restaurantes fechados por conta da pandemia. E o proprietário estava sem renda, pois não havia clientes. Já do outro lado, tínhamos pessoas passando necessidade. Foi uma ação pensada para um momento pontual, mas ajudou a melhorar não só a vida dos cidadãos, como a atividade econômica das cidades.

■ *A Paraíba liderou o Norte e Nordeste no Índice de Progresso Social. Como fazer com que o desenvolvimento chegue também aos municípios menores?*

Esse indicador é muito interessante, pois não diminui a importância do nosso velho conhecido PIB. Só que ele mede a riqueza produzida em um território, enquanto o Índice de Progresso Social tenta verificar o quanto dessa riqueza gerada está repercutindo na vida das pessoas. Nos últimos levantamentos, a Paraíba tem sido destaque. Quando olhamos o recorte municipal, vemos que o PIB também começa a impactar o interior do estado. Um dos focos que temos no planejamento é possibilitar a geração de emprego e renda em todos os municípios da Paraíba. Eu sempre digo que precisamos levar a infraestrutura mínima para viabilizar a instalação de uma empresa em qualquer um dos nossos 223 municípios. Precisamos ter água, esgotamento sanitário, rede de dados, estradas. Isso torna o município mais atrativo.

■ *O Orçamento Democrático permite que a população participe das decisões do governo. Como essa escuta funciona e se transforma em ações concretas?*

Eu gosto de acompanhar as plenárias do Orçamento Democrático Estadual. Poderia ficar no gabinete, olhando os dados e os indicadores no computador, mas só vou vivenciar a experiência do cidadão de determinado município se eu for até lá. Talvez, para alguém do interior, a construção da Ponte do Futuro, interligando Cabedelo, Santa Rita e Lucena, não vá gerar um impacto direto em sua vida — embora a gente saiba que, indiretamente, vai. Mas, se ele tem uma demanda que pode atender a uma necessidade da sua comunidade, é preciso escutá-lo. O Orçamento Democrático é lei no estado, e precisávamos tornar esse processo mais sério e efetivo, com a tecnologia que temos à disposição. Não podemos perder a oportunidade de escutar o cidadão. Antes, o processo era presencial e físico, normalmente em um ginásio ou em uma escola. Mas imagine um cidadão que gostaria de estar naquela plenária, mas não teve oportunidade de ir. Foi daí que surgiu, em 2020, a plataforma de votação do Orçamento Democrático. O cidadão apresenta suas demandas, mesmo a distância, e a gente consegue saber as prioridades de cada região para incorporá-las ao projeto de orçamento anual. Outra evolução foi a criação dos marcadores orçamentários. Era uma reclamação da sociedade: como enxergar, no orçamento do estado, aquilo que foi proposto por ela? Com esses marcadores, o cidadão pode acessar o Portal da Transparência e verificar quais políticas públicas estão sendo realizadas a partir desse diálogo. Agora, eu ainda considero baixa a participação popular, em termos percentuais. Em números absolutos, são quase 180 mil pessoas. Parece um número considerável, mas o ideal seria ter ainda mais participação.

■ *Você participou de um debate nacional sobre a governança das estatais. Como conciliar os resultados financeiros com a função pública que desempenham?*

Na Paraíba, temos uma situação que considero confortável. São cinco empresas estatais independentes, que se autossustentam. Mas existe uma questão muito importante nessa discussão. Quando falamos em empresa, a expressão traz ao nosso inconsciente a ideia de resultado lucrativo. Só que, quando você fala de uma estatal, não está falando de uma empresa qualquer. Primeiro, porque essa lógica não cabe ao estado; ele não existe para gerar lucro nem superávit, mas para satisfazer as necessidades da população. Então, quando falamos em estatal, eu sempre faço a seguinte reflexão: ela pode até gerar déficit de forma continuada e se justificar. Pense em uma empresa de pesquisa. Você pode levar cinco anos fazendo investimentos e, depois, ter um resultado enorme para a sociedade, e não, necessariamente, do ponto de vista lucrativo. O valor da Empaer [Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária], por exemplo, não está apenas no resultado financeiro, mas no impacto que sua pesquisa pode trazer aos paraibanos. Existe uma função social a se cumprir.

■ *Recentemente, você recebeu a Medalha Farol da Educação. O que essa homenagem representa?*

Fiquei muito feliz. Além da experiência na administração pública, também lecionei por muitos anos na graduação. Então conheço bem esse processo de ensino. Acho que todo mundo tem uma memória afetiva do período de colégio. Quando você destina recursos para a educação, seja para a valorização profissional ou para honrar o pagamento do piso do magistério, tudo isso é importante. Mas, tão importante quanto ter um professor valorizado do ponto de vista remuneratório, é proporcionar um ambiente de trabalho adequado. Quando viajo para o interior do estado e vejo uma sala de aula com ar-condicionado, fico satisfeito. Não é luxo. O aluno vai conseguir se concentrar na atividade, e o professor também terá um ambiente mais adequado. Uma quadra coberta, um laboratório de pesquisa, tudo isso abre caminhos para os jovens. Estudei em escola pública e lembro que, uma vez, ainda no Ensino Médio, visitamos um planetário. Eu não sabia nem o que era aquilo. Quando voltei para casa, lembro de contar à minha mãe: 'É fantástico! A gente fica sentado numa cadeira e vê o mundo todinho estrelado'. Esse é um investimento que transforma vidas.

ENEM

Estudantes colocam planos à prova

Mais de 140 mil paraibanos devem fazer, hoje e no próximo domingo (15), o exame que permite entrada na graduação

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com



Fotos: Julio Cezar Peres

Demétrio está concluindo o Ensino Médio e pretende cursar Psicologia: "Quero ter meu lugarzinho e estabilidade financeira"

Um total de 140.745 estudantes da Paraíba são esperados hoje para o primeiro dia de provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2026. Os portões serão abertos às 12h e fechados às 13h, no horário de Brasília. O início das provas está previsto para as 13h30. Neste primeiro dia, os participantes encaram 45 questões em cada área do conhecimento, nas provas de Linguagens, Redação e Ciências Humanas. No próximo domingo (15), eles voltam para responder às provas de Ciências da Natureza e Matemática.

Entre os participantes, 27,4% são estudantes concluintes do Ensino Médio da rede pública, número que coloca a Paraíba na quinta posição do Nordeste nessa categoria. No estado, a prova será aplicada em 55 municípios e terá a cara da juventude estudante, com 71% dos inscritos com idade até 20 anos. Para esses jovens, o exame reúne duas etapas de um mesmo percurso: a bagagem de conhecimentos construída no Ensino Médio e as expectativas sobre o caminho que pretendem seguir quando deixarem a escola.

Aos 18 anos, Demétrio Farias já ensaia os primeiros passos de uma vida que ainda está começando a desenhar. Estudante do 3º ano da Escola Cidadã Integral Solon de Lucena, em Campina Grande, ele pretende cursar Psicologia, área que o atrai pela possibilidade de compreender a mente humana e os diferentes comportamentos. A escolha também nasceu de uma característica que os amigos costumam reconhecer nele: a disposição para ouvir o que os outros têm a dizer.

Quando se sentar diante da prova, Demétrio levará consigo planos que vão muito além da nota que pretende alcançar. "Depois de formado, quero exercer a profissão e pretendo abrir o meu consultório. Ter também meu lugarzinho, uma casa própria, estabilidade de vida financeira para que eu possa ajudar minha família e a mim mesmo", afirma. Para chegar a esse objetivo, Demétrio dedicou o ano à preparação para o exame.

Estudante de uma escola pública desde o início do Ensino Médio, ele teve apoio dos professores, que trabalharam conteúdos recorrentes no Enem, aplicaram exercícios e organizaram testes semelhantes aos da avaliação. "Como eu estudo [em uma escola] semi-integral, tive muita ajuda dos professores. Também procurei cursinho de graça e consegui. Todo sábado eu ia para um cursinho gratuito. Os professores ajudaram muito, porque focavam em assuntos que caem no Enem, faziam perguntas e testes que se pareciam muito com a prova", relata.

Em Campina Grande, 18.913 pessoas estão inscritas no exame, aproximadamente 13% do total paraibano. Morador do bairro Ramadinha, Demétrio vive com a mãe, que é dona de casa, e dois irmãos. Para ele, a aprovação representa uma possibilidade de começar a construir as condições de vida que imagina para si e para a família. "Eu estou bem relaxado, porque sinto que estou preparado, e também tenho consciência de que, se não conseguir, posso tentar de novo no próximo ano", declara.

Escola em Campina prepara alunos desde o começo do Ensino Médio



Plano inclui simulados e testes vocacionais, diz Gabrielle

A tranquilidade de Demétrio diante da prova também tem relação com o trabalho desenvolvido ao longo dos três anos de Ensino Médio na Escola Solon de Lucena. Segundo a diretora Gabrielle Dantas Guimarães, os estudantes têm contato com atividades voltadas ao Enem desde o 1º ano. A instituição possui 278 alunos no Ensino Médio, dos quais 68 estão no 3º ano. Em edições anteriores do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), a escola chegou a registrar de 10% a 15% de aprovação nas primeiras chamadas das universidades públicas.

"Na aula, os alunos fazem simulados idênticos ao Enem, com a mesma quantidade de questões, o mesmo modelo de questão e o mesmo tamanho da redação. No contraturno, a gente convida professores de outras escolas para diversificar as aulas", explica Gabrielle. A preparação para o exame vai além do domínio dos conteúdos cobrados na prova. Para as escolas, também existe o desafio de ajudar os estudantes a compreender as profissões que começam a colocar no horizonte.

Na Escola Solon de Lucena, esse trabalho é realizado em parceria com instituições de Ensino Superior, entre elas a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que desenvolve atividades sobre ingresso e permanência na universidade pública. Eles também fazem testes vocacionais e esclarecimentos sobre os cursos, além de discutir temas como cotas, bolsas, formas de ingresso e condições para permanecer na instituição.

"Aqui, na escola, os estudantes integram o programa Pé-de-Meia. Estando na universidade, eles querem saber sobre bolsas, sobre cotas… Eles têm muitas dúvidas", conta a diretora. Gabrielle observa que alguns alunos chegam ao Ensino Médio com uma escolha profissional bem definida. Outros farão o Enem hoje ainda cheios de dúvidas sobre qual carreira seguir ou como conciliar as próprias expectativas, que nem sempre correspondem ao funcionamento ou à remuneração das profissões.

"Mas eles estão em uma fase de muitas mudanças. Inclusive, às vezes entram para o curso e mudam de ideia. Muitos têm uma ideia romantizada sobre a profissão: 'Ah, eu quero fazer Medicina, quero ser pediatra', mas depois vão ver que o caminho não é esse, não é rápido. Tem que fazer todo um curso para, no final, escolher, depois fazer uma residência", exemplifica.

Criado em 1998 para avaliar o desempenho dos estudantes ao fim da Educação Básica, o Enem passou, em 2009, a ser utilizado também como instrumento de acesso ao Ensino Superior. As notas podem ser aproveitadas em seleções como o Sisu e o Programa Universidade para Todos (Prouni), além de processos relacionados ao Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), conforme as regras vigentes. Em 2026, o exame também passa a integrar o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), ampliando sua participação na avaliação do Ensino Médio brasileiro.

Experiência como treineiro ajuda quem fará o teste "para valer"

Em João Pessoa, 34.347 pessoas estão inscritas no Enem 2026, o equivalente a 24% dos participantes da Paraíba. Uma delas é Raphaela Beatriz Cunha de Brito, de 17 anos, estudante do Centro Integrado de Tecnologia e Inovação Professor Raul Córdula, na Torre. Ela tem se dedicado muito para que seu nome seja reconhecido, futuramente, como o de uma grande advogada paraibana.

A jovem fará o Enem hoje de olho em uma das vagas do curso de Direito na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Consideradas todas as graduações, a instituição terá 8.005 das 21.988 vagas oferecidas pelas universidades públicas da Paraíba no Sisu 2026. "Eu sempre tive muita afinidade com o Direito. Na escola, gosto muito de resolver problemas, tanto que sou presidente do grêmio. Também gosto muito de ler, não tenho problema nenhum em analisar um livro enorme. E gosto muito de me comunicar, de falar, por isso vejo que o Direito é uma das áreas que mais combina comigo", aponta.

Moradora de Mangabeira, ela vive com os pais — um farmacêutico biomédico e uma gestora de pessoas. A preparação para o Enem começou no início do ano, com estudos diários e um cursinho *on-line* para complementar as aulas da escola. Nos últimos dias, Raphaela concentrou-se em revisões de conteúdos de disciplinas como Geografia e Filosofia, mas também reservou tempo para descansar, ler, assistir a filmes e cozinhar.

Algo que contribui para sua confiança é a experiência obtida, na edição anterior, como treineira — como são chamados os estudantes que fazem o Enem, mas que ainda não estão concluindo o Ensino Médio. "Estou relativamente tranquila porque tenho mais facilidade nas áreas de Humanas, Linguagens e Redação. Já tive muitas notas boas na Redação, inclusive no Enem do ano passado, quando fiz como treineira e tirei 940. Mas ainda estou um pouco ansiosa e nervosa, porque esse vai ser meu último Enem do Ensino Médio", conta.

Raphaela integra o grupo de 49.361 estudantes que estão cursando a última série do Ensino Médio e participam do Enem na Paraíba, o equivalente a 35% dos inscritos. A maior parcela, de 40%, é formada por pessoas que já concluíram o Ensino Médio. O otimismo da estudante também vem de suas participações na Olimpíada Nacional em História do Brasil. Em 2024, chegou à semifinal. No ano seguinte, avançou à etapa nacional, disputada em Campinas. Em 2026, voltou à final e conquistou uma medalha de bronze nacional e uma de ouro estadual.

Referência

Os resultados dos estudantes paraibanos no acesso ao Ensino Superior público também integram esse conjunto de referências para quem pretende ingressar na universidade. No Sisu 2026, a Paraíba alcançou o primeiro lugar nacional no percentual proporcional de aprovados entre os concluintes da rede pública inscritos no Enem. A taxa chegou a 72%, a maior do país. Para Raphaela, os números ajudam a dimensionar as possibilidades que se abrem depois do Ensino Médio.

"Eu espero que dê tudo certo. Espero que eu me identifique, que acabe não me decepcionando com a área que escolhi e que possa continuar firme nela e ter sucesso. É uma área que tem emprego, tem concursos e várias possibilidades de atuação. Planejo poder comprar meu apartamento, morar sozinha, viajar e conquistar minha autonomia e independência financeira. Acho que o Direito pode, em longo prazo, me proporcionar isso", almeja a estudante.

Em todo o estado, 49.361 concluintes do Ensino Médio devem prestar o exame, o que corresponde a 35% dos inscritos

EDIÇÃO: João Pedro Ramalho
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro

CONTAMINAÇÃO

Comida de rua exige atenção dobrada

Tanto quem vende quanto quem consome deve ter cuidado com a higienização ao manipular alimentos ao ar livre

Henrique Toscano
henritosca06@gmail.com



Fotos: Leonardo Ariel

Locais com infraestrutura inadequada aumentam risco de contaminação cruzada, e nem toda infectação é aparente a olho nu

Quem opta por consumir comida vendida na rua pode estar sendo prático e econômico. Na pressa do dia a dia, fazer um lanche rápido e barato é um hábito que se adequa à rotina de muitas pessoas. Porém, a observação da higienização na manipulação dos alimentos não deve ser negligenciada — seja por quem vende, seja por quem consome.

O Ministério da Saúde aponta que a alimentação de rua é um componente essencial da economia urbana e da cultura alimentar brasileira, mas enfatiza que o setor exige atenção contínua. A principal ressalva do órgão, porém, é com a ausência de infraestrutura básica em muitos locais, como água encanada e esgoto nas vias públicas. Essa condição eleva o risco de contaminação cruzada, caracterizada pela transferência de microrganismos patogênicos ou substâncias nocivas de um alimento, objeto ou superfície contaminada para outro pronto para consumo. Como consequência, o risco sanitário é agravado.

O biomédico André Lopes de Lima esclarece que, frequentemente, quando os lanches de rua são testados em laboratório, as análises microbiológicas identificam indicadores de condições higiênico-sanitárias inadequadas, além de microrganismos potencialmente patogênicos. Além disso, quando são encontradas alterações microbiológicas em um alimento, não se está identificando apenas um problema de conservação, mas possíveis falhas em etapas fundamentais da cadeia de produção e comercialização.

"Uma revisão publicada no *Journal of Applied Microbiology* [*Revista de Microbiologia Aplicada*], em 2023, destaca que alimentos comercializados nas ruas, frequentemente, apresentam elevadas contagens de bactérias indicadoras de contaminação fecal e diferentes patógenos de importância para a saúde pública. Outro aspecto importante é que a análise laboratorial não se limita à identificação de bactérias. Dependendo do alimento e do risco investigado, também podem ser pesquisadas toxinas e outros metabólitos microbianos", especifica André.

Percepção

Alimentos infectados por agentes biológicos podem não apresentar nenhuma mudança distinguível a olho nu, permitindo que alguém os consuma sem perceber qualquer sinal de contaminação. "Essa é uma das questões mais importantes quando falamos sobre segurança alimentar. Um alimento contaminado não precisa apresentar qualquer alteração de cheiro, cor, textura ou sabor. É perfeitamente possível que uma comida esteja contaminada por bactérias patogênicas ou contenha toxinas microbianas e mantenha suas características sensoriais aparentemente normais", explica o biomédico.

Isso acontece porque os microrganismos responsáveis por doenças transmitidas por alimentos nem sempre provocam deterioração perceptível. Para André de Lima, é fundamental desconstruir a ideia de que o consumidor pode confiar apenas no cheiro ou na aparência para medir a segurança de uma comida. "Um alimento com apresentação agradável não significa necessariamente que ele seja seguro. A segurança microbiológica precisa ser garantida pelas boas práticas de manipulação, conservação e controle sanitário, e não pelo julgamento sensorial do usuário", pontua.

Microrganismos

Os principais microrganismos de interesse para a segurança dos alimentos são bactérias de origem intestinal, bactérias associadas à manipulação humana e microrganismos capazes de produzir toxinas. A prevenção da contaminação por esses agentes depende de um conjunto de medidas que precisa ser observado desde a aquisição dos ingredientes até o momento em que o item chega a quem vai consumi-lo.

"Minha principal orientação é: não escolha um alimento apenas pela aparência ou pelo preço. Observe as condições do ambiente, a higiene de quem manipula, a conservação dos ingredientes e a forma como ele é preparado. Também precisamos compreender que a comida de rua não deve ser tratada como sinônimo de alimento contaminado", afirma o biomédico André de Lima.

Segundo ele, o comércio ambulante possui importância econômica, social e cultural. "O que devemos defender é a profissionalização da atividade, a educação sanitária, a fiscalização e a adoção de boas práticas. Para tanto, a microbiologia tem papel fundamental nesse processo, pois permite identificar perigos que os olhos não conseguem enxergar e fornece evidências científicas para proteger a população", ressalta.

Quem busca diversão na praia não pode dispensar cautela

Na orla pessoense, alguns vendedores e consumidores demonstram estar atentos à limpeza das iguarias comercializadas. A nutricionista baiana Cynara Portela do Nascimento afirma ter muita preocupação com a higiene do que vai ingerir fora de casa.

"Como os alimentos podem veicular doenças, se não forem bem preparados, podem nos gerar muitos problemas. Enquanto algumas pessoas possuem maior resistência para desenvolver uma doença, outras apresentam um risco bem mais elevado. Contudo, existem as infecções e as complicações variam. Algumas pessoas têm diarreia, enquanto outras desenvolvem febre, caracterizando uma infecção, e, quando vêm as febres, a resposta do organismo é muito maior. Por isso, é preciso que se tenha muito cuidado. Não é à toa que a vigilância sanitária deve atuar de forma constante, especialmente na área de praia", frisou a nutricionista.

O servidor público Leonardo Moreira Cavalcanti de Sousa e sua esposa, a estudante Mariana Rodrigues, contaram alguns critérios que adotam antes de escolher onde comprar comida. "Nós tentamos relevar um pouco, mas observamos as pessoas que estão vendendo, como o alimento é produzido, fornecido e, por fim, o gosto. Se estiver com um cheiro diferente ou com o sabor inicialmente estranho, preferimos descartá-lo", enfatizou Leonardo.

Já o comerciante Diogo Henrique de Santana vende petiscos e cervejas na praia há quatro anos. Ele garante que sempre procura ser o mais higiênico possível na preparação e no manuseio dos produtos oferecidos à clientela. "Mantenho o meu carrinho higienizado. É tudo organizado, uso luvas para pegar no dinheiro, guardanapos, álcool e faço a troca regular do óleo no qual frito o camarão, que já trago pré-cozido de casa; tudo certinho", informou.

O cantor e fonoaudiólogo brasiliense André Fantom estava em uma barraca no litoral da Grande João Pessoa, acompanhado de esposa, filhos, sogra, cunhada e sobrinhos. O grupo gosta de frequentar o mesmo ponto comercial há alguns anos. "Um dos motivos que nos faz voltar ao estabelecimento é a limpeza, pois nos importamos muito quanto a essa questão. Consumimos iguarias oferecidas pela barraca, mas também trazemos comidas e alguns utensílios de casa, como copos. Apesar de que, há momentos em que o cuidado mais minucioso com a desinfecção pode passar despercebido, como quando estamos comendo e usando o celular. Sabemos que é um aparelho que acumula bactérias e não damos a devida atenção a isso", sublinhou.



Cynara alerta para chance de reações adversas à comida



Fernando garante ser cauteloso ao preparar milho gourmet

Faz dois anos que Fernando Mariano — o "Xará" — trabalha vendendo o seu "milho divino *gourmet*" próximo ao calçadão da orla paraibana. O comerciante destacou que é bastante consciente e cauteloso no que se refere ao asseio dos produtos que oferece ao público. "Uso touca e luvas. O pote com o milho é entregue com tampa para não cair poeira nem areia. Isso transmite uma boa impressão e passamos qualidade ao cliente, até porque todos são exigentes. O sucesso do meu comércio está nesses e em outros detalhes, como no meu tempero, que não é pré-pronto, já que tudo é assado e feito na hora. Por isso que as pessoas compram a mim; aqui ou quando saio 'cardapiando' pela praia, nos guarda-sóis", relatou.

Há quatro anos gerenciando o Ponto Bom a Bessa, Victor Fernando ressalta a sua preocupação com a segurança dos itens do cardápio. Ele oferece espetinhos, porções de peixe, de camarão, de carne de sol, entre outros itens. "Tudo muito bem higienizado e produzido no dia. Não passamos o que é do dia anterior. Fazemos em casa, utilizando luva, touca, seguindo todas as recomendações. Acho que, por essa razão, sempre fomos bem elogiados nessa área", apontou.

Saiba Mais

Informações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) mostram que entre os achados mais comuns em alimentos de rua estão:

- Coliformes totais e termotolerantes: sua presença sinaliza falhas nas condições de higiene e na qualidade da água;
- *Escherichia coli*: dependendo da cepa, a presença da bactéria causadora da cólera sugere contaminação de origem fecal e representa risco direto à saúde;
- *Staphylococcus aureus*: essa bactéria faz parte da microbiota normal do corpo humano e, nos alimentos, é frequentemente associada à manipulação convencional, em especial quando as comidas entram em contato com a pele ou com secreções;
- *Salmonella spp.*: costuma estar relacionada à contaminação de carnes, ovos e outros itens que utilizam esses ingredientes;
- *Bacillus cereus*: merece atenção especial em alimentos à base de arroz, massas e outros produtos ricos em amido.

CÂMERAS DE VIGILÂNCIA

Tecnologia amplia segurança na PB

Com cerca de 1,7 mil aparelhos conectados a três centrais, rede tem contribuído para a prevenção e o combate ao crime

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com



Foto: Carla Miranda

Equipamentos são vinculados aos CICCs, mantidos pelo Governo Estadual e sediados em João Pessoa, Campina Grande e Patos

Quantas câmeras de vigilância são necessárias para tornar uma cidade mais segura? Da capital ao Alto Sertão, elas estão presentes em ruas, avenidas e espaços públicos de várias partes da Paraíba, conectadas à rede estadual de videomonitoramento. São aproximadamente 1,7 mil aparelhos ligados aos Centros Integrados de Comando e Controle (CICCs), da Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds), cuja atuação alcança os 223 municípios paraibanos. Na prática, essa tecnologia permite reconhecer rostos, identificar placas de veículos e acompanhar ocorrências em tempo real, auxiliando o trabalho das Forças de Segurança como um todo. Mas qual é o verdadeiro impacto dessas ferramentas no combate à criminalidade?

Para começar a responder essa pergunta, vale retroceder até as festas de São João deste ano em Campina Grande — que, só no Parque do Povo, reuniram 3,4 milhões de pessoas. Em meio à multidão, foram as câmeras, aparelhadas com o recurso de reconhecimento facial, que ajudaram a identificar desde pequenos tumultos até indivíduos procurados pela Justiça. Para se ter ideia, segundo o coronel Júlio César de Oliveira, coordenador estadual dos CICCs, 60 foragidos foram capturados durante as operações de segurança nas festividades juninas da cidade. "Nós temos alcançado resultados importantes, a partir da integração com o Corpo de Bombeiros e as polícias Penal, Militar e Civil".

Números

Os avanços não se limitam à segurança de grandes eventos. Para o cientista político José Maria Pereira da Nóbrega Júnior, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), "a ampliação e a modernização do videomonitoramento estão associadas à redução da criminalidade violenta no estado", principalmente nas regiões de João Pessoa e Campina Grande. O *Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2026*, inclusive, aponta que, de 2024 a 2025, a taxa de mortes violentas intencionais caiu 3,9%, passando de 25,6 para 24,6 casos a cada 100 mil habitantes. A redução, aliás, também aparece em algumas modalidades de crimes contra o patrimônio: no mesmo período, os roubos de celulares passaram de 2.082 para 1.598 ocorrências, enquanto os assaltos a transeuntes caíram de 2.305 para 1.772. Outro indicador — o esclarecimento de homicídios — merece atenção. "O nível saltou de 41%, em 2023, para 60%, em 2025, segundo o Instituto Sou da Paz", destaca o professor.

Além de mostrar que o sistema funciona, esse balanço nos ajuda a compreender como a articulação entre as Forças de Segurança faz diferença nos resultados, sobretudo quando há dados em tempo real à mão. "Os centros são dotados de informações que servem de orientação para as forças e os órgãos integrados", complementa Júlio César. Nesses espaços, que funcionam como uma espécie de centrais de operações integradas, informações são compartilhadas a todo instante por policiais, bombeiros e agentes de trânsito. Segundo o coronel, essa estrutura — tanto física como virtual — também envolve instituições como o Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), a Polícia Rodoviária Federal (PRF) e a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana da capital (Semob-JP).

Funcionamento

Tudo começa com o que as câmeras captam nas ruas: uma movimentação duvidosa, um rosto já conhecido pela polícia ou a placa de um veículo sob suspeita. A partir daí, o sistema cruza as informações e, caso identifique alguma irregularidade, encaminha um alerta a um dos três CICCs da Paraíba — sediados em João Pessoa, Campina Grande e Patos. Conforme Fabiano Vieira, gerente de Tecnologia da Informação (TI) da Sesds, embora a maior parte dos equipamentos esteja concentrada nessas cidades, o monitoramento também abrange municípios como Cabedelo, Bayeux, Santa Rita, Bananeiras e Bonito de Santa Fé, além de pontos estratégicos do Alto Sertão, inclusive nas divisas com outros estados. A previsão, aliás, é que o estado chegue a 1,8 mil câmeras até o fim deste ano, com a abertura de duas novas centrais no horizonte próximo, em Guarabira e Cajazeiras.

Mas, independentemente de onde venham os alertas, uma coisa é certa: todos passam pela análise dos operadores. "Os centros recebem os alertas, os monitoradores os analisam e, caso necessário, encaminham uma guarnição para o local", detalha o especialista, reforçando que é justamente essa verificação humana que determina se a situação demandará uma intervenção policial.

Os cuidados não param por aí. Segundo Fabiano, as imagens captadas ficam armazenadas por até 60 dias, enquanto o acesso às gravações é restrito aos policiais cadastrados nos CICCs, que só podem consultá-las dentro das próprias unidades, para garantir a segurança das informações. Isso não se trata de um cuidado à toa. A Prefeitura de São Paulo (SP), por exemplo, abriu uma investigação sobre o vazamento de dados sigilosos relacionados às câmeras do programa Smart Sampa, após identificar uma falha de segurança. Por lá, a exposição indevida de *links* de acesso, atribuída a um agente público, teria permitido a visualização de imagens de aparelhos instalados em áreas residenciais.

Foto: Arquivo pessoal



A ampliação e a modernização do monitoramento estão associadas à redução da criminalidade violenta no estado

José Maria da Nóbrega

Articulação institucional potencializa a atuação dos órgãos

Engana-se quem pensa que o videomonitoramento funciona sozinho. Nos CICCs, tudo está conectado. De acordo com o coronel Júlio César, às câmeras somam-se outros dois subsistemas: o de radiocomunicação digital criptografada, responsável pela comunicação entre as instituições, e o de atendimento e despacho de urgências e emergências, ligado aos telefones 190, da Polícia Militar da Paraíba (PMPB), e 193, do Corpo de Bombeiros Militar do estado (CBMPB). Até o georreferenciamento das viaturas entra no processo, já que permite identificar quais equipes estão mais próximas de uma ocorrência e, com isso, agilizar o atendimento. O objetivo, segundo o coronel, é "que o tempo de resposta seja o menor possível".

Aparato

Sistema também conta com recursos de radiocomunicação digital, atendimento e despacho de urgências e georreferenciamento das viaturas nas ruas

E, se cada subsistema tem seu papel, com as câmeras não é diferente. Como explica o coordenador dos CICCs, enquanto algumas são utilizadas para reconhecimento facial e leitura de placas, outras — chamadas de "câmeras de contexto" — acompanham a movimentação em pontos estratégicos das cidades, escolhidos a partir de "análises sobre a concentração de crimes".

Aliás, vale destacar que nem sempre houve toda essa integração. Ao traçar a origem das centrais, o coronel ressalta que o projeto surgiu, justamente, da necessidade de aproximar instituições que, até então, trabalhavam de forma isolada. E essa falta de articulação não passava despercebida aos olhos dos responsáveis pela segurança pública no estado: além de dificultar a comunicação entre os órgãos, comprometia os resultados das operações, com indicadores abaixo do esperado. "A parte investigativa não tinha consonância com a parte preventiva", lembra Júlio César. Foi a partir daí que a mudança aconteceu, resultando em uma maior capacidade de elucidação de crimes, como ele observa.

Há, contudo, um ponto em aberto. Em João Pessoa, a conexão das centrais com as mais de 2,5 mil câmeras do programa Smart City — resultado da parceria entre a prefeitura e a Agência de Fomento de Inovação Tecnológica da capital (Inovatec-JP) — ainda não foi estabelecida. De acordo com Fabiano Vieira, a Sesds chegou a solicitar formalmente essa integração, mas, até o momento, não recebeu retorno da gestão municipal. "Nosso sistema está pronto para isso", garante.

Engenharia

Depois desse mergulho pela rede de videomonitoramento, é hora de ampliar a discussão: será que espalhar câmeras pelas cidades é suficiente para reduzir a criminalidade? Embora reconheça que a tecnologia pode dificultar a atuação de criminosos, José Maria faz uma ressalva: não dá para esperar que as câmeras, sozinhas, resolvam um problema tão complexo. "Esses dispositivos são importantes, mas insuficientes para uma boa gestão da segurança pública. Por si sós, eles não vão controlar o crime e a violência sem instituições que cumpram seu papel", analisa o cientista político.

É por isso que a integração faz tanta diferença — e não somente entre os sistemas, como também na atuação das instituições. "Polícias, Ministério Público, Judiciário e sistema carcerário precisam articular estratégias com o governo para catalisar o processo, sem o qual o videomonitoramento terá pouca eficácia", argumenta. José Maria prefere falar em "engenharia da segurança pública", que demanda alinhamento para funcionar bem.

Isso significa que as polícias devem trabalhar de forma articulada, os dados precisam orientar decisões baseadas em evidências e os demais órgãos ligados à Justiça precisam fazer sua parte. "A segurança pública é uma 'engenharia institucional' que precisa estar bem lubrificada para gerar bons frutos", define o especialista, reforçando que a rede de vigilância deve continuar se expandindo por todas as regiões do estado.

TALENTO PARAIBANO

Artista quer ampliar ações educativas

Em cartaz com peça natalina no Sul, Toninho Miranda planeja utilizar ateliê para ministrar cursos e oficinas

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com



Foto: Divulgação/LightWire

Figurinista assina a indumentária cênica de O brilho do Natal, *apresentado em Gramado (RS)*

Com um olhar autoral que carrega consigo elementos culturais do Nordeste, o ator e figurinista paraibano Toninho Miranda tem conquistado espaço no mercado de entretenimento, moda e artes cênicas de todo o Brasil. Atualmente em cartaz com a indumentária cênica do espetáculo *O brilho do Natal*, que integra os palcos do Natal Luz de Gramado (RS), o artista inaugura, neste mês, um ateliê em São Paulo (SP) e planeja utilizar o espaço para ampliar suas atividades no campo acadêmico e formativo, ministrando cursos, oficinas e palestras para capacitar novos profissionais.

A iniciativa, chamada "Do Croqui à Cena", aborda a união entre arte e negócios, e é um projeto com que Toninho sonha há muito tempo. Tendo trabalhado com nomes como Juliette, Xand Avião e Carlinhos Brown, assim como em festivais como o The Town e espetáculos como *Cinderella – O musical da Broadway*, o artista acredita que saber gerir as mídias sociais é um conhecimento tão indispensável quanto a técnica, a criatividade e o desenvolvimento de uma identidade visual própria.

Criatividade, para Toninho, tem a ver com permitir-se: experimentar coisas novas, cometer erros, fazer testes, brincar com os materiais utilizados, buscar contato com outras artes e aceitar que nem tudo, na prática, funciona como o planejado – o que exige, do artista, disposição para encontrar novos caminhos e fazer um projeto acontecer. "É um trabalho intelectual intenso e cada etapa do processo é resultado de horas de pesquisa e trabalho. É preciso ter interesses, ser curioso, estudar um pouquinho de tudo. História, psicologia das cores e até física e química. Para criar, a gente tem que aceitar desafios," observa.

Oportunidade

Graduado em Design de Moda pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), Toninho também mantém, atualmente, uma função como figurinista na LightWire – empresa especializada em tecnologia vestível e experiências de entretenimento, responsável pelo espetáculo *O brilho do Natal*. O contato entre eles estreitou-se durante a edição do Rock in Rio deste ano – festival no qual o artista já trabalhava desde 2019 –, quando Toninho foi responsável pela criação dos figurinos do *ECCO by LightWire* – um espetáculo sensorial inédito, produzido exclusivamente para o evento, no qual luz, som, aromas e elementos da natureza uniam-se aos corpos, às *performances* e aos trajes dos bailarinos, criando uma narrativa imersiva.

"Minha parceria com a LightWire, empresa dos irmãos Daniel e Felipe de Almeida – que conquistou mais destaque no programa *America's Got Talent* – começou em 2025, quando eles precisavam de um camareiro [profissional responsável por cuidar de todo o vestuário dos atores de uma encenação, garantindo que o figurino esteja pronto para cada cena] para ajudar em um espetáculo. Cinco meses depois, eles me chamaram para recriar figurinos que já tinham, porque queriam transformá-los com uma característica mais técnica. Eles gostaram do que eu fiz e me chamaram para assinar figurinos do Rock in Rio", lembra o artista paraibano.

A indumentária do *ECCO* destacou-se por dois elementos principais de iluminação: o *pixel wear*, que, na ocasião, incorporou mais de 1.500 *pixels* de *LED* controlados individualmente, e o *new dress*, que utilizou 1 km de fibra ótica também iluminado por *LED*. A mesma tecnologia está sendo replicada no Natal Luz de Gramado, adaptada para atender as características mais lúdicas do novo espetáculo.

Desafios

Em exibição até 10 de janeiro de 2027, *O brilho do Natal*, que já está sendo encenado no Palácio dos Festivais – um dos principais palcos da Serra Gaúcha – conta a história da procura pela Estrela Guia, personagem responsável por guiar o Papai Noel em sua jornada para entregar presentes às crianças. "Na obra, a Estrela é sequestrada, e isso coloca em risco a magia do Natal. O espetáculo fala sobre aceitação, amor e amizade, e é uma história muito bonita, para toda a família. Assino os figurinos ao lado de Terezinha Melo e sou responsável por criar os trajes do Papai Noel e da Estrela Guia", conta Toninho.

De acordo com ele, a tecnologia de iluminação dos trajes continua sendo o destaque das roupas, mas o desafio, dessa vez, foi unir sua assinatura artística e a identidade da LightWire à imagem de personagens que já estão consolidados na cultura popular. "Trabalhar com o Papai Noel, por exemplo, foi um desafio gigantesco. Precisei transformá-lo em um personagem que interagisse com *LED*, que conversasse com a proposta do espetáculo e continuasse reconhecível. Foi um grande trabalho em conjunto: eu, no meu ateliê, e uma equipe, em outro espaço, cuidando da tecnologia que faz o figurino acender. Para a Estrela Guia, temos um corpete todo costurado com fibras óticas, dando uma ideia de macramê", revela Toninho.



Foto: Evandro Pereira

"O espetáculo fala sobre aceitação, amor e amizade, e é uma história muito bonita, para toda a família

Toninho Miranda

Trajetória de 20 anos preserva raízes culturais nordestinas

No fim do mês passado, durante uma visita à Paraíba, Toninho Miranda – que nasceu em Campina Grande e vive, hoje, na capital paulista – visitou a redação e o arquivo do jornal **A União**. Segundo o artista, além de cumprir agenda junto à imprensa estadual, a viagem trouxe uma oportunidade de se reconectar com sua terra natal e compartilhar, com o público local, as conquistas que podem ser alcançadas por meio da arte.



Foto: Arquivo pessoal/Toninho Miranda

Toninho já havia atuado com a LightWire no Rock in Rio

"Meu primeiro contato com movimentos artísticos aconteceu na escola, em um clube de mães e em uma sociedade que existia perto da minha casa e oferecia aulas de dança e teatro. Eu permeava esses lugares mas, na época, não reconhecia isso como um desejo. Morava próximo ao Aeroporto de Campina Grande e, ao meio-dia e às 16h, se não me engano, um avião sobrevoava a minha casa, bem de perto. Esse era o meu sonho: pilotar avião. E, para realizar esse sonho, eu queria me alistar na Aeronáutica", lembra o figurinista.

Em uma certa sexta-feira, enquanto estava com amigos na Praça da Bandeira, no Centro de Campina, Toninho atraiu casualmente a atenção de um grupo de desconhecidos – entre eles, Flávio Guilherme, fundador da Companhia de Artes Cênicas Satyricon, sediada na cidade – e recebeu o convite de fazer um teste para o teatro. A proposta foi imediatamente aceita e o jovem foi aprovado, passando a integrar o elenco do espetáculo *Homo erectus* – conhecido como "o *Sai de baixo* campinense" por ter um formato semelhante ao do antigo programa de TV, marcado pela comédia de situação. A partir daí, apesar das dificuldades que encontrou, Toninho não quis mais se afastar do mundo da arte, da cultura e do entretenimento, e começou a crescer no meio.

"A primeira vez em que pus os pés no palco para me apresentar também foi a primeira vez que minha família foi ao teatro. Cresci em uma família muito simples e acho que, talvez por isso, ser um artista não era um desejo. Parecia ser um lugar intocável, sabe? E a gente precisava começar a trabalhar para pôr dinheiro em casa", reflete Toninho. Hoje, no entanto, a trajetória profissional do artista soma 20 anos e reúne participações autorais em musicais, *shows*, festivais, programas de TV e outras experiências de entretenimento com projeção nacional.

"Vivendo no eixo Rio de Janeiro–São Paulo, com uma trajetória cada vez mais consolidada, defendo muito a ideia de que todo artista pense em negócios e entenda a necessidade de falar a respeito disso. Apesar de estar morando em outro lugar agora, carrego comigo os elementos da arte nordestina, dos trabalhos artesanais manuais. Faço questão de falar de onde sou e que precisei estudar e trabalhar muito, mas que também tive a sorte de contar com vários amigos, que me ajudaram a avançar. Talvez eu não tivesse chegado tão longe sem eles, que me abriram portas e contribuíram para disseminar o meu trabalho. E talvez, por isso, eu pense tanto em projetos formativos, para alcançar outros artistas", conclui o figurinista.



TELEVISÃO



Fotos: Beatriz Damy/Globo

Juzé, Lucy Alves, Suzy Lopes e Thardelly Lima são o elenco da Paraíba que vai aparecer diariamente na Globo a partir de amanhã

Nossos rostos na novela das seis

Lá na minha terra *estreia amanhã, com quatro atores paraibanos no elenco: Suzy Lopes, Lucy Alves, Thardelly Lima e Juzé*

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Com *A nobreza do amor* concluída, começa amanhã a caminhada da nova novela das 6 da Globo: *Lá na minha terra*, de Mário Teixeira, mesmo autor de *Mar do Sertão* e *No rancho fundo*. E, como essas duas, o elenco da nova produção inclui um grupo paraibano forte e que está construindo uma trajetória sólida na TV. São quatro atores que voltam a estar diariamente na telinha: Suzy Lopes, Lucy Alves, Thardelly Lima e Juzé.

Estrelada por Dira Paes, que vive Rosenda Madeira, uma mulher na cidade cearense (fictícia) de Lavra Seca, mãe de cinco filhos, que tenta descobrir o que aconteceu com seu marido, Severino (Daniel de Oliveira), 15 anos após o desaparecimento dele. Em São Paulo, ela o encontra: com outra identidade, Cesário, vivendo uma vida de luxo com Ismália (Camila Morgado). Pela ligação com o marido, Rosenda resiste à corte paciente do fazendeiro Almerindo (Mateus Solano), apaixonado por ela.

Suzy Lopes está no núcleo Cesário/Ismália: sua personagem, Josélia Machado, é a governanta da casa. Lucy Alves, como Socorro, e Thardelly Lima, como Biró, são vaqueiros da fazenda de Almerindo. Juzé é o repentista Tonho, o mesmo que interpretou em *Mar do Sertão* e *No rancho fundo*, e com a mesma função: embalar em versos as cenas dos próximos capítulos ao fim de cada episódio. A diferença é que, ao contrário de Lukete, ele agora terá a companhia da cantora e atriz potiguar Juliana Linhares.

Longe de Cira

Depois de *Quanto mais vida, melhor* (2021–2022), *Mar do Sertão* (2022–2023), *No rancho fundo* (2024) e *Guerreiros do Sol* (2025), Suzy Lopes chega à sua quinta telenovela.

> **É uma personagem que vai ter uma maturidade criativa, assim, que eu nunca tinha experimentado**
>
> Suzy Lopes

"É a quinta novela, mas é a quarta com a mesma equipe", ressalta a atriz. A direção artística é de Allan Fiterman, que, com sua equipe, também exerceu essa função nas duas tramas nordestinas anteriores de Mário Teixeira. "Eu sou completamente apaixonada. São profissionais muito incríveis", diz Suzy. "Adoro trabalhar com eles. E é a terceira de Mário. Então é meio que um universo conhecido por mim. Talvez isso me dê bastante liberdade criativa. Eu já entendo o que a direção quer. Eu entendo a forma como os textos são escritos".

Porém, em *Mar do Sertão* e *No rancho fundo*, ela interpretou a mesma personagem: a blogueira espevitada Cira. Agora, ela foi chamada para uma personagem bem diferente. "É uma personagem completamente diferente de Cira", explica. "Cira era uma personagem meio solta na dramatização, assim. Josélia tem família, tem duas filhas, tem marido... Então é uma personagem mais rica no sentido de universo. E é um universo completamente diferente do meu. Não que Cira tivesse o meu universo, mas tinha uma energia muito próxima à minha própria vibração".

Ela conta que Josélia tem outra pegada. "É uma personalidade que tenho gostado muito de elaborar justamente por isso: é uma personalidade muito calma. Ela é mãezona, sabe tudo o que acontece na casa — e acontecem muitas coisas naquela casa. É uma personagem que vai ter uma maturidade criativa, assim, que eu nunca tinha experimentado. Acho que é a personagem mais diferente que eu fiz na minha vida, assim, por mais tempo", detalha.

A personagem é uma migrante que construiu sua vida em São Paulo, mas sonha em voltar para o Nordeste. "Ela vive com o coração e a saudade do lugar, mas a vida que ela construiu em São Paulo, ela não tem como ter no Nordeste", conta a atriz. "Então eu acho que é uma personagem que tem o pé muito no chão, assim, não é uma personagem que vive de delírio, como Cira".

Gravações

O ritmo acelerado das gravações de uma novela exige uma compreensão ampla do ator com relação a seu personagem e à trama geral. Como no cinema, as cenas não são gravadas em ordem cronológica, mas por praticidade (de locação, por exemplo, gravando primeiro todas as sequências em um cenário, antes de passar para outro). Em novelas, que duram meses no ar, esse "cubo mágico" temporal é bem mais amplo.

"É muito descontínuo", explica Suzy Lopes. "Eu tenho uma briga com minha filha, acho que é no capítulo 4, que eu vou botá-la para ir para Lavra Seca, de castigo, para ela morar com a madrinha para ela 'aprender a ser gente'. Não gravei isso ainda. Hoje eu gravei uma cena chegando em Lavra Seca. Tipo: eu nem 'vivi São Paulo' ainda. Encontro com minha filha e faço as pazes com ela — nem briguei ainda".

No cinema também há um tempo maior para a preparação do personagem. A produção diária dos capítulos da novela demanda agilidade, inclusive dos atores em decorar textos, gravar e encontrar com o bonde andando o caminho dramático de seu personagem.

"Você não sabe o que vai acontecer também, né? Você começa a novela e não sabe onde você vai chegar", diz.

Mas, na quinta novela, ela já se acostumou com esse ritmo. "Acho que sim. É um desafio, um exercício muito grande, porque é tudo muito rápido", comenta. "Não dá para ficar elaborando muito. Eu gosto de elaborar, né? Gosto de estudar... Não dá para fazer essa viagem [risos]. Estudo, só que estudo no susto, não estudo na calma. E tem uma coisa também gostosa da novela com que me assustei muito no começo, e eu acho que agora eu me divirto: o sofrimento também é mais rápido também. Eu sou uma pessoa que 'sofre' muito quando a cena fica muito diferente do que o que eu projetei, né? E na novela não tem muito tempo para ficar moendo muito, sabe? Não tem muito esse espaço para esse 'sofrimento'".

Saudade do palco

A demanda de gravações também impede manter projetos paralelos simultâneos. "Mas eu estou superdecidida que, quando acabar a novela, vou ter um espetáculo para voltar para o palco", conta Suzy Lopes, que não atua em uma peça desde que estrelou *Mercedes*, ainda na Paraíba, cuja trajetória terminou em 2019.

Desde então, com o sucesso de *Bacurau*, o convite para *Quanto mais vida, melhor* e a mudança subsequente para o Rio de Janeiro, em 2021, ela alternou aparições na TV e no cinema, mas não voltou aos palcos. "Como eu não posso trabalhar em outros projetos, acho que agora vai ser o momento para eu elaborar um espetáculo. Eu preciso ter um espetáculo, um projeto meu. Eu tô com muita saudade de ter meus projetos".



Dira Paes (C) é a protagonista: mãe de cinco filhos em busca do marido sumido

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

Estado laico não é Estado ateu

Comigo já aconteceu uma porção de vezes, até perdi a conta. Também já ouvi comentários semelhantes de outras pessoas sobre o assunto. Penso que acontece com muita frequência, em conversas descontraídas de amigos ou encontros fortuitos entre pessoas desconhecidas. Basta apenas que se comece um debate sobre política e religião e que algum indivíduo empedernido ou desavisado levante a bandeira do Estado laico. Bocas matraqueiam, mãos crepitam ruidosamente pelo ar e em meio a grunhidos – impublicáveis nesse jornal – partidários e antagonistas da ideia se chocam com a força de gigantescas galáxias. Os mais religiosos gritam: "Isso é coisa de ateu"! Como isso fosse a maior abominação do mundo. Daí por diante, segue-se uma longa e muitas vezes infrutífera tentativa de corrigir esse equívoco.

Em primeiro lugar, a laicidade é um princípio que não está necessariamente ligado à religião. E menos ainda constitui qualquer antagonismo a ela. Ele diz respeito à autonomia das atividades humanas, na medida em que procura garantir que elas não sofram interferências externas e possam operar de acordo com regras próprias e legítimas. Sendo assim, um artista, por exemplo, poderá recorrer ao princípio toda vez que sua autonomia de criação e expressão estiver ameaçada; como também políticos, cientistas e religiosos que se encontrem sob as mesmas condições. Em poucas palavras: o princípio serve de escudo, portanto, para religiosos e não religiosos.

Direito

O Estado laico não tira nada de ninguém. Garante que cada um possa acreditar no que quiser, praticar sua religião ou não acreditar em coisa alguma

Na Idade Média, o papa Gelásio I usava a expressão teoria das "duas espadas" para se referir ao que hoje chamamos princípio de laicidade. Ele propôs, na famosa epístola *Duo sunt,* uma distinção entre o poder mundano dos imperadores e o poder espiritual dos papas, dando certa proeminência para este último. Muitos pensadores, entre filósofos e cientistas, de Guilherme de Ockham aos iluministas Voltaire e Diderot, passando por livres pensadores como Bertrand Russell e modernos defensores das teorias da evolução como Richard Dawkins, em algum momento fizeram uso desse mesmo princípio.

É por isso que o Estado laico não pode ser considerado um Estado ateu. Afinal, ele não professa fé ou descrença religiosa. Não tem religião, cor, gênero e raça. Ele não é cristão, mulçumano, budista, hinduísta, candomblecista, etc. É essencialmente neutro. Sem religião, moral, filosofia ou metafísica oficial.

Dessa forma, estamos falando de uma pré-condição para que os cidadãos tenham o direito individual de possuir ou não alguma religião e que possam desenvolver, livremente, suas atividades intelectuais. Tal princípio é um antídoto contra tiranias, inclusive aquelas que aparecem no interior das próprias sociedades democráticas.

No fim das contas, o Estado laico não tira nada de ninguém. Pelo contrário, garante que cada um possa acreditar no que quiser, praticar sua religião ou simplesmente não acreditar em coisa alguma. O problema começa quando alguém pretende transformar suas próprias convicções em regras para todos os outros. E é justamente para evitar isso que precisamos de um Estado laico. Não se trata de ser contra a religião, mas de impedir que a religião de uns se torne obrigação para os demais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Estética do trágico

Gustav Mahler (1860–1911), compositor e regente austríaco, expressa, em sua linguagem musical, as contradições da existência humana diante do sofrimento, da solidão e da busca pela transcendência. Sua obra ultrapassa os limites formais da música sinfônica e configura uma dramaturgia filosófica dos conflitos existenciais. Em Mahler, o trágico constitui uma condição da existência marcada pela consciência da morte, pela instabilidade dos afetos, do amor e pela impossibilidade de uma felicidade permanente. Entretanto, sua música também afirma que a beleza de existir pode coexistir com a dor e que a consciência da finitude pode despertar uma afirmação do amor à vida. Essa tese pode ser relacionada à filosofia de Arthur Schopenhauer (1788–1860), desenvolvida em *O mundo como vontade e representação* (1818; edição ampliada em 1844). Para o filósofo, o sofrimento decorre da vontade, impulso que mantém o indivíduo em um estado contínuo de desejo e insatisfação. Sob essa perspectiva, a música mahleriana apresenta sujeitos atravessados por ímpetos contraditórios, nos quais a aspiração à plenitude se confronta com a frustração e a perda. Suas sinfonias traduzem essa condição por meio de contrastes entre momentos de serenidade e episódios de intensa turbulência orquestral.

Foto: Reprodução



Mahler: trágico é condição da existência

Outra interpretação é apresentada pelo filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900) em *O nascimento da tragédia* (1872). A tensão entre os princípios apolíneo e dionisíaco permite compreender a oposição entre equilíbrio e excesso. Na música de Mahler, essa dualidade manifesta-se na convivência entre melodias populares, danças, marchas militares, canções infantis e passagens de intensa dramaticidade. Temas sonoros são interrompidos por rupturas e acontecimentos perturbadores, expondo a instabilidade da existência. Esse mal-estar torna-se evidente na *Sinfonia nº 6 em lá menor* (1903–1904), associada ao subtítulo *Trágica*. A obra apresenta conflitos temáticos e tensões harmônicas que sugerem a luta do indivíduo contra forças que excedem sua capacidade de resistência. No movimento final, expectativas de afirmação são confrontadas com sucessivos processos de desestabilização. Os golpes de martelo adquiriram valor simbólico e são interpretados como imagens de um destino devastador. A trajetória musical constrói uma narrativa na qual os impulsos de realização parecem conduzir ao fracasso. Em outra perspectiva, Kindertotenlieder (*Canções sobre a morte das crianças*, 1901–1904), ciclo de cinco canções sobre poemas do alemão Friedrich Rückert (1788–1866), aprofunda a representação do luto e da perda. A voz humana, acompanhada pela orquestra, estabelece uma relação entre memória, ausência e impossibilidade de recuperar aquilo que foi perdido. O sofrimento surge como uma experiência capaz de transformar a percepção do mundo. Nesse sentido, essa tese pode ser aproximada da reflexão do médico neurologista austríaco Sigmund Freud (1856–1939), desenvolvida em *Luto e melancolia* (1917), na qual o luto é analisado como um processo psíquico desencadeado pela perda de alguém ou de algo ao qual se atribui um profundo investimento afetivo ou de amor.

A reflexão sobre a morte também alcança uma constituição da realidade e do pensamento que está além do mundo físico em *Das lied von der Erde* (*A canção da Terra*, 1908–1909), obra que une poesia, voz e orquestra em torno da vulnerabilidade da existência. Inspirado em poemas chineses adaptados pelo poeta alemão Hans Bethge (1876–1946). Mahler constrói uma meditação sobre a imprevisibilidade da beleza, a passagem do tempo e a finitude humana. No movimento final, a música conduz o ouvinte a uma experiência de contemplação, na qual a despedida deixa de representar a separação individual e passa a simbolizar a condição universal dos seres humanos. Essa interpretação é analisada pelo filósofo e sociólogo alemão Theodor W. Adorno (1903–1969) em *Mahler: a musical physiognomy* (1960). Para Adorno, a música mahleriana incorpora contradições históricas, expondo fraturas da modernidade. Marchas, melodias populares, danças e sonoridades cotidianas são deslocadas de seus contextos e inseridas em estruturas de tensão. A sinfonia torna-se, assim, espaço de confronto entre indivíduo e sociedade, revelando alienação e fragmentação do sujeito.

Sinta-se convidado para a audição do 592º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 8, das 22h à meia-noite. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é pela FM 105,5 ou pelo aplicativo da Rádio Tabajara https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante o programa, comentarei as contribuições do compositor e regente austríaco Gustav Mahler (1860–1911), destacando* o trágico *em sua obra, na qual a beleza e a dor se unem em uma afirmação da vida.*

Kubitschek Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

O espetáculo do ônibus

Sim, andar de ônibus sempre foi um espetáculo, nunca um circo. Andar de ônibus em João Pessoa era uma solução nos anos 1970 e meados dos 1980, quando eu olhava a cidade nua da janela do Marcos da Silva e casais independentes de mãos dadas na Praça da Independência, na travessia que era uma correspondência, como se estivéssemos num metrô.

Não, eu não conheci nenhum amor dentro dos ônibus, a maioria dos passageiros sequer expressavam sensualidade e, claro, tinha os lances das moças com seios fartos, sempre acompanhadas das mães — uma experiência fotografada pelos meus olhos.

A vida nos ônibus foi apodrecendo aos poucos pela rotina da pressa, das paradas repetidas — eu pegava o ônibus pela Epitácio Pessoa, queria ver a beleza das casas que ainda eram povoadas por famílias, hoje elas não existem e quando não salvas, surgem enrugadas. Ué, casas enrugadas? Sim, vamos pensar que as casas têm em suas fachadas silhuetas femininas. Quando optei pela Beira-Rio, logo percebi que era a avenida das árvores.

Poderia continuar por mais tempo nos ônibus Marcos da Silva, mas veio a ideia de comprar um fusca 78 e não havia mais espaço limitado nas paradas. Quando disse à professora Vitória Lima, que tinha comprado um fusca, ela gritou de lá: "E o que vamos fazer sem as crônicas do seu olhar pela janela dos ônibus?". Cantei para ela "é o mistério profundo, é o queira ou não queira".

Nada é mais importante que um "olá, como vai?". Foi dentro do ônibus que encontrei o escritor Zé Cavalcanti, nascido lá nas Pinheiras, no Sertão, território nosso — ele, esguio, elegante, indo para cidade, conversando com os populares as histórias mais delirantes. Lembro que o abracei e disse que ele era meu verdadeiro pai.

O importante de uma viagem, independe do transporte, tá valendo a travessia, o cinema falado, mas não podia passar da parada, tinha que não ficar disperso entre as cenas interiores e a janela discreta para as casas — *last, but not least*, naquele tempo tudo era bom, de ônibus, a pé, de carona, a cidade de João Pessoa, a província, aliás, a província perdura.

Foi numa dessas viagens para o Centro de ônibus que conheci dona Creusa Pires e toda sua importância, que já dizia nos quatro cantos, ter apenas dois pares de sapatos: um para a diária e outro para as solenidades.

Nos dias de hoje, os ônibus, têm ar-condicionado e as janelas são lacradas — mas o celular está ali, abrindo janelas sem volta.

De carro chego mais rápido ao Centro, mas vejo cenas perpétuas nos sinais fechados e, dos carros ao meu lado, muitos aproveitam o sinal vermelho para tirar as catotas das narinas e, quando vou fotografar ou filmar, o sinal já está verde. "É um resto de toco, é um pouco sozinho".

O chato de andar de carro é que nunca temos onde estacionar e, quando encontramos uma vaga, logo vem o dono do pedaço dizendo que está olhando o carro. É o meio de vida, "é um caco de vidro, é a vida, é o sol".

E agora vou, como diria Luís Filipe Parrado, poeta e tradutor português autor de *Entre a carne e o osso*: "Vou seguindo a minha vida: levanto-me / para viver".

Kapetadas

1 – Não gosto da ideia de vida após a morte. Já tenho dificuldades suficientes com a vida antes dela.

2 – O certo é bolacha, nunca biscoito. Tá na *Bíblia*.

Foto: Reprodução



"Quando eu olhava a cidade nua da janela do Marcos da Silva"

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

O cinema e o teatro na vida de uma atriz

A trajetória da atriz Zezita Matos, não apenas no teatro e no cinema, mas na cultura paraibana, é admirável. Integrante da nossa Academia Paraibana de Cinema, da qual foi presidente por dois mandatos, Zezita ainda desenvolve importante trabalho na instituição. Na época em que esteve à frente da APC, liderou uma mudança na estrutura da entidade, reformando em cartório seus estatutos, adequando-os aos reais números de cadeiras — 40. E terá sido esse um dos marcos de sua gestão na academia.

Consagrada atriz e professora, Zezita Matos, que também é conhecida como a "primeira-dama do teatro paraibano", segue bastante ativa ainda hoje, dividindo suas atuações com o teatro (Coletivo de Teatro Alfenim), além de participações em obras de curtas, longas-metragens e televisão. Fato esse que tem contribuído para sua aclamação nacionalmente.

Versátil atriz paraibana, que sempre teve o privilégio de ser reconhecida como uma "colecionadora de prêmios", seu nome hoje enobrece a Academia Paraibana de Cinema, enquanto integrante de nossa instituição e ocupante da cadeira 6, cujo patrono é o pioneiro Einar Svendsen.

Musa do teatro paraibano, onde por muitos anos vem atuando, fez-se ao cinema, na década de 1960. Seu primeiro filme foi *Menino de engenho*, de Walter Lima Junior, obra magna do escritor José Lins do Rego. Além de vários curtas-metragens paraibanos, Zezita houve de ampliar sua carreira de atriz com filmes importantes como *Cinema, aspirinas e urubus*, *O sonho de Inacim* e *O céu de Suely*. Fez ainda filmes de longas-metragens, a exemplo de *Olhos azuis*, em 2010, produzido e dirigido pelo paraibano José Joffily.

Foto: Arquivo pessoal



Zezita Matos em uma das cenas de Anna Margot, *dirigido pelo colunista*

E não foi sem razão, nem por falta de admiração ao trabalho que ela vem desenvolvendo nesses anos todos, no teatro e no cinema, que convidei a atriz Zezita Matos a protagonizar um dos meus audiovisuais mais recentes: *Anna Margot*. Curta-metragem que pode ser acessado no YouTube através do *link*: *https://www.youtube.com/watch?-v=FCvw8gB3VJw.*

Na época de seu lançamento, a Academia Paraibana de Cinema fez uma sessão especial de *Anna Margot*, para celebrar o Dia Mundial do Cinema. O encontro aconteceu no Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, nesta capital, em sessão para integrantes da APC e pessoas convidadas. Nessa oportunidade, tomou posse a nova diretoria e conselho da entidade, para o período de 2024/2026. Após a fala dos novos dirigentes, foi exibido o audiovisual *Anna Margot*, protagonizado por Zezita Matos (que estava deixando a presidência da APC), para homenagear a atriz paraibana do teatro, cinema e televisão.

Zezita Matos tem mostrado que a experiência de atuar já faz parte de sua existência. Fato esse que fica muito claro em uma das conversas com sua neta Iasmin Soares, em *Anna Margot*, ao afirmar: "O teatro e o cinema sempre foram a razão da minha vida." – *Mais Coisas de Cinema, acesse o nosso blog: www.alesantos.com.br*



APC discute programação de fim de ano

A Academia Paraibana de Cinema, sob a presidência do professor João de Lima Gomes, reunirá membros do conselho na próxima quarta-feira, em sua sede na unidade Tambaú da FCJA, quando discutirá os planos para realização da programação de fim de ano, inclusive, com relação ao Dia Mundial do Cinema. Lembrando, ainda, que continuam abertas as inscrições para a vaga da cadeira 36 da APC.

NA UFPB

"Seminário Mulher e Literatura" começa amanhã

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A produção intelectual do Sul Global e as diferentes perspectivas sobre as relações entre gênero, literatura e decolonialidade estarão no centro dos debates do "20º Seminário Internacional Mulher e Literatura", que começa amanhã e vai até quinta-feira (12), no Campus 1 da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com o tema "Feminismos e decolonialidade", o encontro espera reunir em torno de 500 participantes, entre pesquisadoras, estudantes e integrantes de grupos de pesquisa, com abertura oficial às 16h, no auditório do Centro de Tecnologia (CT, primeiro andar).

"Haverá uma abertura com homenagens [às 17h30] à escritora Anayde Beiriz e mais algumas e continuando nos dias 10, 11 e 12 com minicursos e palestras. Então vão ser três dias de muita atividade, tudo ligado a gênero e literatura, mulher e literatura", explica a professora aposentada Liane Schneider, organizadora do evento ao lado da docente Luciana Calado.

Entre os nomes confirmados estão o da ativista argentina Cecília Palmeiro, integrante do movimento Ni Una Menos; Julieta Paredes, referência do feminismo comunitário boliviano; a pesquisadora Sandra Regina Goulart Almeida, ex-reitora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e a intelectual africana Clotilde Chantal Allela-Kwevi, do Gabão. Precedendo a homenagem à Beiriz, haverá uma mesa às 16h30, formada pelas escritoras paraibanas Maria Valéria Rezende, Neide Medeiros, Maríla Arnaud, Isabor Quintiere e Débora Gil Pantaleão, com mediação da professora Moama Marques.

Foto: Divulgação/UFMG



Ex-reitora da UFMG, a pesquisadora Sandra Regina Goulart é uma das convidadas do evento

O seminário recebeu sua primeira edição internacional em 2003. A trajetória do evento, no entanto, começou antes, a partir da organização de estudos de gênero na UFPB, já nos idos dos anos 1980, surgida da articulação entre professoras da universidade em contato com pesquisas desenvolvidas no exterior e que passaram a estabelecer intercâmbios com outras instituições brasileiras.

A escolha do tema deste ano busca ampliar o debate sobre a produção de conhecimento feminista a partir das experiências históricas, sociais e culturais da América Latina e de outras regiões do Sul Global, discutindo os efeitos da colonização, do racismo e das desigualdades nas relações de gênero, sem restringir a análise aos referenciais teóricos tradicionalmente produzidos na Europa e na América do Norte. "Por isso a gente trouxe muita gente aqui da América Latina, sempre com literatura junto. Os seminários são mais fechados, são mais para os grupos de pesquisa trocarem sobre suas pesquisas mesmo, mas as palestras são abertas na UFPB", afirma a organizadora.

"A partir dos anos 2000, muita gente produziu no Peru, Equador, Argentina, no Chile, aqui no Brasil também, e começou a ver mais essa coisa de olhar como isso tudo era condicionado e trabalhado – os processos de colonização, as consequências, as desigualdades, olhar a partir daqui. Então o decolonial faz isso: ele desconstrói um pouco a colonialidade a partir daqui".

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Mais dois poetas

I

Tomando como referência uma dicotomia de Haroldo de Campos, desenvolvida num dos capítulos de *A arte no horizonte do provável*, diria que o lirismo de Adriano Espínola se conduz mais pelo sentido de construção do que de expressão. Não quero dizer com isto, contudo, que sua lírica ceda ao imperativo cerebral e se mostre indiferente ao apelo das emoções. Não. Longe disso. Quero ressaltar apenas, e sobretudo, o peso que ostenta o arranjo das palavras na consecução dos versos. O cuidado e a consciência com que o poeta cearense trata os elementos do ritmo, a fatura das ideias e o corpo das imagens. Ecoa, na sua metodologia poética algo de Paul Valéry e de João Cabral de Melo Neto, sem obscurecer, no entanto, a voz original e própria, a partir da qual apreende as coisas, os fatos, as paisagens do mundo. Foi assim, por exemplo, em livros como *Táxi ou poema de amor passageiro* (1986), *Metro ou viagem até a última estação possível* (1993), *Beira-sol* (1997) e *Praia provisória* (2007). Não é diferente com *Ave nave do dia* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2026). Ao fluxo expressivo dos sentimentos subjetivos de fundo romântico, tão cultivado pela vertente confessional, o poeta prefere, talvez por uma índole natural de seu métier, investir no lirismo objetivo para, a partir da invenção descritiva, descortinar o sigilo e a luz dos objetos que a prosa automática do dia a dia esconde e apaga. Coisas comuns, ingredientes banais, experiências fugazes como que brotam da opacidade ordinária da vida para habitar, no instante mágico do poema, o lugar extraordinário da configuração poética. Veja-se, como exemplo, entre tantos, "Poente", um dos movimentos do poema "Cinco pinceladas à beira-mar", p. 19: "A aba avermelhada / do céu / cai no mar / feito um chapéu". Ou, num lance mais peculiar ao tom reflexivo, como ocorre no texto "Eternidade", p. 64 e 65: "A eternidade está na mesa, / boiando no prato de sopa. // Está no gesto de espantar / o voo súbito da mosca. [...] (A eternidade é o que se move / sem nunca sair de seu posto; // são as coisas do tempo, / o tempo nas bordas das coisas)". Sinto, na dicção do poeta, uma preocupação em dizer o indizível, em revelar o que se oculta, em tornar permanente o que parece passageiro. O verão, as ondas, a rosa, as nuvens, o espelho, o vinho, o poema, a cidade, sobremaneira a cidade, constituem os motivos pelos quais transita o poeta, como um *voyeur* espantado diante da magia dos fenômenos e das paisagens. Transita, diria, pela variedade exterior que a geografia lhe oferece, mas também pelo espaço interior da linguagem, percorrida e explorada em sua dimensão inventiva. Transita transformando os sentimentos humanos em emoção estética, a vivência da poesia no idioma do poema.

II

Conceituar a poesia me parece impossível. São muitas as suas direções e probabilidades. Posso vê-la, ora como uma insólita prática de fertilização, ora como um encantatório exercício de colheita. Uma mágica safra de bens e valores que o poeta preserva nos canteiros da palavra. *Pedra de vindima* (Porto Alegre: Alcance, 2026,), de José Eduardo Degrazia, é exatamente isto. Pulsam, no ritmo de seu verso, a melodia das coisas, a luz dos fenômenos, o lirismo das situações banais do mundo ordinário, sempre captados pelo poder inventivo da descrição poética. A chuva, a flor, a mariposa, o vento, o copo, a taça, o pensamento, a orquídea, o vinho, o uísque, os poetas, a xícara, a lágrima, o balão, a tulipa, o mel, a arte, a vida, tudo, enfim, se revela predisposto ao olhar estético que comanda a construção verbal. Musicalidade, simplicidade e natureza mesclam-se nesta coletânea de poemas cristalinos. Falando do malte, no texto de título homônimo, p. 77, enuncia, à guisa de conclusão: "Da garrafa clara, / feita de ouro e prata, / um fio se derrama / dentro do meu corpo". No poema da página 82, aparecem estes versos de meditação profunda: "Um copo vazio é cheio / do pensamento de Deus". Em "Chuva e vento", p. 112, colho estes versos de sabor metalinguístico: "a cortina veste a saia / dos poemas que me deste", e em "Eu guardo", o último poema do livro, o terceto final expõe a aventura semântica do procedimento artístico, em fundo e forma, senão vejamos: "Eu presto atenção a tudo, / tudo vejo, tudo escuto, / e guardo comigo o mundo". Sem dúvida: seu poemário mostra-se comprometido com a incontornável oferta da poesia, distribuída por coisas, objetos, ideias, motivos e vivências os mais variados possíveis. Prestar atenção a tudo, ver tudo e tudo escutar constituem a alquimia do poeta. E disto, José Eduardo Degrazia, com *Pedra de vindima*, é exemplo definitivo.

Colunista colaborador

MÚSICA

João Cavalcanti volta ao Varadouro

Sambista carioca é mais uma vez convidado do Sanhauá Samba Clube; o show *é amanhã, na Vila do Porto*

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Em maio deste ano, o sambista carioca João Cavalcanti deu o ar de sua graça sincopada pelos palcos da capital, em animado *show* ao lado de Polyana Resende e Potyzinho Lucena, dentro do projeto semanal Sanhauá Samba Clube. A roda de bamba foi tão boa que João resolveu repetir a dose. Amanhã, às 20h, o Sanhauá Samba Clube apresenta João Cavalcanti na Vila do Porto, no bairro de Varadouro, com ingressos que custam R$ 70 (inteira), R$ 45 (social + 1 kg de alimento) e R$ 35 (meia) pela plataforma Shotgun.

"O que eu acho mais lindo do samba, e aí falando de uma forma bem mais genérica, é que ele nunca se deixou folclorizar", afirma João em conversa com **A União**. Para Cavalcanti, que é filho do cantor e compositor pernambucano Lenine, embora tenha o Rio de Janeiro como marco geográfico de sua formação enquanto linguagem musical urbana, o gênero incorpora elementos de diferentes regiões e ganha características muito próprias em cada lugar onde encontra espaço para se desenvolver.

Embora nascido no Rio, a relação do cantor com a Paraíba vem da história de sua família: "A minha avó paterna é nascida em João Pessoa, e meu avô é nascido em Campina, mas a família da minha avó também é de Campina. É uma cidade que eu tenho importantes raízes familiares. Diferentemente de Campina, que é uma cidade que eu não conhecia — já amava por razões familiares, mas não conhecia —, João Pessoa é uma cidade que eu frequentei muito, porque minha mãe se separou do meu pai, quando eu era bebê, e ela casou de novo com um pessoense".

Sobre a aparição em meados deste ano no clube do samba da capital, João enfatiza: "Deu 'superliga', foi um negócio absolutamente gostoso de fazer. A banda é muito ponta firme, os caras tocam muito bem e têm um repertório bastante vasto". A nova apresentação em João Pessoa integra uma passagem de 10 dias pelo Nordeste, em viagem que começou com dois compromissos no Recife (ontem e hoje), durante a comemoração dos 50 anos do tradicional bloco carnavalesco Eu Acho É Pouco. Depois da capital paraibana, o roteiro segue para Fortaleza (quarta, dia 11), Natal (12) e, por fim, Campina Grande (13).

Em termos de repertório, a apresentação de amanhã deverá manter a dinâmica do primeiro *show*, sem uma lista fechada de músicas. "O repertório a gente nunca sabe. Ele vai acontecendo. A gente não vai combinar nada oficialmente, eu acho. Talvez eu mande outra partitura, alguma coisa assim. Mas, na hora, sempre dá certo. E da outra vez foi assim, um calorzinho no coração mesmo. Foi uma delícia", ressalta.

Paralelo à agenda de *shows* e homenagens a compositores brasileiros — em julho, João celebrou o aniversário natalício de 90 anos do compositor e amigo Wilson Moreira (1936–2018) —, o artista trabalha na gravação de *Sangrado*, disco previsto para 2027. Embora também inclua uma regravação, o álbum será seu primeiro trabalho predominantemente formado por canções próprias e inéditas desde 2012, projeto que segue em estágio avançado de produção. Outro lançamento previsto para o próximo ano é o audiovisual de *Belchior sinfônico*, trabalho gravado com a Orquestra Sinfônica da Bahia por ocasião dos 80 anos do cantor cearense, em parceria com o músico Marcelo Caldi e o maestro Carlos Prazeres.

ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa).



Foto: Divulgação

Ex-vocalista do Casuarina repete a experiência com os sambistas paraibanos, com quem tocou em maio: "Deu 'superliga'"

Em Cartaz

Cinema

Programação de ***5 a 11 de novembro****, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.*

ESTREIAS

ASSALTO À BRASILEIRA. Brasil, 2026. Dir.: José Eduardo Belmonte. Elenco: Murilo Benício, Christian Malheiros, Augusto Madeira, Robson Nunes, Paulo Miklos, Fernanda de Freitas. Policial/ comédia. Radialista é pego como refém em assalto a banco e toma a frente na negociação com a polícia. 1h39. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: 17h50, 20h15.

CAVALO SELVAGEM NOVE (*Wild horse nine*). Reino Unido/ EUA/ Chile, 2026. Dir.: Martin McDonagh. Elenco: John Malkovich, Sam Rockwell, Steve Buscemi, Tom Waits, Parker Posey. Comédia/ policial. Agentes da CIA cumprem missão na Ilha de Páscoa, mas um deles parece sair do eixo. 1h58. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 10 (VIP)*: leg.: 13h40, 16h30, 19h20.

OS FAROFEIROS 3. Brasil, 2026. Dir.: Roberto Santucci. Elenco: Maurício Manfrini, Danielle Winits, Cacau Protásio. Comédia. Casais viajam ao Caribe, mas as coisas não saem como o esperado. 1h43. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: 17h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 4*: 13h15, 15h45, 18h20, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3*: dub.: 13h45, 16h30, 19h, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 4*: 15h20, 17h25, 19h30; *sala 6 (laser)*: 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 1 (laser)*: 15h20, 17h25, 19h30; *sala 2 (laser)*: 16h20, 18h25, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 3*: 17h, 19h10, 21h15; *sala 1*: dom.: 14h30. PATOS MULTIPLEX: *sala 3*: 15h45, 18h15, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: 17h, 19h15, 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 18h10; seg.: 18h30; ter.: 13h30; qua.: 14h.

FEITO PIPA. Brasil, 2026. Dir.: Allan Deberton. Elenco: Yuri Gomes, Teca Pereira, Lázaro Ramos, Carlos Francisco. Drama. Garoto delicado enfrenta preconceito e tenta esconder a doença da avó, com quem vive, para não ir morar com o pai que não o aceita. Vencedor do Urso de Cristal no Festival de Berlim e de cinco prêmios em Gramado. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 4*: 15h, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: 14h15, 16h40, 19h10.

O GATOLA DA CARTOLA (*The cat in the hat*). EUA, 2026. Dir.: Alessandro Carloni e Erica Rivinoja. Animação/ infantil. Gato esperto faz travessuras na casa de duas crianças. 1h47. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3 (Atmos)*: dub.: 14h, 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: dub.: 13h20, 16h; *sala 7*: dub.: 12h50, 15h30, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 1*: dub.: 13h30, 16h; *sala 5*: dub.: 13h, 15h30. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: dub.: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4*: dub: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: 16h30; *sala 3*: dub.: 3D: dom.: 14h50. PATOS MULTIPLEX: *sala 4*: 3D: 14h50; 2D: 17h10, 19h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 3*: dub.: dom.: 14h, 16h20; seg. a qua.: 16h30, 18h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 16h15; seg.: 14h.

GODZILLA MINUS ZERO (*Godzilla minus zero*). Japão, 2026. Dir.: Takashi Yamazaki. Elenco: Minami Hamabe, Jun Kunimura. Aventura. Dois anos após o filme anterior, o Japão precisa enfrentar novamente a devastação do monstro Godzilla. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3 (Atmos)*: leg.: 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 9 (macro-XE)*: dub.: 13h, 16h; leg.: 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 1*: dub.: 18h45, 22h. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 2*: dub.: dom.: 15h30, 21h; seg. a qua.: 16h15, 21h. PATOS MULTIPLEX: *sala 1*: dub.: 18h30, 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 14h; seg.: 16h; ter.: 18h; qua.: 18h10.

KLARA E O SOL (*Klara and the Sun*). EUA/ Reino Unido/ Nova Zelândia, 2026. Dir.: Taika Waititi. Elenco: Jenna Ortega, Amy Adams, Steve Buscemi. Ficção científica/ drama. Robô programada para aliviar a solidão tenta encontrar a cura para uma menina que porta uma doença misteriosa. 1h56. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 11 (VIP)*: leg.: 14h45, 17h30, 20h30.

REAPRESENTAÇÃO

CARROS (*Cars*). EUA, 2006. Dir.: John Lasseter. Comédia/ animação. Jovem e arrogante carro de corridas vai parar em cidade do interior, onde aprende a ser mais humilde. 1h56. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: dub.: 14h.

GODZILLA MINUS ONE (*Gojira mainasu wan*). Japão, 2023. Dir.: Takashi Yamazaki. Elenco: Minami Hamabe, Ryunosuke Kamiki. Aventura. No Japão arrasado após o final da Segunda Guerra, surge do mar uma criatura monstruosa e radioativa. 2h04. 12 anos.

Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE: *sala 5*: dub: 20h15.

ESPECIAL

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL. Exibições de 18 novos filmes franceses e dois clássicos. ***Domingo, 8/11:*** *Centerplex MAG: 16h – O rei e o pássaro (1980); 17h50 – Victor, como Hugo; 19h40 – O que é o amor?. Cinepolis Manaira: 17h30 – A ilustre desconhecida; 19h40 – De Gaulle: a França livre – parte 2. Cine BANGÜÊ: 18h – Compostela, o caminho da terapia. Espaço Cinema Passeio: 16h – O rei e o pássaro.* ***Segunda, 9/11:*** *Centerplex MAG: 16h – A grande escapada (1966); 18h30 – Duas pessoas trocando saliva (curta) e Bem–vindos à la Comédie–Française; 20h40 – Júpiter. Cinepolis Manaira: 18h – Uma menina de ouro; 19h50 – Minha vida de sereia.*

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 2*: leg. CINE BANGÜÊ: leg. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: leg.

CONTINUAÇÃO

AO SABOR DAS CINZAS. Brasil, 2026. Dir.: Taciano Valério. Elenco: Verônica Cavalcanti, Maria Lima, Everaldo Vasconcelos. Drama. Irmãs viajam pelo agreste e fantasmas as colocam em contato com lembranças. 1h24. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 19h30.

O BOSQUE SELVAGEM (*Wildwood*). EUA/ Reino Unido/ Canadá, 2026. Dir.: Travis Knight. Aventura/ animação. Garota se aventura em floresta para encontrar seu irmão desaparecido e descobre lá dentro um mundo fantástico e perigoso. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 5*: dub.: 12h45, 15h50, 18h50, 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: dub.: 18h15, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 2*: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 3*: dub: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: 18h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 3*: dub.: dom.: 18h40, 21h10; seg. a qua.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 16h.

CARA DE BARRO (*Clayface*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: James Watkins. Elenco: Tom Rhys Harries, Ruby Sear. Terror. Estrela de Hollywood em ascensão se submete a experiência que o transforma em um ser que muda de forma. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 3 (Atmos)*: leg.: 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 6*: dub.: 13h10, 15h40, 18h30, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 3*: dub.: 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 2*: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 3*: dub: 21h. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 1*: dub.: 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1*: dub.: 16h40, 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 20h30.

100 DIAS. Brasil, 2026. Dir.: Carlos Saldanha. Elenco: Filipe Bragança, Philippine Leroy-Beaulieu. Aventura. Navegador brasileiro Amir Klynk decide atravessar o Oceano Atlântico em um barco a remo. 1h57. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 2*: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4*: 20h45.

DANIEL E A FORNALHA ARDENTE (*Daniel*). Canadá/ EUA, 2026. Dir.: Daniel Kooman e Matthew Kooman. Elenco: Mena Massoud, Elijah Alexander. Religioso. Judeus enfrentam dificuldades quando o exército da Babilônia invade Jerusalém. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: dub.: 18h45. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter.: 20h30.

AS DEZ VANTAGENS DE MORRER DEPOIS DE VOCÊ. Brasil, 2026. Dir.: Diego Freitas. Elenco: Any Gabrielly, Giulia Be, Regiane Alves. Drama. Após morte de amiga, garota recebe cartas deixadas por ela com recomendações para a vida. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG: *sala 1*: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 3*: 12h40, 15h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 4*: 13h15, 15h45. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 3*: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4*: 18h40. **Patos:** CINE GUEDES: *sala 2*: 18h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 1*: dub.: dom.: 14h20, 19h; seg. a qua.: 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: ter.: 16h; qua.: 20h30.

AS DORES DO MUNDO: HYLDON. Brasil, 2026. Dir.: Emilio Domingos e Felipe David Rodrigues. Documentário. A vida e a obra do cantor Hyldon. 2h10. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h.

MEU VERÃO NA SICÍLIA (*Gioia Mia*). Itália, 2025. Dir.: Margherita Spampinato. Elenco: Marco Fiore, Aurora Quattrocchi. Drama. Obrigado a passar as férias com tia idosa, garoto descobre que a casa tem segredos. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter.: 16h.

MINHA MELHOR AMIGA. Brasil, 2026. Dir.: Susana Garcia. Elenco: Ingrid Guimarães, Monica Martelli. Comédia. Amigas resolvem viajar juntas para visitar as filhas no exterior. 2h05. 12 anos.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ: *sala 2*: dom.: 14h30.

STREET FIGHTER (*Street fighter*). EUA/ Japão, 2026. Dir.: Kitao Sakurai. Elenco: Jason Momoa, Callina Liang, David Dastmalchian. Aventura. Dois lutadores enfrentam uma competição oculta ao participar de um campeonato. 1h59. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 8*: dub.: 12h45, 15h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dub.: 14h15, 17h.

TRÊS HORAS PARA VIVER (*Runner*). Austrália/ EUA/ Reino Unido, 2026. Dir.: Scott Waugh. Elenco: Alan Ritchson, Owen Wilson, Rodrigo Santoro. Policial. Mensageiro leva fígado para transplante de uma menina, mas é atacado por bandidos que querem o órgão. 1h38. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 7*: dub.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dub.: 19h30.

VERITY (*Verity*). EUA, 2026. Dir.: Michael Showalter. Elenco: Anne Hathaway, Dakota Johnson, Josh Hartnett. Drama/ mistério. Escritora é contratada para ser a *ghost writer* de autora *best-seller* que não consegue terminar seu romance após um acidente, mas descobre anotações perturbadoras. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA: *sala 1*: leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA: *sala 2*: dub.: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ: *sala 2*: dub.: 16h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE: *sala 4*: dub.: 16h15.

VICENTINA PEDE DESCULPAS. Brasil, 2026. Dir.: Gabriel Martins. Elenco: Rejane Farias, Thalma de Freitas, Grace Passô, Karine Teles. Drama. Mulher procura as famílias das vítimas de um acidente que pode ter sido causado por seu filho. 2h28. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 18h50; qua.: 19h45.

Música

HOJE

NANDO REIS. Cover apresenta o show da turnê *Pra você guardei o amor*.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 8/11, 20h. Ingressos: de R$ 100 (balcão/ meia) a R$ 260 (plateia A/ inteira), antecipados pela plataforma Olha o Ingresso.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE CONVIDA JOÃO CAVALCANTI. Roda de samba tem como convidado o cantor e compositor carioca.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 9/11, 20h. Ingressos: de R$ 25 (meia/ 1º lote) a R$ 70 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

ELEIÇÃO HISTÓRICA

Força da juventude mobiliza o país

Manifestações puxadas por estudantes deram fôlego à campanha e viabilizaram virada de Lula no 2º turno

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Foto: Carlos Rodrigo



Comportamento efusivo nas ruas ganhou repercussão nas redes sociais, gerando milhares de compartilhamentos e aumentando o alcance de discursos em defesa da democracia, da justiça social e do respeito às liberdades individuais

Esperança

Luta pela garantia de direitos sociais norteou manifestantes, como ficou expresso nas palavras de ordem "Trabalhador, olha pra cá, eu tô na rua pro teu filho estudar"



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

No dia seguinte ao resultado do primeiro turno das Eleições 2026, centenas de estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) tomaram as ruas de Niterói, no Rio de Janeiro, e deram início a uma mobilização nacional histórica durante todo o segundo turno, o que possibilitou a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Neste ano, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) registrou um eleitorado jovem — representado por pessoas com idade de 16 a 29 anos — de aproximadamente 34 milhões de pessoas. Esse número representa 21,38% de todo o eleitorado apto a votar em 2026.

Dessa maneira, é inegável que os atos estudantis sensibilizaram a população e iniciaram um amplo processo de mobilização nas ruas e nas redes sociais a favor de um projeto político, sobretudo, soberano e democrático.

O historiador Jonas Duarte, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), destaca que o resultado do primeiro turno lançou para o segundo turno "uma ameaça sobre o país, uma ameaça à democracia, à soberania nacional e aos direitos e as conquistas que o país teve nesses últimos 20 anos".

"Claramente, a juventude se viu ameaçada e [os estudantes da] Universidade Federal Fluminense tomaram a iniciativa. E é muito bonito esses movimentos juvenis. Sempre que se toma uma iniciativa, isso cria um rastilho de pólvora que se espalha", comenta.

> **O ciclo eleitoral nos ensinou que não existe receita pronta para nenhuma situação**
>
> Lívia Karol

Após os atos de Niterói, uma grande mobilização foi realizada de maneira orgânica pela população em todo o país. Em João Pessoa, as manifestações começaram com centenas de estudantes da UFPB, dois dias após o ato da UFF. O grupo saiu da Praça da Paz, nos Bancários, em direção ao *campus* da instituição, no Castelo Branco.

O coordenador-geral do Centro Acadêmico Manoel Mattos (CAMM), ligado ao curso de Direito da UFPB de Santa Rita, Luís Mendonça, destacou que o engajamento da juventude partiu do autorreconhecimento dos estudantes enquanto classe trabalhadora.

"É importante dizer que a classe trabalhadora — essa população que estava nos ônibus, passando pela Praça da Paz e indo para as suas casas — também é a gente. Nós somos essas pessoas também. Nós somos essas pessoas que estão em uma escala 6x1 e que estudam no tempo que dá", defende.

> **Foi uma sincronia puxada pelos jovens, com uma disciplina impressionante**
>
> Jonas Duarte

O professor Jonas Duarte ressalta que essa consciência de classe foi inédita na história de mobilizações populares do país. Segundo ele, ao contrário da campanha das Diretas Já em 1984 — que foi centralizada pelos partidos políticos e pelas centrais sindicais —, do movimento dos Caras Pintadas em 1992 — que contou com a adesão de setores da direita e da grande mídia —, e das jornadas de 2013 — que acabaram capturadas por discursos antipartidários de direita —, a mobilização recente consolidou-se como um movimento genuinamente popular.

"É o primeiro [movimento deste tipo] que eu vi no Brasil. Olha a palavra de ordem principal que nós tínhamos na rua: 'Trabalhador, olha pra cá, eu tô na rua pro teu filho estudar'. Isso está sintonizado com uma demanda do movimento popular. Então, fica bem evidente que tem um conteúdo democrático popular", observa.

Sincronia com as redes

A mobilização nas redes sociais foi outra força muito expressiva durante o segundo turno. Para a jornalista e especialista em Comunicação Política Lívia Karol Araújo, o pleito deste ano deixou lições profundas que prometem reconfigurar as estratégias de comunicação para os próximos anos.

"O ciclo eleitoral de 2026 nos ensinou, enquanto profissionais de *marketing* político, que não existe receita pronta absolutamente para nenhuma situação e que o que a gente enxerga como certezas no cenário de 2026 não será considerado para o cenário de 2028", analisa.

Na visão da especialista, as redes sociais tiveram um diferencial expressivo, e a energia dos jovens nas ruas alimentou o conteúdo dessas redes. "Se não tivesse a energia das ruas, o que é que você ia mostrar nas redes para manter o sentimento de virada? A mobilização digital trabalhou muito integrada com a mobilização de rua", argumenta.

Essa conexão com a realidade prática também exigiu mudanças na comunicação digital dos estudantes. O Centro Acadêmico Manoel Mattos, por exemplo, rompeu com o formato burocrático de suas redes sociais para adotar posicionamentos mais diretos e claros.

"A primeira coisa foi tentar nos desvincular dessa comunicação quadrada que, às vezes, é o Instagram. Então, foi preciso fazer um *post* que fugia dos padrões, que estampava a cara do candidato que defendia a democracia, a universidade pública. É preciso que se corte uma certa burocracia comunicativa para que a gente consiga alcançar mais público e consiga, inclusive, nos posicionarmos de maneira mais clara", relata Luís Mendonça.

O historiador Jonas Duarte reforça essa ideia de integração entre os dois meios — o digital e o físico — como fundamental para a crescente mobilização observada durante a campanha do segundo turno.

"Foi uma sincronia puxada de novo pelos jovens, com uma disciplina impressionante e uma capacidade de organização que os mais velhos ficaram encantados e impressionados. A juventude deu uma aula de politização ao país", ratifica.

Novas lideranças

Antes da campanha do segundo turno, a votação para o Congresso e as Assembleias estaduais chamou a atenção para a eleição de jovens lideranças. Nacionalmente, dois candidatos de espectros distintos foram marcantes. Com 28 anos, Lucas Pavanato (PL) recebeu 3.038.438 votos em São Paulo. Já em Minas, a jovem de 21 anos Ana Elisa (PT-MG) foi eleita com 524.219 votos. Ambos foram eleitos utilizando uma plataforma digital como principal meio de campanha.

Na Paraíba, o deputado estadual eleito Flávio Brasileiro (PT) é uma das lideranças que carregam pautas das juventudes em seus programas políticos. O primeiro cargo ocupado por Brasileiro foi de secretário de Planejamento do município de Conde, aos 26 anos. Hoje, ele tem 34 anos.

Segundo ele, a eleição de lideranças jovens representa uma oxigenação da política institucional. "Eu acredito muito na juventude. Acho que isso diz muito sobre a capacidade que a juventude tem de inovar, de explorar novas possibilidades. Isso é o que as ruas e as urnas, inclusive, estão sinalizando", sustenta.

A jornalista Lívia Karol Araújo considera que a chave para consolidar a participação da juventude na política de forma permanente, e não apenas como um fenômeno eleitoral passageiro, é o conceito de identidade política.

"Para continuar trazendo a juventude para perto, os políticos vão precisar se conectar e se identificar com eles. A juventude vai precisar enxergar em novos líderes, ou nos líderes que surgiram agora, identificação com os anseios e sonhos que eles têm", avalia.



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Ameaça de interferência externa na democracia brasileira provocou reações em massa

Atos estudantis sensibilizaram população e deram início a um amplo processo de apoio ao projeto político do PT

EDIÇÃO: Amanda Gabriel
EDITORAÇÃO: Matheus dos Reis

PROTEÇÃO AMBIENTAL

Projeto que sugere uso de *drones* avança no Senado

Sistema digital ajudará na identificação de riscos de incêndios e desmatamentos

Da Redação
com Agência Senado



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Texto institui Política Nacional de Monitoramento e Restauração Ecológica Inteligente

A Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação (CCT) do Senado Federal aprovou, na última semana, o Projeto de Lei (PL) nº 1.297/2026, que cria uma política nacional para o uso de inteligência artificial (IA), sensores e *drones* na proteção ambiental e na recuperação de áreas degradadas.

A proposta prevê a criação de um sistema digital para reunir informações ambientais, identificar riscos de incêndios e desmatamento e acompanhar a fauna. O texto também estabelece limites para o uso de dados e exige supervisão humana em decisões com efeitos jurídicos.

De autoria do senador Jader Barbalho (MDB-PA), o projeto recebeu parecer favorável, na forma do substitutivo formulado pelo senador Esperidião Amin (PP-SC), e segue para análise da Comissão de Meio Ambiente (CMA).

O PL nº 1.297/2026 institui a Política Nacional de Monitoramento e Restauração Ecológica Inteligente (PNREI). A iniciativa estabelece diretrizes para o uso de inteligência artificial, *internet* das coisas (IoT), sistemas de biossensoriamento autônomo, *drones* e outras tecnologias digitais na preservação, fiscalização, prevenção e recuperação dos biomas brasileiros.

Pelo substitutivo, a iniciativa passa a integrar a Política Nacional do Meio Ambiente e deverá ser executada em articulação com o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). O texto deixa expresso que o uso dessas tecnologias não dispensa licenciamento ambiental, avaliação de impacto, autorização para supressão de vegetação ou outros instrumentos previstos na legislação. As operações com *drones* também deverão respeitar as normas das autoridades de aviação civil e de controle do espaço aéreo.

Fiscalização digital

O projeto cria o Sistema Nacional de Evidência Ambiental Digital (Snead), que reunirá informações de satélites, sensores, *drones* e sistemas de inteligência artificial. A plataforma deverá emitir alertas precoces de incêndios, desmatamento e outros riscos ambientais, monitorar a fauna e fornecer subsídios técnicos para a verificação e certificação de créditos de carbono e ativos de biodiversidade.

A proposta original previa a validação automática de créditos ambientais e atribuía aos alertas força de prova pericial. Contudo, o senador Esperidião Amin retirou a validação automática e estabeleceu que os alertas terão valor de elemento probatório complementar, sujeito ao direito de defesa. Sistemas automatizados não poderão ser o único fundamento para aplicação de sanções, embargos, apreensões, suspensão de direitos ou restrições de crédito. Essas medidas dependerão de validação humana prévia.

O Snead ficará sob responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima e deverá utilizar bases de dados ambientais já existentes, como as do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e do Cadastro Ambiental Rural (CAR), para evitar a duplicação de informações.

Os dados ambientais que não sejam pessoais serão públicos e abertos, ressalvadas as hipóteses de sigilo previstas em lei, como informações relacionadas à segurança nacional, às investigações e à proteção de espécies ameaçadas. O sistema também deverá permitir a correção de dados incompletos, incorretos ou desatualizados. A associação de informações ambientais a produtores rurais ou imóveis identificáveis dependerá de correspondência atualizada com cadastros oficiais.

A proposta também inclui o desenvolvimento de algoritmos capazes de identificar riscos de incêndios, desmatamento ilegal e degradação ambiental por meio da análise de sons e imagens em tempo real. Outra ferramenta são os chamados "gêmeos digitais", modelos virtuais que reproduzem ecossistemas para simular impactos ambientais e cenários de recuperação. Essas tecnologias estarão sujeitas a avaliação de impacto ambiental, calibração técnica e supervisão humana.

Pessoas físicas e agricultores familiares poderão ser dispensados de obrigações de avaliação de impacto algorítmico, registro e auditoria quando utilizarem tecnologias disponíveis comercialmente, sem modificações, em imóveis de até quatro módulos fiscais. Para isso, também não poderão oferecer os sistemas, dados ou serviços a terceiros nem participar da cadeia de validação de créditos de carbono ou ativos de biodiversidade. As regras de proteção de dados continuam aplicáveis.

Proteção de dados

Os dados pessoais eventualmente captados durante o monitoramento deverão seguir a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Em áreas habitadas por indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o monitoramento contínuo exigirá relatório prévio de impacto à proteção de dados pessoais e consulta prévia, livre e informada às comunidades afetadas.

O texto também pressupõe medidas contra o uso discriminatório da inteligência artificial e impede que a política, o Snead, os dados produzidos ou as certificações criem, por si só, novas exigências para acesso a crédito, seguro, incentivos públicos ou mercado de carbono. Novas condições desse tipo dependerão de previsão em lei específica.

Recuperação ambiental

Na recuperação de áreas degradadas, a proposta prevê o uso de *drones* para dispersar sementes, plantio mecanizado e sensores para acompanhar os ecossistemas. O objetivo é reduzir os custos do reflorestamento em larga escala, especialmente em áreas de difícil acesso.

A automação, no entanto, não dispensa avaliação ecológica, supervisão humana e acompanhamento em campo. O texto proíbe sistemas que causem danos significativos à fauna, à flora, ao solo, aos recursos hídricos ou à saúde humana, introduzam espécies invasoras ou utilizem defensivos químicos e outros insumos de forma indiscriminada. Operações que apresentem riscos relevantes deverão contar com mecanismos de supervisão, interrupção e resposta a incidentes.

Crédito e certificação

O projeto autoriza o Poder Executivo a criar linhas especiais de crédito, subvenções e outros incentivos para empresas, cooperativas, comunidades tradicionais, pequenos e médios produtores rurais e organizações da sociedade civil que desenvolvam ou adotem tecnologias de restauração ambiental. Os recursos poderão vir do Fundo Nacional sobre Mudança do Clima, desde que haja disponibilidade orçamentária e sejam cumpridas as regras de aplicação do fundo.

Também cria o selo voluntário Eco-Tech Brasil, destinado a certificar sistemas de inteligência artificial e projetos de restauração que comprovem resultados na redução de emissões, no aumento da biodiversidade ou na recuperação ecológica. A certificação terá validade limitada, será sujeita a auditorias e não afastará a responsabilidade dos envolvidos por eventuais danos ambientais.

Outra medida é a Cédula de Produto Rural Verde Digital (CPR-Verde Digital), modalidade de identificação de títulos rurais lastreados, total ou parcialmente, em dados de biossensoriamento autônomo. Essas informações poderão complementar os processos de verificação e certificação, mas não substituirão as auditorias e demais exigências previstas na legislação.

A dispensa de auditoria física presencial para liberação de parcelas de crédito dependerá da disponibilidade de dados contínuos e auditáveis. Mesmo nesses casos, poderão ser realizadas inspeções por amostragem ou diante de indícios de fraude. A regulamentação caberá ao Conselho Monetário Nacional, com escuta da Comissão de Valores Mobiliários.

Responsabilidade

O substitutivo define, ainda, a responsabilidade dos envolvidos por danos ambientais causados por falhas nas tecnologias. Desenvolvedores e distribuidores responderão por defeitos de projeto, falhas sistêmicas dos algoritmos ou falta de informações adequadas sobre os riscos. Aplicadores e operadores arcarão com eventuais danos decorrentes de uso inadequado, falta de treinamento, ausência de medidas de segurança ou descumprimento de protocolos técnicos.

A responsabilidade civil será objetiva, ou seja, não dependerá da comprovação de culpa, e cada agente responderá de acordo com sua participação no dano. Também poderão ser aplicadas as responsabilidades administrativa, penal e contratual previstas em lei.

O texto aprovado também determina que a política priorize o aproveitamento da infraestrutura pública existente e estabelece prazo de 270 dias para a entrada em vigor da futura lei, em vez dos 180 dias previstos originalmente.

O senador Jader Barbalho argumenta que a proteção ambiental precisa antecipar danos, em vez de apenas reagir a eles. Já Esperidião Amin considera que a tecnologia pode ampliar o monitoramento e reduzir as dificuldades da fiscalização presencial. "A incorporação da IA, sensores autônomos e *drones* dinamiza o monitoramento contínuo", sustentou Amin.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (65)

"Amigo Fábio Mozart, acabei de ouvir sua fala. É impressionante seu conhecimento sobre a história solanense. Seus passos diários (até de bicicleta) trazem fertilidade ao nosso solo. Você é a mais bela e engrandecedora aquisição de Solânea nas últimas décadas. Meu abraço e minha admiração" (Arnóbio Viana, ex-prefeito de Solânea, ex-deputado e atual conselheiro do Tribunal de Contas da Paraíba).

Mestre Arnóbio Viana, muito grato pelas gentis palavras a meu respeito. Fortalece a autoestima do velho Mozart e motiva a criar mais fortes laços afetivos com a nossa estimada Solânea.

Desde os tempos mais antigos, os gatos estão associados a superstições, cerimônias religiosas e atos de magia.

A Igreja Católica quase acaba com a raça dos gatos, acusados de instrumentos de bruxaria. Resultado: sem gatos para controlar os ratos, a peste negra assolou a Europa.

Meu gato preto Cirilo vive protegido das velhas superstições. Cruzo com esse preto velho todo dia, já tem quase 20 anos.

"Não peça nada ao destino. Nem ao acaso. O acaso é quem governa este Universo e é da natureza dele não escutar pedidos, mas aceitar interferências. Interfira, aja, interrompa, redirecione, transforme. O acaso agradece" (Bráulio Tavares).

"Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende" (Leonardo da Vinci).

O *Talmude* é o livro que guarda a lei, ética e costumes judaicos. Não justifica a limpeza étnica que expulsou mais de 750 mil pessoas, destruiu mais de 400 vilarejos e matou mais de 15 mil palestinos.

"Os homens são maus e os religiosos são os piores" (C. S. Lewis).

Aos 71 anos, a pessoa começa a ter a noção de que sofre de uma doença terminal e incurável chamada "vida".

"Fábio Mozart é igual a uísque envelhecido nos barris de carvalho do Zé Pinheiro, em Campina Grande: quanto mais o tempo passa, mais o bicho fica ruim!" (Dalmo de Xangô).

No meu aniversário, recebi bilhete do amigo Jejé, comunista: "Só não te dou o mundo porque ele pertence à classe trabalhadora, mas você é um cara arretado".

Estando eu no outono, não comemoro mais primaveras.

"Sou canalha, mas minha canalhice é técnica igual a beijo de novela" (Ameba, na Rádio Barata).

"A verdade é como a cebola: tira-se uma camada, e mais outra, e, quando se tira a última, não resta mais nada" (Rodolfo Wash).

"A verdade é uma só: são muitas. E estamos todos certos. E sem rumo" (Antônio Brasileiro).

"A poesia é uma metralhadora na mão dum palhaço" (Glauco Mattoso).

"A esperança será sempre um caminho de iluminuras, embora estejamos caminhando sobre navalhas" (Lau Siqueira).

Na Geórgia, estado americano mais racista, um carro atropelou dois pretos. Um deles foi lançado no meio do mato e o outro caiu dentro do carro. O policial prendeu os dois pretos. Um sob acusação de invasão de propriedade e o outro por abandonar o local do acidente.

"O autor escreve, o diretor dirige, mas é o ator que finalmente tem que saltar no abismo, mergulhar fundo... e desarmar a bomba" (W. J. Solha).

Colunista colaborador

ENDEREÇO RECONHECIDO

Todas as favelas agora têm CEP

Programa beneficia cerca de 16,3 milhões de moradores, avança e amplia o acesso a serviços e direitos

Agência Gov



Foto: Divulgação/Agência Brasil

Segundo a subsecretária, já foram atribuídos CEPs gerais às 12.348 favelas e comunidades urbanas mapeadas pelo IBGE

Agora, todas as 12.348 favelas e comunidades urbanas mapeadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) têm CEP. A iniciativa do Governo do Brasil, realizada nos últimos anos, por meio do programa CEP para Todos, beneficiou cerca de 16,3 milhões de moradores e representou um avanço para quem, historicamente, enfrentava dificuldades para comprovar o próprio endereço e acessar serviços básicos.

O resultado ganhou destaque na última quarta-feira (4), Dia da Favela, data que convida à reflexão sobre a importância desses territórios para a formação social, cultural e econômica do país e sobre a garantia de direitos para seus moradores.

"Muitas vezes, algo tão simples e corriqueiro para a maioria das pessoas, como informar o CEP em um cadastro de serviço público ou privado ou ao realizar uma compra pela *internet*, não era possível para quem vive em comunidades sem endereço oficialmente reconhecido. Garantir esse direito é muito mais do que facilitar a entrega de correspondências: é promover inclusão social, fortalecer a cidadania e assegurar que milhões de brasileiros tenham seu endereço reconhecido e possam acessar serviços e oportunidades em condições de igualdade", destaca o ministro das Comunicações, Frederico de Siqueira Filho.

A iniciativa do Ministério das Comunicações, em parceria com o Ministério das Cidades e os Correios, no âmbito do programa Periferia Viva, busca superar um problema histórico: a falta de endereços oficiais em favelas e comunidades urbanas.

Após garantir pelo menos um CEP para todos os territórios mapeados pelo IBGE, o CEP para Todos avança para uma nova etapa, com a identificação e a codificação individualizada de ruas, vielas e becos. A medida vai tornar o endereçamento mais preciso, facilitar a entrega de correspondências e encomendas e ampliar o acesso dos moradores a serviços públicos e privados.

"Por meio das ações CEP para Todos e Correios Comunidades, o Ministério das Comunicações e os Correios, no contexto do Programa Periferia Viva, do Ministério das Cidades, transformam a realidade de quem vive nesses territórios", destaca a subsecretária de Governança das Entidades Vinculadas, Lumárya Souza de Sousa.

Segundo a subsecretária, já foram atribuídos CEPs gerais às 12.348 favelas e comunidades urbanas mapeadas pelo IBGE, garantindo que 100% desses territórios tenham um endereço postal reconhecido.

"Com a instalação de canais de atendimento, como Correios Essencial e Pontos de Coleta, dentro dos territórios ou em suas proximidades, o projeto já alcançou 82,8% da meta estabelecida: 48 dos 58 territórios indicados pelo Ministério das Cidades", informa Lumárya.

Abre portas

A ausência de um CEP pode representar uma barreira para atividades simples do cotidiano. Sem um endereço reconhecido, moradores podem enfrentar dificuldades para receber correspondências e encomendas, realizar cadastros, acessar serviços financeiros, matricular crianças em escolas e até solicitar serviços de emergência.

O reconhecimento oficial dos endereços também contribui para o planejamento de políticas públicas, permitindo identificar melhor os territórios e ampliar a presença do poder público nessas localidades.

Presença

Reconhecimento oficial dos endereços também contribui para o planejamento de políticas públicas, ampliando a presença do poder público nessas localidades

Próximas etapas

Com a conclusão da primeira etapa, o programa avança na identificação e codificação individualizada de ruas, vielas e becos. O objetivo é fazer com que cada logradouro tenha seu próprio CEP, tornando o endereçamento ainda mais preciso e facilitando a entrega de correspondências e encomendas.

Outra frente de atuação é a ampliação da presença dos Correios nas comunidades, por meio de canais de atendimento e pontos de coleta que aproximem os serviços postais dos moradores.

"Integrar esses territórios é garantir direitos, facilitar o acesso às políticas públicas e fortalecer a cidadania. Nosso trabalho continua para que o reconhecimento do endereço se traduza em mais oportunidades e serviços para a população", reforça Lumárya.

UNICEF

Nenhum país do G20 tem maioridade penal abaixo dos 18 anos

Vitor Abdala
Agência Brasil



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

A maioridade penal é a idade em que a pessoa começa a ser julgada como adulto

Nenhum dos 19 países que integram o G20, grupo das maiores economias do mundo, tem maioridade penal inferior aos 18 anos. O levantamento foi divulgado nesta semana pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O mesmo vale para países da América Latina, ressaltou a organização ao publicizar os dados.

A maioridade penal é a idade em que a pessoa começa a ser julgada como adulto, podendo ser condenada a cumprir penas no sistema prisional comum. O G20 é formado pelos 19 países com o maior Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, além de dois blocos regionais: a União Europeia e a União Africana.

Responsabilização

Segundo o representante do Unicef no Brasil, Joaquin Gonzalez-Aleman, o G20 concentra os países mais ricos do mundo e 60% da população mundial. E esses países "concordam que é possível responsabilizar um adolescente sem tratá-lo como adulto".

"Misturar adolescentes e adultos no mesmo sistema prisional pode fazer o contrário do esperado: em vez de afastá-los do crime, pode aproximá-los de redes criminosas mais estruturadas, ao mesmo tempo que rompe seus vínculos com a escola, a família e a comunidade", ressalta Gonzalez-Aleman.

O levantamento também analisou as idades mínimas de responsabilização criminal, quando um adolescente já pode responder na Justiça, mas em um sistema específico para sua faixa etária. Veja no "Saiba Mais" no fim da notícia.

Posição do Unicef

De acordo com Gonzalez-Aleman, o Unicef defende que responsabilizar adolescentes que cometem atos infracionais é necessário. Mas, para isso, não é preciso tratá-los como adultos. "Já estamos responsabilizando as crianças a partir dos 12 anos quando elas cometem infração. A questão é que não é preciso levá-las para uma prisão. Vamos levá-las para sistema socioeducativo, vamos tentar recuperar essa criança, porque também temos evidência que a reincidência é muito menor no sistema socioeducativo que nas prisões para adultos", afirma.

Exceções

Apesar de nenhum país do G20 prever que menores de 18 anos sejam julgados como adultos de forma geral, algumas nações do grupo estabelecem exceções, como Estados Unidos, Arábia Saudita, Índia, Canadá, Reino Unido, Japão e Coreia do Sul.

Já entre os 20 países analisados na América Latina, apenas Cuba tem exceções para a maioridade penal aos 18 anos.

O Unicef não descreve as exceções, mas, nos Estados Unidos, por exemplo, alguns tipos de agravantes no crime podem fazer com que as varas da infância remetam os casos para juizados criminais, como o uso de violência, de arma ou a existência de antecedentes criminais.

PEC da Segurança Pública

O debate sobre a redução da maioridade penal voltou ao Congresso nesta semana, durante a votação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) da Segurança Pública. O texto foi aprovado no Senado Federal sem as emendas que buscavam equiparar os adolescentes aos adultos.

A PEC é uma das prioridades do atual governo para a área da segurança, mas os senadores discutiram a inclusão de emendas de plenário que tratavam da redução da maioridade penal de 18 para 16 anos, ou até mesmo para 14 anos.

O relator da PEC, senador Rogério Carvalho (PT-SE), não acolheu as emendas no relatório final, mas recomendou que elas constituíssem propostas autônomas que pudessem tramitar em conjunto e serem votadas posteriormente em separado.

Saiba Mais

Idade mínima para responsabilização no G20

- Arábia Saudita e Índia: 7 anos;
- Reino Unido, Estados Unidos e Austrália: 10 a 12 anos;
- Brasil, África do Sul, Canadá, Indonésia, México e Turquia: 12 anos;
- França: 13 anos;
- Alemanha, Argentina, Coreia do Sul, Itália, Japão e Rússia: 14 anos;
- China: 16 anos.

Idade mínima para responsabilização na América Latina

- Brasil, Costa Rica, El Salvador, Equador, Honduras, México e Panamá: 12 anos;
- Guatemala, Haiti, República Dominicana e Uruguai: 13 anos;
- Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Venezuela: 14 anos;
- Cuba: 16 anos.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Editais oferecem vagas na PB e em PE

Três seleções disponibilizam 1.453 cargos de escolaridades variadas e salários que podem chegar a R$ 12.937,33

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Para quem acha que o ano já acabou, a oferta de oportunidades para diversos cargos públicos na Paraíba e em Pernambuco mostra que ainda dá tempo de se preparar para conquistar uma vaga. Do Brejo ao Sertão paraibano, com cargos de médico a professor, os concursos com inscrições abertas oferecem um leque variado de oportunidades. No Brejo paraibano, a Câmara de Areia procura profissionais com Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio completo com curso de Informática básica para o preenchimento de quatro vagas. Já a prefeitura de Conceição, no Sertão do estado, reabriu as inscrições do certame público e disponibiliza salários de até R$ 7 mil, em busca de preencher as 129 vagas oferecidas nas mais variadas áreas.

Já no estado vizinho, o concurso da Polícia Militar de Pernambuco (PMPE) teve seu período de inscrição prorrogado. Assim, quem deseja ingressar na carreira em segurança pública, pode aproveitar o novo prazo para concorrer a uma das 1.320 oportunidades ofertadas.

■ Do Brejo ao Sertão paraibano, os concursos com inscrições abertas oferecem cargos variados

Legislativo

Para quem almeja uma vaga no Poder Legislativo, a Câmara Municipal de Areia está com inscrições abertas para ocupar os postos de auxiliar de serviços gerais e auxiliar administrativo. De acordo com o edital publicado, são oferecidas quatro vagas, sendo duas para cada função.

Os interessados têm até o dia 29 de novembro para efetuar as inscrições pelo portal da Comissão Permanente de Concursos (CPCon) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A confirmação da inscrição ocorrerá mediante o pagamento de taxa de R$ 75 para nível fundamental incompleto e R$ 95 para nível médio completo. A remuneração inicial é de R$ 1.621 para ambos os cargos.

Quanto à avaliação, os candidatos serão submetidos a uma fase única, com prova escrita objetiva de caráter eliminatório e classificatório para todos os cargos. A prova está marcada para o dia 31 de janeiro de 2027, em Areia, com possibilidade de aplicação em cidades próximas se não houver locais suficientes para atender a demanda. O concurso terá validade de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período.

Pelo *QR Code*, acesse o edital da Câmara de Areia

Sertão paraibano

Outra oportunidade de ingressar no serviço público está no Sertão do estado. O concurso da Prefeitura de Conceição visa preencher 129 vagas, voltadas para profissionais de níveis fundamental incompleto, médio, técnico e superior. Uma nova retificação no edital reabriu as inscrições, que seguem até às 23h59 de hoje.

Esta é a última oportunidade de concorrer aos diversos cargos oferecidos, sendo os de maior oferta os de agente administrativo (11), professor dos anos iniciais (seis), cozinheiro/merendeiro (cinco) e auxiliar de serviços gerais (cinco). Os vencimentos básicos vão de R$ 1.621,00 a R$ 7 mil, podendo ser acrescido de adicional de insalubridade para determinados cargos.

As inscrições devem ser realizadas por meio do portal da EducaPB, mediante o pagamento de taxa no valor de R$ 70 a R$ 110, de acordo com o nível de escolaridade.

A seleção contará com prova escrita objetiva, de caráter eliminatório e classificatório. Também haverá prova de títulos para cargos de nível superior e prova prática para motorista e operador de máquinas pesadas. A prova objetiva está prevista para o dia 6 de dezembro de 2026, em Conceição, com possibilidade de aplicação em cidades próximas. O concurso terá validade de um ano, podendo ser prorrogado por igual período.

Pelo *QR Code*, acesse o edital da Prefeitura de Conceição

PMPE

Em Pernambuco, a Secretaria de Administração e a Secretaria de Defesa Social oferecem 1.320 vagas para ingresso na Polícia Militar do estado. As oportunidades estão distribuídas entre os cargos de soldado, na qualificação Policial Militar Geral (1.250), e segundo-tenente, nos quadros de oficiais policiais militares (40), médicos (20) e dentistas (10), abrangendo os níveis de escolaridade médio e superior.

Segundo o edital, a jornada de trabalho será de 8h diárias, totalizando 40 horas semanais, além de abranger funções em regime de plantão. Os vencimentos variam de R$ 5.617,92, para soldado, a R$ 12.937,33, para segundo-tenente.

Para concorrer a uma das vagas, os interessados devem acessar o portal da banca organizadora, Instituto AOCP, até o dia 23 de novembro de 2026, às 14h. As taxas de inscrição são de R$ 180 para nível médio e R$ 220 para para nível superior.

Todas as etapas do certame terão aplicação na capital, Recife, além de nos municípios de Arcoverde, Caruaru e Petrolina. A seleção terá prova objetiva e redação, exames médicos, testes de aptidão física, avaliação psicológica, investigação social e curso de formação profissional. A prova objetiva está prevista para o dia 21 de fevereiro de 2027. Com validade inicial de dois anos, contados da publicação da homologação, o concurso poderá ser prorrogado pelo mesmo intervalo de tempo.

Pelo *QR Code*, acesse o edital da Polícia Militar de Pernambuco

Profissionais levam conhecimento sobre saúde à população

Ser o elo entre a comunidade e a unidade básica de saúde (UBS) é uma das principais funções do agente comunitário de saúde (ACS). Por meio de visitas domiciliares, esses profissionais acompanham a rotina e as condições de saúde das famílias, identificam suas necessidades e compartilham as informações com a equipe multiprofissional. Além disso, orientam a população sobre cuidados básicos, como vacinação e prevenção de doenças.

A partir desse contato mais próximo, o ACS também consegue identificar situações de risco, como vulnerabilidade social e violência doméstica, além de acompanhar grupos prioritários, como gestantes, crianças e pessoas com doenças crônicas.

O agente comunitário de saúde da Prefeitura de João Pessoa, Yorhaynã Moreno, assumiu o cargo em março deste ano, mas já consegue perceber a relevância de sua atuação. "O aspecto mais gratificante na minha profissão é poder levar o conhecimento da saúde pública para as pessoas, fazer com que elas entendam orientações e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), levar a importância da vacina, dos cuidados básicos com a saúde da mulher, do homem, da criança e do adolescente".

E foi justamente a possibilidade de atuar como educador social, inserido diretamente na comunidade, que o motivou a prestar concurso para o cargo. Segundo Yorhaynã, a intenção era levar informações e orientações de saúde às pessoas que nem sempre têm acesso a esse conhecimento e ao acompanhamento necessário.

Formado em Filosofia, o agente explica que o conhecimento teórico-científico, por si só, não é suficiente se não houver uma comunicação capaz de torná-lo acessível à população. "Se você tiver somente o rigor acadêmico e não souber transcrevê-lo, não souber fazer o outro entender o seu discurso, aquilo que prega a saúde pública, o Sistema Único de Saúde, nada adiantará", destacou.

Para ele, um dos aspectos mais importantes da profissão é justamente transformar o conhecimento técnico-científico em orientações compreensíveis, considerando as diferentes realidades sociais e culturais das comunidades atendidas.

Mas, mesmo diante da importância da profissão, há obstáculos. Entre eles, Yorhaynã destaca a dificuldade de estimular a participação dos idosos nas atividades coletivas desenvolvidas pela unidade de saúde.

"Acredito que um dos desafios que eu enfrento como agente comunitário de saúde seja a percepção dos idosos e idosas da minha comunidade. Ou seja, a dificuldade de fazer eles se locomoverem, dialogarem entre si, socializarem. Com a chegada das redes sociais, acredito que as pessoas estejam mais isoladas ainda. Então, um desafio para minha unidade de saúde, por exemplo, é colocar esses idosos em atividade", detalhou.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo Yorhaynã, a intenção é levar informações de saúde às pessoas que nem sempre têm acesso a esse conhecimento

Nesse processo, o profissional ressalta que respeitar a autonomia dos idosos é fundamental para estimular a participação nas ações promovidas pela unidade de saúde. Para Yorhaynã, é necessário ir além da transmissão de orientações e oferecer atividades nas quais esse público possa fazer escolhas e se sentir acolhido.

"Eles já passaram a vida inteira cumprindo normativas, então, nessa idade, ele quer se utilizar mais do livre-arbítrio. Então, se nesses eventos, se nesses momentos que são proporcionados ao idoso, ele não puder ter uma autonomia de fazer o que ele bem entender, no sentido de o que a unidade de saúde oferece a ele, dificilmente programas, campanhas e atividades coletivas irão conseguir captar esse público", explicou.

Para quem deseja ingressar nessa área, que reúne conhecimentos sobre o SUS, empatia e acolhimento, Yorhaynã destaca o caráter social e gratificante da profissão. De acordo com ele, o trabalho permite conhecer diferentes realidades, desenvolver a escuta ativa e contribuir para que a população compreenda a importância dos serviços públicos de saúde. "É bastante solidário, você poder compreender quais são as práticas sociais, fazer com que a saúde pública chegue nas camadas menos favorecidas da sociedade, você poder ter uma escuta ativa, transformar o conhecimento técnico-científico em uma forma de que as pessoas compreendam o que está acontecendo", ressaltou.

Para Yorhaynã, mais do que transmitir informações, a atuação representa uma oportunidade de aproximar a população dos serviços de saúde e fortalecer a presença do SUS nas comunidades.

Oportunidades

Para agentes comunitários de saúde (ACS), o concurso da Prefeitura Municipal de Conceição oferece uma vaga imediata. Os cargos exigem Ensino Médio completo mais o Curso de Formação Inicial de Agente, com 40h, além da exigência do candidato residir na área da comunidade em que for atuar. Para uma carga horária de 40h semanais, o vencimento básico é de R$ 3.242.

■ Um dos aspectos mais importantes da profissão é transformar o conhecimento técnico-científico em orientações compreensíveis

Selic	Sálário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 4 de novembro de 2026	R$ 1.621	0,36%	-0,41%	-0,65%
13,75%		R$ 5,50	R$ 6,13	R$ 7,36

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2026	0,82
Agosto/2026	-0,32
Julho/2026	0,07
Junho/2026	0,16
Maio/2026	0,58



PRAZO E FINANCIAMENTO

Na PB, gastos no cartão já chegam a R$ 12,04 bilhões

Faturas podem gerar transtornos, mas uso controlado é bem-vindo

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com


Foto: Carlos Rodrigo
O dinheiro tomado também é importante na hora de financiar imóveis ou veículos, por exemplo

A soma dos valores disponíveis no cartão de crédito na Paraíba atingiu um patamar histórico, e o tamanho desse montante revela que a população nem sempre sabe como usar a ferramenta da melhor forma. Em setembro de 2026, o saldo total das faturas de cartão no estado chegou ao recorde de R$ 12,04 bilhões, segundo levantamento dos dados do Banco Central. Esse valor representa um salto de 11,1% em apenas um ano, quando a carteira somava R$ 10,84 bilhões.

O problema é que o aumento do acesso ao crédito veio acompanhado por um rastro de inadimplências. E, quando essa inadimplência supera os 90 dias, ou quando há indícios de que a obrigação não será integralmente honrada, o Banco Central estabelece uma fórmula para calcular se o crédito é um "ativo problemático".

Na Paraíba, esse índice atingiu o patamar de 13,86% para o cartão de crédito. Isso significa que, de cada 100 reais concedidos pelos bancos no cartão no estado, R$ 13,86 estão "podres", ou seja, sob altíssimo risco de jamais retornarem aos cofres das instituições. No volume total da carteira paraibana, isso representa cerca de R$ 1,67 bilhão de crédito sob forte estresse.

Esse atual patamar do índice de ativo problemático começou a se elevar no mês de março e só havia sido superado uma única vez desde o início da série histórica em 2012. Acrescenta-se a esse problema o fato de que o cartão de crédito representa a modalidade mais onerosa e perigosa do mercado financeiro. Mas nem toda dívida é, em si, um problema.

É isso que aponta o Consultor de Negócios da Central Sicredi Nordeste, Erli Bandeira. "Uma dívida não é ruim porque existe; ela se torna problemática quando o custo do crédito e o comprometimento da renda fazem com que o consumidor perca a capacidade de pagá-la", destaca. A diferença, portanto, não está apenas em ter ou não uma dívida, mas no custo que ela representa e no que o dinheiro é capaz de produzir.

"Quando você toma um crédito caro para financiar um consumo que não vai gerar renda nem patrimônio, o custo da dívida passa a trabalhar contra o seu orçamento. É diferente de um crédito usado para adquirir algo que pode aumentar sua capacidade de gerar renda ou formar patrimônio", explica. Uma alternativa, nesses casos, é trocar uma dívida de custo elevado por outra com condições mais favoráveis.

Relação com as dívidas pode ser produtiva

A experiência do administrador público pessoense Tiago Luna, de 45 anos, ajuda a mostrar como a relação com as dívidas pode mudar ao longo do tempo. Ele já passou por um período de inadimplência das faturas do cartão, quando os juros cobrados sobre o saldo devedor aumentaram o peso das despesas e dificultaram o equilíbrio do orçamento familiar.

"Eu e minha esposa usamos cartões separados, mas as despesas da família são juntas, sempre um ajudando o outro, e boa parte da remuneração dela é composta por uma comissão. Quando ela vinha mais baixa, a renda da casa também caía, mas a fatura continuava chegando. Isso comprometia o orçamento e a dívida acaba afetando os gastos obrigatórios. Aos poucos, começamos a nos organizar e ter uma reserva para pagar a fatura nos meses em que a comissão fosse menor", conta o administrador.

A situação hoje é diferente. Tiago não está inadimplente, mas isso não significa que tenha deixado de recorrer ao crédito. A principal dívida da família é o financiamento de um apartamento contratado há cerca de sete anos. "Hoje está estabilizado. O financiamento do meu apartamento tem juros menores do que os contratos atuais e a parcela que eu pago é inferior ao que eu pagaria em um aluguel. Então a gente tem conseguido manter essa dívida sem comprometer o restante das despesas", destaca ele.

É nesse ponto que surge o conceito de dívida produtiva. Na avaliação financeira, uma dívida tende a ser considerada mais saudável quando o recurso tomado está associado à aquisição de um bem, à geração de renda ou a um investimento cuja expectativa de retorno seja compatível com o custo do financiamento.

A distinção, contudo, não significa que todo financiamento de patrimônio seja automaticamente uma "boa dívida". O custo do crédito, o prazo, o valor das parcelas, a estabilidade da renda e a capacidade de pagamento continuam determinantes. Um imóvel comprado por meio de um financiamento que compromete excessivamente a renda pode se transformar em um problema financeiro.

"O que torna uma dívida saudável não é simplesmente o fato de ela financiar um imóvel ou um negócio. É preciso que exista capacidade de pagamento e que o benefício esperado daquele recurso faça sentido diante do custo do crédito assumido", afirma Erli Bandeira. "A lógica, portanto, é menos a de separar as dívidas entre boas e ruins de maneira absoluta e mais a de observar o que o crédito financia, quanto ele custa e qual retorno pode produzir", complementa ele.


Foto: Arquivo pessoal

A ideia é ter o crédito como uma ferramenta, dentro de um limite que eu consiga controlar

Tiago Luna

O cartão utilizado para antecipar uma compra e quitado integralmente no vencimento pode ter uma função diferente daquele usado para financiar continuamente despesas que já não cabem na renda. Da mesma forma, um empréstimo que substitui uma dívida mais cara pode aliviar o custo financeiro, enquanto um financiamento utilizado para adquirir um ativo ou ampliar a capacidade de geração de renda pode contribuir para a formação de patrimônio.

"Antes de perguntar se uma dívida é boa ou ruim, é preciso perguntar para que aquele dinheiro está sendo usado, quanto ele vai custar e se a pessoa ou a empresa terá condições de pagar. É essa combinação que determina se o crédito será uma ferramenta de crescimento ou uma fonte de desequilíbrio", resume Erli. Para Tiago, a mudança foi justamente aprender a conviver com o crédito sem deixar que ele desorganize o orçamento.

"Quero continuar organizando as finanças, aumentar minha reserva e fazer planos para o futuro sem ficar limitado pelos juros dos bancos. A ideia é ter o crédito como uma ferramenta, dentro de um limite que eu consiga controlar, e não trabalhar só para pagar juros", projeta Tiago Luna.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliocorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Crédito caro e endividamento: o limite do consumo

O consumo das famílias é um dos motores da economia brasileira. Quando a renda cresce, o emprego avança e o crédito é acessível, o comércio vende, os serviços se expandem e a atividade econômica ganha dinamismo. Entretanto, há uma diferença entre o crédito que impulsiona o desenvolvimento e aquele que compromete a renda futura. Quando os juros se tornam elevados e as dívidas pesam no orçamento, o consumo de hoje pode representar a restrição econômica de amanhã.

Os dados do Banco Central revelam a dimensão do problema. Em agosto de 2026, o endividamento das famílias alcançou 50,1% da renda acumulada em 12 meses, enquanto o comprometimento da renda com o serviço das dívidas chegou a 29%, ambos em níveis recordes. Em setembro, a inadimplência das pessoas físicas permaneceu próxima de 6%, o maior patamar da série histórica. Já para as empresas, a inadimplência recuou de 3,4% para 3,3% no mês passado.

Os números mostram que a expansão do crédito precisa ser avaliada não apenas pelo volume de recursos disponibilizados, mas também pela capacidade de pagamento das famílias.

O endividamento, por si só, não é necessariamente negativo. O crédito permite financiar moradia, adquirir bens duráveis, enfrentar emergências e antecipar investimentos. O problema surge quando juros elevados e prazos inadequados transformam esse instrumento em um mecanismo de comprometimento crescente da renda familiar.

Em setembro de 2026, a taxa média de juros das operações de crédito livre para pessoas físicas alcançou 62,4% ao ano, segundo o Banco Central. Embora represente uma média entre diferentes modalidades, o indicador evidencia o elevado custo do financiamento ao consumidor. Em operações como o cartão de crédito rotativo e o crédito pessoal sem garantia, os juros podem fazer a dívida crescer rapidamente, reduzindo os recursos disponíveis para despesas essenciais, como alimentação, transporte, educação e saúde.

Esse cenário também produz consequências macroeconômicas, ou seja, quanto maior a parcela da renda destinada ao pagamento de dívidas, menor a capacidade de realizar novas compras. O crédito pode estimular inicialmente o comércio, mas, quando o endividamento se acumula, o consumo perde força, os consumidores ficam mais cautelosos e a atividade econômica passa a enfrentar novas restrições. Forma-se um paradoxo: o instrumento utilizado para estimular o consumo pode contribuir para sua desaceleração.

Na economia local, os efeitos merecem atenção. O comércio e os serviços têm papel relevante na geração de renda e ocupação. Quando as famílias perdem capacidade de consumo, os impactos alcançam pequenos negócios, trabalhadores autônomos e prestadores de serviços, comprometendo o faturamento das empresas e a manutenção de empregos.

Enfrentar esse problema exige uma agenda que combine responsabilidade financeira, concorrência bancária e proteção ao consumidor. É necessário ampliar a transparência sobre o custo efetivo dos empréstimos, facilitar a portabilidade de dívidas e assegurar que as renegociações reduzam efetivamente os encargos, em vez de apenas prolongar os prazos. Também é fundamental que as instituições financeiras considerem a capacidade real de pagamento dos clientes.

O desafio não é restringir o acesso ao crédito, mas garantir que ele cumpra sua função econômica e social. Uma economia saudável não é aquela em que as famílias consomem cada vez mais por meio de empréstimos, mas aquela em que a renda permite consumir, poupar e investir sem comprometer o futuro. Quando o pagamento das dívidas passa a disputar espaço com as necessidades básicas, o problema deixa de ser apenas financeiro e se transforma em uma questão de desenvolvimento.

PRODUÇÃO DE ENERGIA

Fósseis ainda concentram recursos

Embora as renováveis avancem, levantamento aponta que o Brasil destina 70% dos incentivos a geradores poluentes

Fabíola Sinimbú
Agência Brasil



Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

Subsídios a setores como o eólico e o solar cresceram mais de 20% em 2025 e Governo Federal aponta que recursos vêm sendo potencializados progressivamente

Mais de 70% dos subsídios federais ao setor de energia no Brasil foram destinados, no ano passado, aos combustíveis fósseis, cujo uso é o principal causador do aquecimento global e dos eventos climáticos extremos que se tornam mais frequentes a partir dele. A conclusão faz parte da nona edição do *Monitoramento dos Subsídios Federais às Fontes de Energia no Brasil*, estudo produzido pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc). Apesar de ainda menores na comparação, os subsídios às energias renováveis, como a solar e a eólica, saltaram 20,89% apenas em 2025.

Segundo os pesquisadores, o Brasil gastou R$ 77,16 bilhões em subsídios federais ao setor de energia no ano de 2025. Desse total, R$ 54,12 bilhões, o equivalente a 70,14%, foram para setores como os de petróleo, gás natural e carvão vegetal.

A fatia que foi destinada aos produtores de energia renovável, como a eletrificação de transportes e a geração de energia eólica e solar, foi de R$ 23,04 bilhões. Na prática, isso significa que, para cada R$ 1 destinado a essas fontes renováveis, R$ 2,35 foram enviados para os combustíveis fósseis.

Segundo a assessora política do Inesc e coautora do estudo, Alessandra Cardoso, os números mostram que a política de subsídios brasileira ainda sustenta uma forte dependência dos combustíveis fósseis, quando a urgência climática imprime uma necessidade de que a produção de energia emita cada vez menos gases do efeito estufa.

"Não se trata apenas de comparar quanto o país destina a cada fonte de energia, mas de avaliar quais atividades estão sendo incentivadas, quem se beneficia desses recursos e como essas escolhas se relacionam com os compromissos de transição energética", destaca.

Financiamentos devem ser mais bem repartidos entre segmentos

Na comparação com o ano de 2024, quando foram destinados R$ 73,88 bilhões ao setor de energia, houve um crescimento de 4,44% nos apoios financeiros.

Apesar do crescimento geral, a fatia dos combustíveis fósseis teve uma queda de 1,27% frente a 2024, quando o setor recebeu R$ 54,82 bilhões.

Já a produção e o consumo de energia renovável receberam 20,89% a mais de benefícios do que em 2024, quando foram concedidos apenas R$ 19,06 bilhões em subsídios.

De acordo com os pesquisadores, a expansão do benefício às renováveis foi impulsionada principalmente pelos incentivos à geração distribuída, que somaram R$ 14,71 bilhões, o equivalente a 63,9% da fatia das renováveis.

Nessa modalidade, a energia é produzida pelo próprio consumidor. Um exemplo é a instalação de placas fotovoltaicas na própria residência ou comércio que necessita de luz elétrica.

Na avaliação do assessor político do Inesc, Cássio Cardoso Carvalho, os mecanismos de financiamento à geração distribuída acabam transferindo os custos para consumidores que não conseguem acessar os benefícios da geração própria. Portanto, existe um risco de promover uma transição que aprofunda desigualdades.

"A política de subsídios precisa combinar a expansão das fontes limpas com critérios de justiça distributiva, redução da pobreza energética e ampliação do acesso à energia", complementa.



Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Para Inesc, geração distribuída alavanca transição energética

Para entidade, é preciso uma reforma na destinação de verbas

Embora os subsídios aos combustíveis fósseis venham diminuindo, quando os pesquisadores analisaram individualmente quais mecanismos foram mais beneficiados em 2025, concluíram que a Conta de Consumo de Combustíveis (CCC), um encargo pago pelos consumidores de energia elétrica, arrecadou R$ 14,11 bilhões, 26,62% a mais que em 2024.

Esse valor — que representa pouco mais de um quarto dos subsídios dados aos combustíveis fósseis — foi direcionado para financiar a geração de eletricidade em sistemas isolados à base de combustíveis fósseis, como termoelétricas movidas a óleo *diesel*, por exemplo.

Na avaliação de Cássio Carvalho, é necessária uma reforma ordenada dos subsídios, capaz de avaliar, planejar e reorientar os recursos públicos e que funcione como um instrumento relevante para impulsionar a transição energética brasileira.

"Há setores que já não necessitam do mesmo nível de incentivo, seja por razões relacionadas à transição energética, seja pela própria viabilidade econômica de suas atividades. Nesse sentido, a reforma pode direcionar recursos para setores da economia que enfrentam maiores desafios", conclui.

De acordo com o Ministério da Fazenda, o estudo do Inesc já reflete uma trajetória de redução dos subsídios federais aos combustíveis fósseis e de ampliação dos recursos para as fontes renováveis.

"É importante destacar que os dados se referem ao período anterior às medidas excepcionais e transitórias adotadas em 2026, destinadas a mitigar os efeitos adversos no mercado interno da volatilidade internacional dos preços do petróleo, decorrente da guerra no Irã e do fechamento do Estreito de Ormuz", destaca o órgão por meio de comunicado à imprensa.



Foto: Divulgação/Inesc

Assessor político aponta uma carência de reorientação

O comunicado destaca ainda a mudança legal promovida pelo país para incentivar a produção de fontes energéticas sustentáveis, como a Lei dos Combustíveis do Futuro (nº 14.993/2024), que integra os Programas RenovaBio, Mover, Programa Brasileiro de Etiquetagem Veicular (PBEV) e Programa de Controle de Emissões Veiculares (Proconve).

O ministério cita ainda o Plano de Transformação Ecológica, o EcoInvest Brasil, com previsão de mobilizar mais de R$ 190 bilhões em investimentos, e o Fundo Clima, que prevê R$ 27,5 bilhões para 2026.

Segundo a pasta, esse conjunto de medidas vai contribuir para uma distribuição de subsídios mais equilibrada e para uma transição energética de acordo com os compromissos assumidos pelo governo brasileiro.

SINDIFISCOPB Um sindicato propositivo, forte e plural

SINDIFISCOPB

EDITAL
CONVOCAÇÃO DA 59ª ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

A presidente do Sindifisco-PB, no uso de suas atribuições estatutárias, conforme determina o Art, 7º, inciso V do Estatuto, resolve convocar a 59ª Assembléia Geral Ordinária, que será realizada de forma híbrida (presencial e através do google meet), conforme disposição legal no art. 48-A, do Código Civil brasileiro, para apreciar e deliberar sobre a seguinte pauta::

• Plano de Aplicação do Orçamento para o Exercício de 2027.

Data: 25 de novembro de 2025 (quarta-feira)
Hora: 17h
Local: Sede do Sindifisco-PB
Av. São Paulo, 188, Bairro dos Estados, João Pessoa - PB

João Pessoa, 8 de novembro de 2025.

Helena Bezerra de Medeiros
PRESIDENTE

Sindicato dos Auditores Fiscais Tributários Estaduais da Paraíba
principal@sindifiscopb.org.br 83 3044-3282
@sindifiscopb sindifiscopb.org.br
Filiado à: FENAFISCO

COMPUTADORES QUÂNTICOS

Equipe treinada na China montará máquinas em JP

Especialistas paraibanos participarão da instalação dos aparelhos no Ciquanta

Iluska Cavalcante
Ascom Secties





Fotos: Divulgação/Ascom Secties

Pesquisadores e técnicos viajaram ao país asiático para passar por uma capacitação no Suzhou Quantum Center, ligado à empresa estatal CETC

Chips minúsculos, equipamentos que funcionam a temperaturas próximas do zero absoluto e uma tecnologia dominada por poucos países. Foi isso que um grupo de pesquisadores e técnicos paraibanos encontrou ao chegar à China, onde passou semanas em treinamento intensivo para aprender, na prática, a testar, calibrar e manter computadores quânticos. Agora, eles usarão esse conhecimento em casa: trabalharão junto com técnicos chineses na montagem dos dois computadores quânticos que chegaram ao Brasil na quinta-feira (5) e serão instalados no Centro Internacional de Computação e Tecnologias Quânticas (Ciquanta), em João Pessoa.

As máquinas, de 20 e 100 *qubits* — unidade básica de informação da computação quântica —, desembarcaram no Porto de Suape, em Pernambuco, e devem chegar à capital paraibana nos próximos dias. Elas são as primeiras da América Latina.

O treinamento faz parte do acordo de cooperação entre o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Suzhou Quantum Center, ligado à estatal chinesa CETC.

"A gente está dando essa resposta, mostrando ao Brasil e à América Latina que o Nordeste tem capacidade de desenvolver tecnologias que pensam no futuro e em soberania nacional", ressaltou o titular da Secties, Claudio Furtado.

Capacitação

Na China, os brasileiros foram divididos em três grupos: testes, manutenção e *chips*. Cada equipe teve acesso a uma parte diferente das instalações e recebeu apoio e material didático dos técnicos locais.

O físico Arthur Souza, doutor e pesquisador pleno do Ciquanta, comentou sobre a experiência. "Eles nos receberam de braços abertos. Deram acesso quase total às instalações de desenvolvimento dos equipamentos e sempre foram muito solícitos em fornecer documentação e material didático".

Para ele, o ponto central é a transferência de tecnologia. "É um ponto estratégico para o nosso país. Não adianta só comprar os equipamentos. A gente tem que trazer a tecnologia para cá. Assim, podemos formar nossos próprios recursos humanos", afirma.

O engenheiro eletricista Lucas Justino fez parte do grupo de testes, que ficou mais tempo na China. O aprendizado era prático: o treinamento acontecia dentro das instalações, com operação direta dos computadores.

"A gente fazia as calibrações e os experimentos. Recebemos a lista do que era possível realizar e fomos instruídos sobre o modo de operação de cada um", explica.

Ele é formado em Engenharia Elétrica, mas sempre trabalhou perto da Computação. O interesse pela área quântica veio do orientador, que insistia que o futuro da tecnologia passa por ali. "Quando as operações forem melhor desenvolvidas, o futuro está aí. É uma área da qual não devemos tirar o olho", salienta Lucas.

Para a pesquisadora Eduarda Froes, o começo não foi fácil. A tecnologia era nova, os termos eram desconhecidos e havia muita informação. Com o passar das semanas, porém, o grupo começou a entender o trabalho. "Quando a gente chegou, teve muita dificuldade de entender aquela tecnologia nova. Quando foram se passando as semanas, já olhávamos para os resultados e sabíamos interpretar. Eu dizia aos amigos: 'Gente, a gente está conseguindo, vai dar certo'", lembra.

Pioneiros

Os dois primeiros computadores quânticos da América Latina chegaram ao Brasil na quinta-feira (5), desembarcando no Porto de Suape, em Pernambuco

Experiência deve inspirar cursos para interessados na tecnologia

Com a chegada das máquinas, começa a fase em que esse aprendizado será colocado em prática no Brasil. A montagem será feita em conjunto: cerca de 20 profissionais chineses vão se revezar no trabalho, ao lado dos pesquisadores do Ciquanta, que chegam a essa etapa com a formação e a experiência adquiridas na China.

O prédio da Estação das Artes foi adaptado para receber os equipamentos. O espaço tem blindagem eletromagnética e foi preparado para atender às exigências de peso e de energia dos computadores.

A primeira etapa é montar a estrutura física e o sistema de resfriamento. Depois, serão instalados os componentes lógicos e o sistema operacional, assim como será feito o trabalho de engenharia de *software*. A estabilização das máquinas deve começar em dezembro e a previsão é que elas estejam funcionando a partir de janeiro de 2027.

Conhecimento

O plano é que o conhecimento não fique só com quem viajou. A equipe de especialistas organizará formações para capacitar outras pessoas.

"Nosso plano é estruturar os cursos e disseminar esse conhecimento. Não guardar para a gente o que aprendemos, mas capacitar paraibanos e outras pessoas que se interessem por computação quântica", resume Eduarda Froes.

Os computadores também serão abertos à comunidade científica. Pesquisadores de todo o país podem submeter projetos e pedir horas de processamento, e as inscrições já estão abertas no *site* do Ciquanta (ciquanta.secties.pb.gov.br). O governo também quer atrair *startups* da área, que deverão se instalar no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, em João Pessoa.

Ciquanta

O Centro Internacional de Computação e Tecnologias Quânticas da Paraíba é uma iniciativa do Governo do Estado, por meio da Secties, em parceria com o MCTI. Ele reúne infraestrutura de pesquisa, formação de pessoas e cooperação internacional, e será um dos polos da Iniciativa Brasileira de Tecnologias Quânticas (IBQuântica). Terá computadores de 20 e 100 *qubits*, acesso remoto para pesquisadores de todo o Brasil e um espaço aberto ao público, com uma réplica de computador quântico e exposições sobre a história da tecnologia.

■ Equipamentos também serão abertos à comunidade científica de todo o Brasil, via acesso remoto

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Seis tempos (III)

"Seis tempos" é uma série de seis crônicas sobre o tempo e a responsabilidade de pensar. Cada uma parte de uma canção e de um filósofo.

3. O tempo histórico
O tempo não para, mas a história pode ser interrompida

Em 1988, um Cazuza já magro, sabendo-se doente, subiu ao palco e cantou que o tempo não para. A canção virou hino de uma geração que saía da Ditadura e entrava numa democracia ainda trêmula. No mesmo ano, em outubro, o Brasil promulgava sua nova Constituição. Dois anos depois, Cazuza morria, aos 32 anos.

A letra é uma acusação. Fala de alguém que olha o futuro e enxerga o passado se repetindo, de um país que troca de roupa, mas não de alma, de uma novidade que já nasce velha. É raiva, mas é raiva lúcida. Cazuza não cantava que o tempo passa. Cantava que o tempo passa e nada muda, e que isso é intolerável.

Quarenta e oito anos antes, em 1940, um filósofo alemão escrevia suas últimas páginas fugindo da Gestapo. Walter Benjamin, judeu, marxista, colecionador de livros e de cidades, tentava atravessar os Pireneus para escapar da França ocupada. Na bagagem, levava um manuscrito curto: as teses *Sobre o conceito de história*. Barrado na fronteira espanhola, em Portbou, tirou a própria vida em setembro daquele ano.

Naquelas teses, Benjamin descreve um quadro de Paul Klee, o *Angelus Novus*. Um anjo de olhos arregalados, asas abertas, rosto voltado para trás. Para Benjamin, é o anjo da história. Onde nós enxergamos uma sequência de acontecimentos, ele vê uma única catástrofe, que vai acumulando escombros a seus pés. O anjo gostaria de parar, acordar os mortos, juntar o que foi despedaçado. Mas uma tempestade sopra do paraíso e o empurra de costas para o futuro. Essa tempestade, diz Benjamin, é o que chamamos de progresso.

É uma imagem devastadora para quem, como eu, foi formado na Física. Aprendemos que o tempo é uma coordenada, um parâmetro que flui uniforme nas equações. Benjamin chamava isso de tempo "homogêneo e vazio": uma linha reta em que cada instante vale o mesmo que o outro e na qual a história avança sozinha, sem que ninguém precise fazer nada. Para ele, essa crença era perigosa. Foi justamente ela que desarmou a esquerda alemã diante do fascismo. Muitos acreditaram que o progresso estava do seu lado, que a história caminhava naturalmente para a frente. Esperaram. E o nazismo chegou.

Benjamin propõe outra ideia de tempo. Um tempo cheio, carregado de passado que pede justiça. Cada geração, dizia ele, recebe uma frágil força messiânica, um encontro marcado com os que vieram antes e foram esmagados. A tarefa não é seguir a correnteza, mas puxar o freio de emergência. Interromper a repetição. Olhar para os escombros e recusar que sejam esquecidos.

Aqui, as três colunas desta série se encontram. Sêneca nos disse que desperdiçamos a vida na pressa. Schopenhauer nos lembrou que a compaixão é a única ponte sobre o abismo que nos separa. Benjamin completa: o tempo que não usamos para pensar e lembrar é o tempo em que a catástrofe se repete. O fascismo não precisa vencer debates. Precisa apenas que esqueçamos.

O Brasil conhece bem essa tentação. Somos um país que gosta de virar a página antes de lê-la. Anistias amplas, arquivos fechados, porões nunca abertos por inteiro. Cazuza percebeu isso em 1988: a democracia nascia, mas o velho continuava ali, de roupa nova. E a cada geração surge alguém dizendo que, no passado, era melhor, que a ordem precisa voltar, que a memória é só ressentimento. É o anjo sendo empurrado de costas, enquanto os escombros crescem.

Lembrar não é ficar preso ao passado. É o contrário. É a única forma de não repeti-lo. Benjamin escreveu que nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. A memória dos que foram torturados, desaparecidos, silenciados, depende de nós. E ela só sobrevive se tivermos tempo para pensar nela.

O tempo não para, Cazuza tinha razão. Mas a história, essa, pode ser interrompida. Basta que alguém, em algum momento, se recuse a seguir a tempestade e olhe para trás com os olhos abertos do anjo.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Camilla Barbosa
EDITORAÇÃO: Iago Ribeiro

ATROPELAMENTOS DE ANIMAIS

Casos impactam fauna nativa da PB

Especialistas alertam para a necessidade de sinalização e medidas de proteção em vias próximas a áreas verdes

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O atropelamento é uma das principais causas de morte de animais silvestres. De acordo com o Centro Brasileiro de Estudos em Ecologia de Estradas (CBEE), da Universidade Federal de Lavras (UFLA), cerca de 475 milhões de bichos são atropelados por ano no Brasil, o que representa, aproximadamente, 15 animais por segundo. Espécies como iguanas, saguis, serpentes, bichos-preguiça, cachorros-do-mato, capivaras e tamanduás-mirins são apontadas como as vítimas mais frequentes em João Pessoa.

"Tem se tornado algo muito frequente. Acreditamos que isso se dá por dois motivos: a população de alguns desses animais tem crescido, como é o caso das capivaras, e pela diminuição das áreas em que eles vivem, com dragagens das margens dos rios e redução de alguns espaços verdes na cidade", explicou o biólogo Bruno Xavier, integrante da iniciativa voluntária Movimento Esgotei.

Para o especialista, apesar de não haver um estudo sobre a dinâmica populacional desses animais no estado, é sabido que a perda traz impactos para a fauna nativa, pois são indivíduos que deixam de integrar a cadeia reprodutiva da espécie. De acordo com o livro *Segurança Viária e Conservação da Fauna*, divulgado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), o custo biológico associado à mortalidade direta de animais por atropelamentos vai desde o nível individual ao ecológico, ameaçando, por exemplo, espécies raras ou endêmicas e reduzindo a variabilidade genética do grupo.

Na capital paraibana, vias que interligam fragmentos de Mata Atlântica são os locais mais críticos, pois acabam funcionando como espaço de travessia dos animais. Além dos atropelamentos, as rodovias impactam a fauna silvestre ocasionando a perda e a degradação de hábitat, além de atuar como obstáculos para a livre circulação das espécies.

Para tentar conscientizar a população sobre esses problemas, placas foram instaladas no acesso entre o bairro Altiplano e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contudo, apenas essa medida não é suficiente. Segundo Bruno Xavier, as placas também deveriam ser instaladas em outros pontos da cidade, além de serem implementados redutores de velocidade, passagens de fauna aérea e subterrâneas. "É algo que as pessoas precisam se atentar, porque é perigoso, inclusive. Imagina para quem anda de moto bater em uma capivara de 60 kg?", alertou o especialista.

O Batalhão Especializado em Policiamento do Meio Ambiente, da Polícia Militar da Paraíba (BPMA/PMPB) orienta os condutores a reduzir a velocidade em trechos próximos a matas, áreas de preservação, rios e corredores ecológicos; redobrar a atenção ao amanhecer e ao entardecer, período em que muitos animais silvestres apresentam maior atividade; observar as placas de travessia de animais silvestres e respeitar a sinalização ao longo da via; não buzinar nem utilizar os faróis altos de modo insistente ao avistar um animal, pois isso pode assustá-lo e provocar movimentos imprevisíveis; e, por último, ao avistar um animal atravessando, diminuir a velocidade com segurança e evitar manobras bruscas que possam causar acidentes.

Em caso de atropelamento, se o animal estiver vivo, a recomendação é ligar para o 190 e aguardar o resgate para encaminhamento ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), em Cabedelo, responsável pelo acolhimento e atendimento especializado. Em caso de óbito, cabe ao órgão de limpeza municipal retirá-lo. "A população não deve mexer no animal. Ninguém sabe como ele está de saúde, pode transmitir alguma doença, como também pode estar mais arisco e vir a morder por causa dos ferimentos", enfatizou Bruno Xavier.

No Cetas, o médico-veterinário Glenison Dias explicou que a primeira etapa do atendimento às vítimas de atropelamento consiste na aplicação do protocolo ABCDE do trauma, utilizado em situações de urgência e emergência. A avaliação contempla aspectos como a verificação das vias aéreas, da respiração e da oxigenação, da circulação, do estado neurológico e do exame do corpo para identificar lesões, com atenção, também, à temperatura corporal. "Geralmente, o trauma mais frequente é a fratura da coluna, um fator complicado de se tratar", explicou.

Levantamento

Um estudo desenvolvido por Wanessa de Melo, Leonildo Fonseca, Vanessa Lourenço e Raisla Santos, estudantes de Medicina Veterinária e integrantes do Centro de Experimentação Nova Esperança (Cene) da Faculdade Nova Esperança (Facene), sob orientação do professor Artur Carreiro, monitorou a mortalidade de animais silvestres por atropelamento em um trecho da BR-230, de João Pessoa a Patos, nos meses de abril a outubro do ano passado.

Durante o período, foram registrados 88 atropelamentos, dos quais 56,8% envolveram mamíferos, 25% répteis, 8% aves, 6,8% anfíbios e 3,4% espécies não identificadas; as mais afetadas foram o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), com 29,6% das ocorrências, e a jiboia (*Boa constrictor*), com 15,9%.

Os dados reforçam a necessidade de medidas de mitigação do problema nas rodovias. Segundo os pesquisadores, o monitoramento dos animais atropelados é crucial para identificar os trechos de maior risco e reduzir os impactos.

Órgãos reforçam proteção nas rodovias

Para mitigar os efeitos dos atropelamentos, a Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP) informou, em nota, que realiza, periodicamente, atividades de educação ambiental voltadas à proteção da fauna silvestre. Entre as iniciativas, está a participação no Dia Nacional de Urubuzar, em parceria com o Centro Brasileiro de Ecologia de Estradas (CBEE), da Universidade Federal de Lavras. Outra medida em desenvolvimento é a ferramenta Fauna em Trânsito, que será disponibilizada no aplicativo João Pessoa na Palma da Mão, permitindo registrar, georreferenciar e monitorar ocorrências de animais silvestres atropelados nas vias da capital.

No âmbito estadual, o Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB) desenvolve medidas para reduzir os impactos das obras rodoviárias sobre a fauna. Segundo a diretora da Divisão de Meio Ambiente do órgão, Germana Leite, as ações começam ainda na implantação dos empreendimentos, com acompanhamento da supressão vegetal por profissionais responsáveis pelo resgate e afugentamento dos animais, além do monitoramento durante a execução das obras.

Em áreas onde as rodovias interrompem a conexão entre fragmentos florestais, também são implantadas passagens de fauna superiores e inferiores. No Complexo Rodoviário Ponte do Futuro, por exemplo, foram instaladas pontes artificiais provisórias de corda, que serão substituídas por estruturas metálicas para permitir a travessia de animais como bichos-preguiça. O projeto também contempla passagens inferiores, enquanto outras estruturas estão previstas para obras como a do Contorno de Areia. "Placas de advertência de presença de animais silvestres estão sendo instaladas ao longo das rodovias localizadas próximas às florestas, para a segurança da fauna e do próprio usuário", destacou Germana.

Na Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), as ações concentram-se na educação ambiental e no acompanhamento do licenciamento de rodovias, segundo Leandro Silvestre, chefe da Divisão de Fauna. A campanha Eu Freio para Animais promove orientação aos condutores e adesivagem de veículos, em parceria com prefeituras e Forças de Segurança.

No licenciamento, estudos de fauna e programas de monitoramento permitem identificar os pontos de maior concentração de atropelamentos, chamados "*hotspots*". Esses dados orientam a recomendação de passagens aéreas e subterrâneas e cercamentos que direcionam os animais para travessias seguras.



Foto: Divulgação/Sudema

Sudema foca em campanhas de educação ambiental

Entre os desafios, Leandro destaca a subnotificação de atropelamentos de pequenos vertebrados, cujas carcaças podem ser rapidamente removidas por animais necrófagos ou fragmentadas pelo tráfego. "Essa limitação pode dificultar a identificação precisa da magnitude do impacto, o que representa um desafio para o planejamento e a ampliação das ações de mitigação no estado". Ele também aponta a necessidade de aumentar o monitoramento em rodovias antigas, para identificar áreas críticas e subsidiar intervenções como passagens de fauna, cercamentos e sinalização.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) também está elaborando um manual com orientações técnicas para reduzir colisões, incluindo recomendações para a implantação de passagens de fauna nas rodovias estaduais.

Sertão

No Sertão, o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba atua no resgate e atendimento de animais silvestres, inclusive vítimas de atropelamentos. Segundo o tenente-coronel Charlton Ribeiro, comandante do 6º Batalhão de Bombeiro Militar (BBM), em Sousa, a unidade busca fortalecer parcerias com Ibama, Sudema, Polícia Militar Ambiental e Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

Os atendimentos integram a estrutura do 3º Comando Regional de Bombeiro Militar, que abrange 88 municípios do Sertão e Alto Sertão, nas áreas de atuação das unidades de Patos, Sousa, Cajazeiras, Pombal, Catolé do Rocha, Itaporanga e Princesa Isabel.

O médico-veterinário, biólogo e bombeiro Fredson de Sousa, também do 6º BBM, explicou que o trabalho, inicialmente concentrado no resgate, passou a incluir procedimentos de estabilização e atendimento clínico. Nos casos em que são necessários exames complementares ou intervenções cirúrgicas, os animais recebem atendimento por meio da parceria com o curso de Medicina Veterinária do IFPB.



Foto: Leonardo Ariel

Na capital paraibana, placas sobre travessia de animais silvestres têm sido instaladas, visando à conscientização

Foto: Eder Souza/Nacional de Patos



COPA PARAÍBA

Em busca de um bicampeonato inédito

Campinense e Nacional de Patos já venceram o torneio e querem novamente o título

Naça recebe hoje a Raposa no José Cavalcanti, às 17h, pela primeira rodada da competição

Raniery Soares
raniery.lacerda@epc.pb.gov.br

O Sertão paraibano será palco de um dos confrontos mais aguardados da primeira rodada da Copa Paraíba 2026. Nacional de Patos e Campinense enfrentam-se neste domingo (8), às 17h, no Estádio José Cavalcanti, em Patos. O duelo reúne duas equipes que já conquistaram o torneio e entram em campo para iniciar uma campanha rumo à conquista de um feito inédito: tornar-se o primeiro clube bicampeão da história da competição.

O Nacional de Patos levantou a taça em 2008 e aposta na força de jogar diante de sua torcida para começar a campanha com um resultado positivo. A equipe será comandada pelo experiente técnico Roberval Davino, de 72 anos, que tem passagens por clubes de diferentes regiões do país e foi escolhido para conduzir o projeto do Canário do Sertão na disputa.

O clube apresentou oficialmente um elenco de 24 jogadores em outubro, em evento que reuniu torcedores, patrocinadores e integrantes da comissão técnica. Entre os nomes confirmados, estão o goleiro Rhuan, os zagueiros Fabrício e Neto, o volante Aloízio, o meia Marcelo Araxá e os atacantes Pingo, Juan Kelsen e Ricardo Lopes, além de Kaká, artilheiro da Segunda Divisão do Campeonato Paraibano deste ano pelo Atlético Santa Rita.

Durante a preparação, o Nacional realizou um amistoso contra o Atlético de Cajazeiras, que terminou empatado em 1 a 1. Antes, ainda enfrentou um selecionado com jogadores amadores de Patos e venceu por 4 a 0. O confronto serviu para Roberval Davino observar o grupo e fazer os últimos ajustes antes da estreia. A expectativa é aproveitar o fator casa para conquistar os primeiros pontos e iniciar a disputa entre os primeiros colocados.

O primeiro campeão

Do outro lado, o Campinense também chega com ambição de conquistar o bicampeonato. A Raposa levantou a taça da primeira edição da Copa Paraíba, em 2006, de maneira invicta, e agora tenta repetir o feito sob o comando do técnico Dico Woolley pelo menos no tocante à glória do título.

O Rubro-Negro realizou dois testes importantes antes da competição. No primeiro, goleou a equipe amadora I9, de Campina Grande, por 5 a 0. Depois, enfrentou o Treze no Clássico dos Maiorais, em amistoso que terminou sem gols. A preparação incluiu atividades técnicas, táticas e físicas no Estádio Renatão.

Para a partida em Patos, a Raposa terá o desafio de enfrentar um adversário que conhece bem as dimensões do gramado e que contará com o apoio da torcida, que sempre comparece aos jogos no José Cavalcanti.

O duelo terá arbitragem de Bruno Monteiro Cunha (CBF), auxiliado por Paulo Ricardo Alves Farias (CBF) e José André Silva de Andrade (FPF). Francisco de Assis Gomes (FPF) será o quarto árbitro.

Campeões

O Campinense conquistou a taça do campeonato na primeira edição do torneio, em 2006. Dois anos depois, o Nacional de Patos levou o troféu

Serra Branca e Atlético de Cajazeiras jogam no Amigão

Raniery Soares
raniery.lacerda@epc.pb.gov.br

Serra Branca e Atlético de Cajazeiras enfrentam-se hoje, às 16h, no Estádio Amigão, em Campina Grande, pela primeira rodada da Copa Paraíba 2026. O confronto coloca frente a frente duas equipes que buscam uma boa largada na competição estadual e têm como objetivo conquistar uma vaga na Copa do Brasil de 2027.

O Serra Branca chega para a estreia depois de um dos períodos mais longos de preparação entre os participantes. Sob o comando do técnico Waguinho Dias, o Carcará iniciou os trabalhos com antecedência e entrou na última semana de pré-temporada com mais de 40 dias de atividades. O treinador aproveitou o período para observar o elenco, testar formações e ajustar o modelo de jogo.

Um dos resultados mais expressivos nos testes da pré-temporada foi a vitória por 10 a 0 sobre a equipe sub-20 do Treze. Em outro encontro, enfrentando o mesmo adversário, só que antes do placar elástico, a vitória do Serra foi por 4 a 2. O time, comandado por Waguinho Dias, ainda encarou, durante a preparação, equipes como Belo Jardim-PE (vencendo por 3 a 0) e o QFC-RN (com quem empatou sem gols).

Waguinho Dias avaliou positivamente o trabalho desenvolvido e destacou a satisfação com o grupo formado para a disputa. A equipe também realizou outros testes para dar ritmo aos jogadores antes do início da competição.

O elenco conta com nomes que já tiveram participação importante na trajetória recente do clube, como o volante Rodolfo Potiguar, o meia Dione e o zagueiro Jadson. A expectativa da comissão técnica é transformar o período de preparação em desempenho dentro de campo, especialmente em uma competição de poucas rodadas. Com um bom investimento e sem dois adversários importantes do futebol paraibano — Sousa e Botafogo, que não vão disputar o torneio —, o Serra Branca desponta como um dos favoritos ao título, ao lado de Treze e Campinense.

Trovão Azul

Do lado do Atlético de Cajazeiras, o técnico Raimundo Wagner trabalha com um grupo que recebeu reforços para a disputa. Entre as movimentações recentes, está o retorno do lateral-esquerdo Alyson Vinicius, de 30 anos, que volta ao Trovão Azul depois de nove anos. O jogador acumula dois títulos da Copa do Nordeste, conquistados por Sampaio Corrêa e Ceará. O clube também anunciou a contratação do goleiro Carlão, experiente no futebol paraibano, além de outros nomes para fortalecer o elenco.

Para esse duelo, a Comissão Estadual de Árbitros da Federação Paraibana de Futebol (Ceaf-PB) escalou Afro Rocha de Carvalho Filho (CBF) como árbitro, auxiliado por Schumacher Marques Gomes (CBF) e Mateus Nascimento da Costa (FPF). O quarto árbitro será José de Arimateia Freires da Silva (CBF).

RUMO A PORTUGAL

Paraibana é convidada para Mundial

Juliana Jerônimo vem se destacando no surfe de canoa havaiana e vai disputar o torneio internacional em novembro

Fernando Patriota
Especial para A União

A paixão pelo esporte, a dedicação aos treinos e a vontade de superar desafios vão levar a paraibana Juliana Jerônimo a uma experiência internacional. Com dois anos de contato com a canoa havaiana, a atleta foi convidada pela escola Pipa Ohana Va'a, campeã brasileira da modalidade, para integrar a equipe que disputará o Campeonato Mundial de Surf de Canoa Havaiana, na cidade de Ericeira, em Portugal. O evento será realizado de 12 a 22 de novembro.

Quando iniciou a prática da canoa havaiana, ela descobriu uma atividade que rapidamente conquistaria seu interesse: o surfe de canoa havaiana, modalidade que ampliou sua paixão pelo esporte e abriu novos caminhos. Desde então, participa de campeonatos locais, experiências que contribuíram para seu desenvolvimento técnico e fortaleceram o desejo de alcançar competições de maior nível.

A preparação para o Mundial exige disciplina e uma rotina intensa de atividades. Atualmente, Jú Jerônimo, como é conhecida no esporte, divide seus treinos entre diferentes modalidades da canoa havaiana. Na OC6, embarcação com capacidade para seis remadores, são três sessões semanais. Já na V1, modalidade individual, os treinamentos acontecem duas vezes por semana. Além disso, os encontros com a equipe oficial de surfe de canoa são realizados quinzenalmente, na Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte, com foco no aperfeiçoamento da técnica, da sintonia e do desempenho coletivo.

"Minha preparação também inclui treinamento de força e pilates, atividades que complementam meus exercícios na água e contribuem para o desenvolvimento da resistência física, estabilidade, mobilidade e controle corporal", comentou a atleta.

Desafio internacional

A participação em um campeonato mundial representa um novo e importante desafio para a atleta. Além do alto nível técnico das competidoras, Juliana terá de enfrentar as condições características do mar de Ericeira, em Portugal, especialmente as baixas temperaturas do inverno europeu e as ondulações.

Para encarar tais condições, a preparação envolve treinamento específico, leitura do mar, concentração e entrosamento com a equipe. O uso de roupas de neoprene adequadas e a realização de aquecimento antes de entrar na água também fazem parte da estratégia para garantir melhores condições durante as provas.

"Sei que será uma experiência desafiadora, mas também uma grande oportunidade de superação, aprendizado e crescimento no esporte", destaca Juliana.

A expectativa para a viagem mistura ansiedade, dedicação e a realização de um sonho. A atleta conta que vem se organizando para participar da competição, comprometida com os treinamentos e em busca de alternativas para tornar possível sua participação.

Juliana espera que a presença na competição internacional também contribua para ampliar a visibilidade do surfe de canoa havaiana e incentive outras pessoas a ingressarem na modalidade.

Mulheres no esporte

Além da conquista esportiva, a participação de Juliana em uma equipe feminina no Mundial tem um significado especial. A atleta chama a atenção para a necessidade de ampliar as oportunidades para as mulheres no surfe de canoa havaiana, modalidade que, segundo ela, ainda não dispõe de uma categoria específica feminina. Para a paraibana, ocupar esse espaço em uma competição internacional é também uma forma de mostrar a capacidade, a força e o talento das mulheres no esporte.



Fotos: Arquivo pessoal/Juliana Jerônimo

Paraibana vem treinando em duas categoria: a OC6, com seis remadores, e a V1, individual



Juliana pratica o surfe em canoa havaiana há apenas dois anos e tem rotina intensa de treinos

> Juliana Jerônimo espera que sua presença no Mundial possa incentivar mulheres a praticarem a modalidade

"Minha mensagem para os jovens paraibanos, especialmente para as mulheres, é que acreditem no seu potencial e não tenham medo de ocupar novos espaços no esporte. Não queremos apenas participar; queremos abrir portas para que outras mulheres também possam chegar lá", afirma.

A expectativa é que a experiência em Ericeira ajude a incentivar novas atletas, fortaleça a presença feminina na modalidade e contribua para que, no futuro, mais mulheres paraibanas tenham oportunidades de representar o estado em competições nacionais e internacionais.

Para Juliana Jerônimo, representar uma equipe em um campeonato mundial é muito mais do que enfrentar um desafio esportivo. É a oportunidade de transformar em realidade um sonho construído com dedicação ao longo de apenas dois anos, levando consigo a expectativa de novas conquistas e a responsabilidade de abrir caminhos para outras mulheres.

"Sou grata pela confiança, pela oportunidade e por cada pessoa que faz parte dessa caminhada. Que venham novos desafios, aprendizados e conquistas. Quando a paixão encontra a oportunidade, os sonhos ganham novos horizontes!", conclui a atleta, com uma mensagem de incentivo: "*Imúa!*", expressão havaiana associada a seguir em frente.

COPA DO BRASIL

Vasco e Palmeiras duelam no Rio

Equipes enfrentam-se, hoje, às 17h, no Estádio São Januário, valendo vaga para a final da competição nacional

Da Redação



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

No primeiro jogo da semifinal, em São Paulo, o Verdão ganhou da equipe carioca por 1 a 0

Vasco e Palmeiras jogam, hoje, às 17h, no Estádio São Januário, no Rio de Janeiro, em partida válida pela semifinal da Copa do Brasil.

Por conta do triunfo por 1 a 0 na ida, o Palmeiras precisa apenas de um empate para avançar rumo à final. Um triunfo cruzmaltino por um gol de vantagem leva a definição para os pênaltis. Os cariocas buscam uma vitória por dois ou mais gols de diferença para carimbar a classificação à decisão.

As duas equipes chegam embaladas para o decisivo confronto, após vencerem seus jogos pela 34ª rodada do Brasileirão. O Palmeiras fez o que dele se esperava e goleou por 6 a 1 o Remo na última quinta-feira (5), no Nubank Parque, para se manter na cola do Flamengo na disputa pela taça da Série A.

Já o Vasco, depois de ir para o intervalo com a derrota parcial, fez alguns ajustes no vestiário e conquistou uma virada relâmpago, em cinco minutos, para derrotar o Athletico-PR por 3 a 1, na quarta-feira (4), na Arena da Baixada, em Curitiba (PR). No confronto da competição de pontos corridos, o time de São Januário estreou uma nova formação com três zagueiros, pensando na decisão da Copa do Brasil.

Primeiro jogo

Na ida, no Nubank Parque, o Palmeiras entrou com uma escalação mais ofensiva e com o plano de construir uma boa vantagem na semifinal. No entanto, a equipe alviverde desperdiçou muitas chances, não conseguiu se aproveitar de uma expulsão do lado adversário e saiu de campo com uma vitória magra por 1 a 0 sobre o Vasco. O gol solitário saiu aos 24 da primeira etapa, depois de boa jogada pelo lado esquerdo, Arias caiu no bico da grande área, Marlon Freitas ficou com a bola e viu a passagem às costas da marcação de Maurício, que recebeu e chutou para abrir o marcador.

Retrospecto

Conforme o site o gol.com.br, em todas as competições foram disputados 110 jogos entre as duas equipes, com 57 vitórias do Palmeiras, 30 empates e 23 triunfos do Vasco. Em São Paulo, houve 59 jogos, o Alviverde tem 35 vitórias, há o registro de 17 empates e sete triunfos do clube carioca. No Rio de Janeiro, foram 50 jogos, com 22 vitórias palmeirense, 12 empates e 16 triunfos do Cruzmaltino.

Dinheiro

Quem avançar de Vasco e Palmeiras ganhará R$ 78 milhões, caso seja o campeão, ou R$ 34 milhões, se for o vice. Além disso, o vencedor garante uma vaga na Pré-Libertadores

Premiação

Quem avançar de Vasco e Palmeiras pode ganhar R$ 78 milhões, caso seja o campeão, e R$ 34 milhões, se for o vice. Além disso, o vencedor garante, pelo menos, vaga na Pré-Libertadores, uma das novidades da atual edição do torneio nacional, Quem ficar em segundo lugar garante vaga na fase preliminar da competição continental e pode herdar a vaga direta caso o campeão já esteja garantido na fase de grupos.

Disputada desde 1989, a Copa do Brasil terá pela primeira vez uma final realizada em jogo único. O Mané Garrincha, em Brasília, será o palco do duelo marcado para o dia 6 de dezembro. O estádio da capital do país superou a concorrência de outras praças por não ter clubes nas semifinais.

MELHOR DA TEMPORADA

Três jogadoras vão disputar Prêmio Petrobras

Lincoln Chaves
Repórter da EBC



Foto: Divulgação/Agência Brasil

Marília (Cruzeiro), Yanne (Bahia) e Duda Serrana (São Paulo) estão na disputa do prêmio

Quem foi a melhor jogadora da temporada no futebol feminino brasileiro? No Prêmio TV Brasil Petrobras Para Elas, três atletas estão na disputa da categoria que consagra o destaque das competições nacionais em 2026. As finalistas, reveladas na quinta-feira (5), são a goleira Yanne (Bahia), a meia Duda Serrana (São Paulo) e a atacante Marília (Cruzeiro).

Os nomes foram indicados por um colégio eleitoral composto por capitãs, treinadores (as)e dirigentes dos clubes que integram a elite do futebol de mulheres do país. Pelo regulamento da premiação, eles não poderiam votar em atletas da própria equipe.

A ganhadora será anunciada em cerimônia marcada para 15 de novembro, no Museu do Futebol, em São Paulo. Na ocasião, também serão celebrados os vencedores das categorias Jogadora Revelação, Melhor Treinador(a), Artilheira, Gol Mais Bonito, Melhor Departamento de Futebol Feminino e Futebol Feminino Contra o Feminicídio, além da Seleção da Temporada, com 11 atletas, sendo uma por posição.

As candidatas

Também candidata a melhor goleira da temporada, Yanne brilhou na campanha do Bahia no Campeonato Brasileiro, sendo decisiva na classificação às semifinais ao defender dois pênaltis contra o Palmeiras. A jogadora de 23 anos ainda se destacou nas quartas da Copa do Brasil, ajudando as Mulheres de Aço a eliminarem um São Paulo que tinha acabado de ser campeão nacional.

Por falar nas Soberanas, Duda Serrana teve papel importante no título brasileiro, consolidando o espaço conquistado com a venda da atacante Dudinha ao San Diego Wave (Estados Unidos), no ano passado. A meia de 24 anos também se destacou na lateral-direita. Nesta temporada, ela precisou de 14 jogos a menos para participar dos mesmos oito gols (seis marcados e duas assistências) de 2025.

E se o assunto é bola na rede, Marília brilhou na temporada nacional. Apesar de o Cruzeiro ter caído nas quartas de final, a atacante de 23 anos terminou o Brasileirão, como artilheira, com 11 gols. Não à toa, firmou-se de vez nas convocações do técnico Arthur Elias. Com 17 gols no ano, incluindo também Copa do Brasil, Campeonato Mineiro e Libertadores, ela vive a fase mais goleadora da carreira.

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Poucas mudanças

O Botafogo-PB deve ter novamente Fillipe Félix à frente das decisões e da maior parte dos investimentos em 2027. Depois de ter colocado o clube à disposição no mercado, por assim dizer, buscar parceiros que pudessem ser majoritários a nível de investimento para esse novo ciclo da SAF do clube, e não conseguir nada de concreto, pelo menos até aqui, o dono da SAF do Alvinegro da Estrela Vermelha já toma decisões pensando no próximo ano.

A primeira e grande definição já está tomada. O clube vai ter Victor Ferraz no comando técnico da equipe para o ano que vem. Ferraz, que terminou a temporada deste ano no comando do time, que fracassou no quadrangular do acesso da Série C do Campeonato Brasileiro, já toca conversas de renovações e já observa o mercado. Ela foi auxiliar fixo neste ano da instituição. Em 2027 vai iniciar a sua carreira como treinador, sem ser de maneira interina, justamente no clube de coração.

Para 2027, Fillipe Félix também decidiu voltar com a figura de CEO. Ex-Cruzeiro e América-MG, Paulo Assis foi anunciado para o cargo com a missão de integrar áreas de trabalho no clube. Além disso, ainda há a chance de que outros investidores entrem para ajudar nos aportes que serão feitos para a próxima temporada. A venda majoritária de sua parte da SAF não está descartada. Mas, no momento, não é a realidade mais próxima.

Uma das coisas que não dá para negar é que o investimento do empresário mineiro foi alto. Félix formatou uma folha de cerca de R$ 1,6 milhão durante a temporada. Uma das três maiores da Série C. O elenco venceu, a duras penas, o Campeonato Paraibano. Se garantiu, portanto, na Copa do Brasil do ano que vem, competição que gera boa receita.

Na Série C, uma ótima campanha após a chegada de Marcelo Fernandes, que se transformou em liderança e num belo futebol. No quadrangular do acesso, no entanto, o de sempre. O time sucumbiu, fez mais partidas ruins do que boas e mais uma vez maltratou o torcedor sem a conquista do objetivo do acesso. A operação do clube, portanto, foi, de fato, deficitária, o que é uma realidade do nível de Série C. O Botafogo-PB gastou bem mais do que arrecadou. E teve altos aportes de Félix a cada mês.

Para mim a grande baixa da gestão deste ano do empresário mineiro à frente do Botafogo-PB foi o planejamento financeiro. Houve uma clara ideia de apostar o máximo possível, investir pesado, dar um "*all-in*" no acesso e deixar tantas outras despesas para lá, em segundo plano, chegando a não pagar coisas básicas e obrigações trabalhistas.

O clube, por exemplo, deixou de pagar a conta de luz da Maravilha do Contorno e teve a energia cortada por um dia em outubro. Além disso, o Botafogo-PB negligenciou totalmente o pagamento de diversas rescisões, desde funcionários que foram demitidos na temporada e ganhava valores bem abaixo dos jogadores, como dos próprios atletas e de membros de comissões técnicas demitidos.

Isso gerou novos passivos trabalhistas o que, em termos de gestão, é um problema e uma gerência ruim dos recursos. A SAF, quando chegou ao clube, assumiu as dívidas da associação que giravam em torno de R$ 12 milhões. Passou um ano e a dívida permaneceu semelhante, com potencial de aumentar em caso de condenações de novas ações trabalhistas.

Figuras como Yan Souto, Marcelo Fernandes, Saimon, Marcelo Copertino, Gabriel Tota e Evaristo Piza colocaram o clube na Justiça do Trabalho. O clube ainda não foi condenado definitivamente em nenhum dos casos, mas pode vir a ser. Tudo por conta do não pagamento, sobretudo, de rescisões acordadas. Além de outras obrigações financeiras. Quando uma SAF é constituída sua obrigação é diminuir passivos e não aumentar. Não foi o caso deste primeiro ano da gestão de Fillipe Félix à frente do Belo.

Caso Félix siga como o principal responsável pelos aportes financeiros, a tendência é que haja uma desaceleração no investimento. Um time mais barato em relação ao deste ano. Mas com uma expectativa de ainda ser uma das maiores folhas da Série C.

PROMESSA PARAIBANA

Jovem mira Olimpíadas de 2032

Aos 16 anos, Ana Cláudia tem acumulado ótimos resultados em competições brasileiras e internacionais de triatlo

Vieira Neto
jose.vieira@epc.pb.gov.br

Tem aquele famoso ditado que diz que "a fruta não cai longe do pé". E esse ditado é um belo exemplo de como a paixão de uma mãe pelo esporte faz de sua filha uma grande promessa do triatlo paraibano e brasileiro. Então, para contar a história da promessa Ana Cláudia, a gente precisa entender a relação de sua mãe, Claudia Barros, com o esporte.

"A minha relação com o esporte começou aos 10 anos de idade, uma criança da periferia de Belém. Quando conheci a natação, eu me apaixonei pelo esporte. Consegui perceber o quanto o esporte acrescentou na minha vida. Fui nadadora, participava só de competições regionais. Me formei, fiz o curso de educação física e continuei trabalhando com natação. Quando tive as minhas filhas, eu quis passar para elas o que tem de bom no esporte", declara Claudia.

Ana Cláudia, sua filha, tem apenas 16 anos, mas um currículo vasto, vitorioso e premiadíssimo. Ela tem como sua principal modalidade o triatlo, aquele esporte que combina corrida, ciclismo e natação. E antes de se especializar numa determinada modalidade ela testou uma gama de esportes.

"Eu comecei a fazer esporte desde pequenininha, já que minha mãe é educadora física e era atleta. Ela sempre me colocou para fazer algum esporte, e eu sempre tive curiosidade de fazer um monte de esportes. Eu falava: 'Ah, eu quero fazer ginástica', e minha mãe logo me colocava na ginástica, me incentivava, me levava para fazer. Depois eu falava: 'Não, mãe, eu quero agora fazer natação', e minha mãe me tirava da ginástica e me colocava na natação. Eu fui me conhecendo aos poucos", revela Ana.

Mas entre gostar de praticar ginástica artística, taekwondo, nado sincronizado, saltos ornamentais e ser uma promessa do esporte há uma certa distância. E nada melhor do que uma competição para fazer o tira-teima. E foi nesse momento que Ana Cláudia percebeu que ela não só gostava, mas como fazia com uma rara excelência.

"O dia em que eu percebi que eu era boa foi em 2022, na minha primeira competição oficial de triatlo, o meu primeiro Brasileiro pela Confederação Brasileira de Triathlon (CBTri). Estávamos eu, minha irmã e meu pai lá na competição, e eu ganhei em primeiro lugar. Foi daí em diante que eu falei para a minha mãe: 'Mãe, eu quero competir, eu quero ser triatleta.' A partir daí, comecei a treinar mais o triatlo, me focando mais nele."

E depois dessa competição, Ana não parou mais. Participou das edições de 2023, 2024 e 2025 do torneio nacional. Neste ano participou de três etapas do Brasileiro e conseguiu medalhar em todas elas. Além disso, em abril, participou dos Jogos Sul-Americanos da Juventude, no Panamá, e ficou com a prata no revezamento misto, juntamente com Luísa Ribas, Alejandro Juanuk e Eduardo Staniaski.



Foto: Arquivo pessoal/Ana Cláudia

Triatleta conquistou quatro medalhas nos Jogos da Juventude

Rotina intensa

Tem aquele outro ditado que diz que "treino difícil, jogo fácil". E a rotina da jovem atleta é pra lá de puxada. Segundas, quartas e sextas ela faz corrida. Terças e quintas faz ciclismo. O treino de natação ela faz todo santo dia. Inclusive, ela é também atleta de natação da Vila Olímpica Parahyba. Ana ainda encontra tempo para fazer musculação três vezes por semana. Aí você deve pensar: no final de semana tem aquela descansada para Ana. Nada disso. Aos sábados ela faz um simulado do triatlo e no domingo faz ciclismo.

Com tanto treino, e tendo sua mãe como técnica de triatlo, a meta é sempre alta. "Eu penso em me profissionalizar nisso. Eu penso em um dia estar representando a seleção brasileira nas Olimpíadas em 2032. Eu penso direto nisso, e saber que estou no caminho certo é muito gratificante para mim. Eu espero um dia estar lá em cima junto com os atletas profissionais e estar no meio deles", revela Ana.

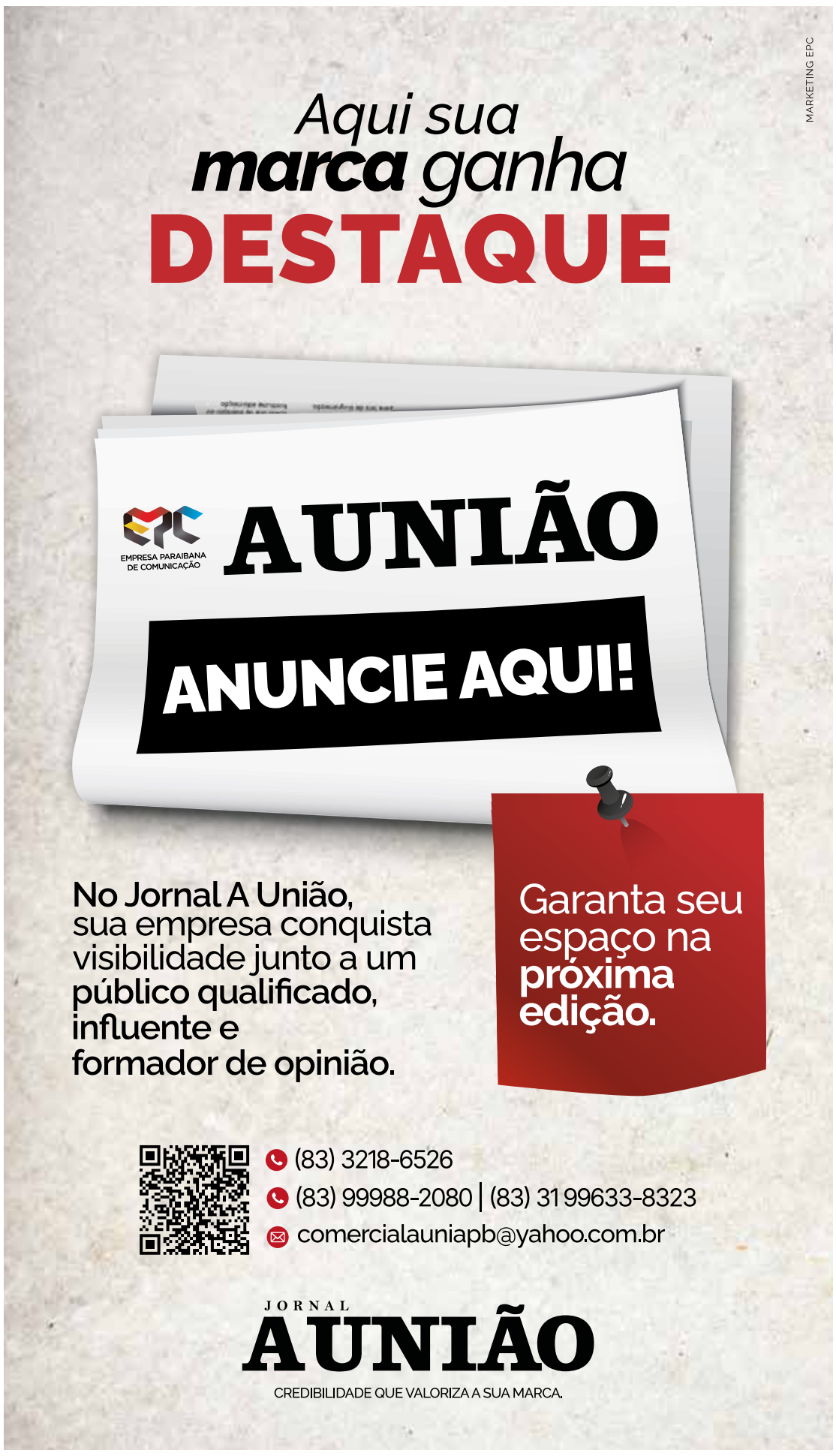
E pra quem almeja tanto é quase natural uma saída do nosso estado para viver experiências e situações que a desafiam e que a façam evoluir ainda mais como atleta. "Eu penso em sair do país para poder treinar, ter mais experiência em outros locais, locais diferentes, com temperaturas diferentes, com climas e vegetações diferentes. Treinar com pessoas diferentes, para ter esse convívio com outras pessoas e também trocar experiências. Então, eu penso nisso direto."

Agora há pouco, Ana Cláudia esteve representando a Paraíba nos Jogos da Juventude. E de lá, mais uma vez, ela veio com medalhas. Três de ouro e uma prata. A prata ela conseguiu no triatlo. As de ouro vieram pelo ciclismo nas provas contrarrelógio, prova de circuito e na prova de resistência.

"O triatlo já tem um treino bem proporcional ao ciclismo, então eu praticamente já venho treinando, me preparando tanto para o triatlo quanto para o ciclismo. Então eu já vim bem preparada para essa prova. Foi muito gratificante e muito divertido também competir no ciclismo, porque das três modalidades, o ciclismo é a minha favorita, a minha predileta, meu xodó", diz a jovem promessa.

Recentemente, a CBTri convocou Ana Cláudia para o 2º Training Camp Feminino de Triathlon, entre os dias 9 a 14 de novembro, em Brasília. Ela também foi selecionada para outro Training Camp que vai acontecer de 22 a 26 de novembro, no Rio de Janeiro.

Tais escolhas demonstram que Ana Cláudia está no caminho certo. Já sendo observada e preparada para compor a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 2032 e 2036. O que para a gente é algo ainda muito distante, para um atleta de alto rendimento é mais um passo sólido num processo gigante que começou lá atrás quando apenas Cláudia Barros via os frutos que sua filha poderia dar.





LITERATURA

Quando três não é demais

Completando seis décadas, Dona Flor e seus dois maridos *ainda hoje é uma das obras mais populares de Jorge Amado*

Foto: Wilton Júnior/Estadão Conteúdo



Em 2006, a Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) expôs pela cidade personagens do escritor baiano, a exemplo dos protagonistas de Dona Flor e seus dois maridos

Foto: Arquivo/Estadão Conteúdo



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Lançado há 60 anos, o romance *Dona Flor e seus dois maridos* tornou-se, em pouco tempo, um dos mais populares de Jorge Amado. Os jornais da época informaram que o livro havia batido "recordes brasileiros de tiragem, com 75 mil volumes, dos quais 60 mil foram vendidos em 10 dias". O sucesso foi tanto que, 10 anos depois, a história de um dos mais famosos triângulos amorosos da literatura brasileira ganhava versão de Bruno Barreto para o cinema.

Ambientada na histórica cidade de Salvador, a obra acompanha a professora de culinária Florípedes, mais conhecida como "Dona Flor", que, depois da morte súbita do marido Vadinho, em plena folia de Carnaval, casa-se com o farmacêutico Teodoro. Enquanto o falecido era pura malandragem e volúpia, o novo marido representava estabilidade e respeitabilidade, colocando a viúva entre a paixão arrebatadora que sentia pelo morto e a segurança oferecida pelo segundo companheiro. De tanto chamar por Vadinho, Dona Flor é surpreendida pela presença de seu espírito, que aparece nu em sua cama.

Algumas das críticas da época reforçavam o quanto o romance se destacava não somente pela técnica como também pela valorização de elementos místicos, associados ao sincretismo afro-brasileiro e à presença mítica do herói. Misturando lirismo e sensualidade, *Dona Flor e seus dois maridos* recorre ao realismo mágico e ao humor para contar uma saga tipicamente brasileira que critica o modelo tradicional de família.

Para Jéssica Queiroz, gestora da Livraria do Luiz e fã das obras de Jorge Amado, o romance ainda permanece atual, apesar de ter sido escrito há mais de meio século. O primeiro contato da advogada e especialista em literatura inglesa com o romancista baiano foi com o livro infantojuvenil *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, na biblioteca da escola dirigida por sua avó, onde costumava ficar quando os pais saíam para trabalhar. Na adolescência, vieram outras leituras, como *Capitães de areia*, *Gabriela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, que, para ela, fala muito das escolhas femininas em torno do amor.

"Na adolescência é a época em que, pela idade, a gente sente muito forte essa dualidade da vida e deseja muitas coisas que contrastam, que fazem sentir a adrenalina e, ao mesmo tempo, reconhece a necessidade de um lugar seguro e de conforto. Apesar de [o romance] ter sido lançado em 1966, a história de Dona Flor continua sendo extremamente contemporânea, é um tema que continua atravessando nossas relações até os dias de hoje", destaca Jéssica.

Segundo a gestora, apesar das mudanças atravessadas pela mulher desde a publicação, a obra ainda choca e cumpre a função do autor de quebrar certos estigmas em torno das dualidades e liberdades impostas à mulher e o seu direito aos desejos. Para ela, o livro ironiza uma moral conservadora que se mantém em torno da ideia de família brasileira, apesar das novas gerações não desejarem retornar a esse lugar marcado pela hipocrisia.

Jéssica Queiroz destaca que, além da crítica social e do realismo mágico (presentes também em outras obras do escritor baiano), o romance sexagenário se destaca por ser divertido. Ela recorda, por exemplo, de como acha engraçada a forma metódica do personagem Teodoro e, no decorrer da leitura, até imagina-va alguns trejeitos de uma pessoa muito desajeitada, enquanto Vadinho tem o perfil muito típico do brincalhão e sedutor de mulheres.

"Eu lembro muito de me divertir com isso. *Capitães de areia* é um livro muito frio que, apesar de resgatar uma realidade, deixa a gente angustiado. *Dona flor e seus dois maridos* é um livro que choca, mas que também nos traz essa coisa tão particular, da gente e do brasileiro, de relacionar a paixão a essa coisa corriqueira do dia", frisa a gestora de livraria, que tem percebido um crescimento significativo, sobretudo entre os leitores jovens, pelos clássicos internacionais e nacionais, entre os quais está Jorge Amado. Nesse sentido, Jéssica Queiroz pontua que, ano passado, o livro *Capitães da areia* passou a integrar a lista de cerca de 20 clubes do livro frequentadores da livraria, exigindo reposição de estoque.

Imagens: Divulgação/Cia. das Letras

Em 1966, Jorge Amado (foto maior, em p&b) autografa durante o lançamento da obra em Salvador (BA); versões mais recentes do romance (acima)

Cartas de Amado

O carinho e a admiração da leitora por Jorge Amado contam, ainda, com um material que considera seu grande tesouro que ganhou de presente: cartas do romancista para o professor e pesquisador Carlos Azevêdo, compadre do escritor baiano e vizinho de Jéssica Queiroz.

Para ela, as correspondências trocadas entre os dois durante o período em que viveram no contexto de exílio representam um registro precioso de amizade, afeto e partilha literária, que lhe permite conhecer melhor os sentimentos que atravessaram esse grande contador de histórias imortais.

Adaptação cinquentenária foi recordista de público por décadas

Um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), *Dona Flor e seus dois maridos* (1976), de Bruno Barreto, completa 50 anos em 2026. Baseado no livro homônimo de Jorge Amado, o filme teve o roteiro assinado por seis mãos: o próprio Barreto, Leopoldo Serran (1942–2008) — que também viria a adaptar *Gabriela, cravo e canela* (1983) — e Eduardo Coutinho (1933–2014) — um dos maiores documentaristas do país, diretor de *Cabra marcado para morrer*.

Imagens: Reprodução/Produções Cinematográficas LC Barreto





Mauro Mendonça (E), Sônia Braga (C) e José Wilker (D) no filme de 1976, cujo cartaz oficial foi assinado pelo ilustrador José Benicio (ao lado)

Estrelado por Sônia Braga, José Wilker e Mauro Mendonça, o longa-metragem estava no topo, por mais de três décadas, como recordista de público no cinema brasileiro, com mais de 10 milhões de espectadores. A produção só foi superada pela sequência *Tropa de elite 2: o inimigo agora é outro* (2010), de José Padilha, que somou 11,1 milhões de pessoas nas salas de cinema.

Anos mais tarde, em 1982, Bruno Barreto seria um dos roteiristas da adaptação hollywoodiana da obra de Jorge Amado: *Kiss me goodbye* (no Brasil, batizado de "*Meu adorável fantasma*"), de Robert Mulligan (diretor do clássico *O sol é para todos*, de 1962). A versão gringa dos personagens ficaram para Sally Field, James Caan e Jeff Bridges. Na época, Field chegou a ser indicada para o Globo de Ouro, na categoria de Melhor Atriz (Comédia ou Musical).

Em 1998, a obra ganhou mais uma versão, adaptada para a TV Globo, em forma de uma minissérie, por Dias Gomes (1922–1999). Com direção de Mauro Mendonça Filho, o trio era formado por Giulia Gam, Edson Celulari e Marco Nanini.

Em 2017, uma refilmagem de *Dona Flor e seus dois maridos*, agora com direção de Pedro Vasconcelos. No elenco principal, Juliana Paes, Marcelo Faria e Leandro Hassum.

Fora do universo audiovisual, o livro de Jorge Amado teve diversas adaptações para os palcos do teatro, inclusive uma versão de Portugal para este ano, com Sofia Ribeiro, Bruno Cabrerizo e Vitor Hugo.

Em 2009, houve também um musical, passado na mítica Avenida Corrientes, em Buenos Aires, na Argentina, estrelada pela cantora Emme e um grande elenco.

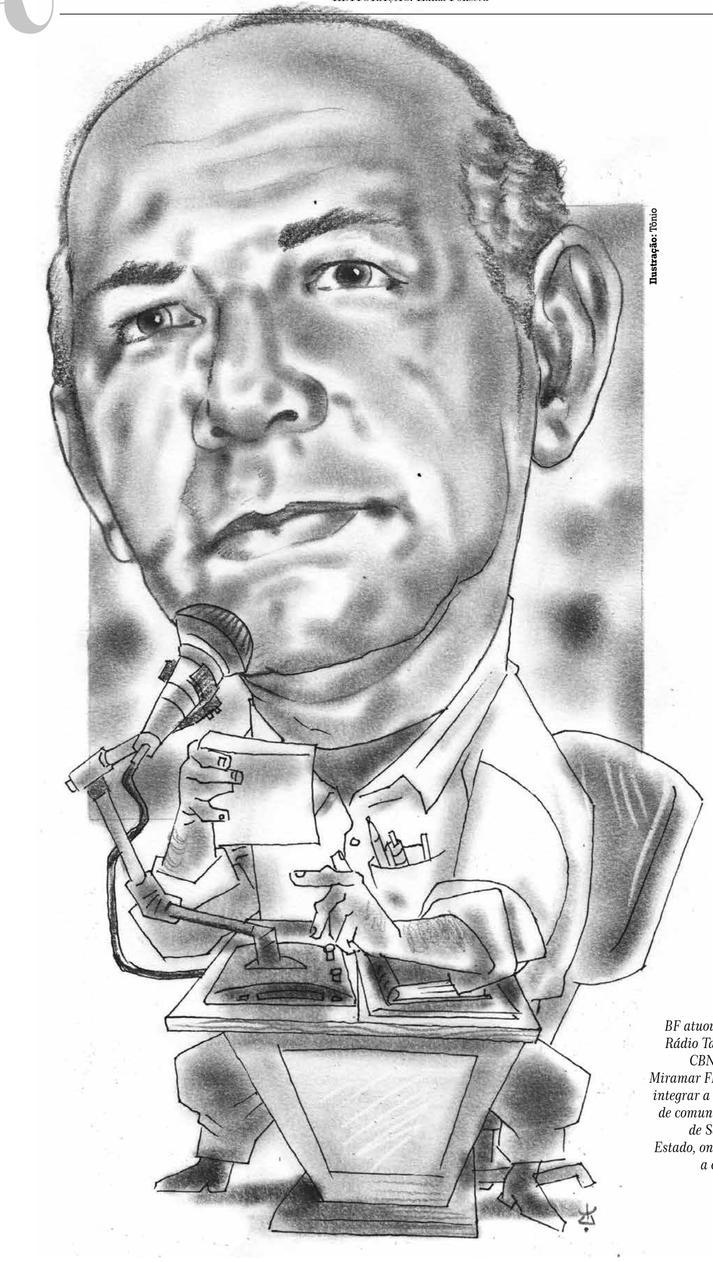


Ilustração: Tônio

BF atuou em emissoras como Rádio Tabajara, Arapuã AM, CBN, O Norte, Sanhauá, Miramar FM e 101 FM, além de integrar a equipe da assessoria de comunicação da Secretaria de Segurança Pública do Estado, onde chegou a assumir a coordenação do setor

Bernardo Filho

Um grande atuante da crônica esportiva

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

José Bernardo da Silva nasceu em 14 de fevereiro de 1947, em João Pessoa. Segundo filho do casal José Bernardo de Lima e Arlinda Bernardo da Silva, como tinha o mesmo nome do pai, ele passou a ser chamado por todos da família de "Bernardo Filho", nome que adotou em sua trajetória profissional como radialista e como cronista esportivo.

De acordo com o jornalista Fábio Bernardo, filho do radialista, desde criança seu pai foi apaixonado pelo futebol. Como percebia que não tinha muita habilidade com a bola, ainda adolescente procurava imitar os narradores esportivos. Essa prática possibilitou que BF, como passou a ser chamado posteriormente pelo público, fizesse o primeiro teste para a Rádio Tabajara, onde iniciou a sua trajetória na comunicação.

"Quando ele tinha em torno de 20 anos, foi embora para o Rio de Janeiro com aquele sonho muito nordestino de ganhar a vida num grande centro. Lá, ele chegou a passar no teste da Rádio Globo, mas, como demoraram para assinar contrato, teve que trabalhar numa loja de tecidos para sustentar a família, pois foi o período em que conheceu minha mãe, que também era paraibana, casaram-se e me tiveram por lá", explica Fábio Bernardo.

A carreira como radialista foi retomada com o retorno à capital paraibana, onde Bernardo Filho atuou em boa parte das emissoras, especialmente na crônica esportiva. Na década de 1980, ele passou dois anos em Timbaúba, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, com a missão de colocar no ar a programação de uma emissora de rádio. No retorno a João Pessoa, foi trabalhar na Rádio Arapuã AM, a convite do jornalista e colunista esportivo Marcondes Brito, que havia saído da Rádio Tabajara e montava uma equipe de peso para fazer frente à concorrente, com nomes da área como Roberto Machado e João Camurça.

"Bernardo Filho era do plantão e eu era ajudante de plantão, o cara que pegava os resultados e passava para ele. Naquela época, não tinha *internet* e a gente ficava ouvindo as rádios. Só para se ter uma ideia, eu ficava ouvindo cinco rádios para pegar os gols: de Patos, de Campina Grande, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e de São Paulo", relata Franco Ferreira, que integrava o time da emissora.

Voz forte e diferenciada

Conhecido como o melhor plantonista esportivo do país por sua irreverência e locução marcante, Bernardo Filho destacou-se sobretudo na Rádio Correio, onde trabalhou por mais tempo. Mesmo não trabalhando mais juntos, a amizade com Franco Ferreira, iniciada no rádio, prolongou-se para a vida, fosse na presença frequente nas festas familiares ou nos encontros e resenhas organizadas ao fim das transmissões esportivas.

O jornalista destaca a voz forte e diferenciada de Bernardo Filho, que ninguém conseguia imitar. "Quando ele abria uma jornada ou chamava para dar um gol, era marcante, e todo mundo parava para saber de onde vinha esse gol. Ele era muito autêntico e considerado o locutor que não dava zebra", completa Ferreira, referindo-se ao resultado das loterias esportivas. Entre os companheiros de profissão, o cronista esportivo era chamado também de "Galo Véio".

Um dos grandes sucessos de Bernardo Filho na Rádio Correio, que procurava se tornar mais popular, foi o programa *A hora da bronca*, que mesclava jornalismo, entretenimento e a participação dos ouvintes, que o apresentador tratava com atenção e procurando mediar acesso aos serviços públicos ou patrocinadores. Fábio Bernardo ressalta, inclusive, que foi num dos programas, para o qual o pai sempre o levava, que decidiu prestar vestibular para jornalismo.

"Eu queria fazer o que ele fazia, fazer programas que ajudassem as pessoas. O ouvinte, para o meu pai, era tudo e, mesmo [com] aqueles que demoravam mais nas ligações, ele tinha todo o respeito. Ele nunca foi antipático ou desagradável com o ouvinte. As pessoas sentiam como se ele fosse um integrante da família", frisa o jornalista.

Fábio Bernardo relembra ainda que, na emissora, o seu pai mantinha também um programa à noite, que misturava música e participação dos ouvintes, e integrava a equipe de jornalismo esportivo aos fins de semana.

Fábio afirma que a saída do Sistema Correio, onde Bernardo Filho atuava também como redator no jornal *Correio da Paraíba*, foi muito sentida pelo pai. Atuou, ainda, nas emissoras CBN, O Norte, Miramar FM e 101 FM, além de integrar a equipe da assessoria de comunicação da Secretaria de Segurança Pública do Estado por mais de duas décadas, onde chegou a assumir a coordenação do setor. Aposentado do serviço público, continuou trabalhando em emissoras de rádio, comandando o programa *Esquadrão de aço*, na Rádio Sanhauá, que trazia tudo sobre o esporte paraibano.

Cronista esportivo da Rádio Tabajara, Stefano Wanderley sente não ter trabalhado diretamente com Bernardo Filho, mas cultivou uma bela amizade com ele, iniciada a partir dos comentários que fazia como ouvinte na resenha esportiva. "Ele sempre botava no ar e enaltecia meus comentários. Uma vez eu o encontrei pessoalmente no Almeidão e ele me tratou muito bem e passou a ser meu amigo pessoal", relata Stefano, destacando a alegria e a capacidade de acolhida como características marcantes.

Jornalista esportivo amante do futebol, Bernardo não negava que era torcedor do Auto Esporte, clube do qual chegou a ser conselheiro. "Na crônica esportiva, nem todo mundo gostava de expor o time de futebol preferido. Ele nunca escondeu sua paixão e chamava o time de 'Autinho do amor'", conta Fábio, que, assim como o pai e o avô, também é torcedor do time pessoense e compartilha com ele o dia de aniversário. Membro da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba, chegou ao posto de vice-presidente da entidade.

Generosidade

Fábio Bernardo define seu pai como um homem generoso, tanto por ter dado muita oportunidade a companheiros de profissão quanto pelo modo como tratava seus ouvintes. "A generosidade é uma característica que marcou muito a vida dele. Da mesma forma que ele era extrovertido e brincalhão no rádio, era também com os amigos. Não distinguia condição social ou de idade e andava rodeado de pessoas que estavam começando na imprensa e se inspiravam nele".

O radialista José Bernardo da Silva faleceu em 31 de agosto de 2016, aos 69 anos de idade, em João Pessoa. Em sua homenagem, será dado seu nome a uma praça que está sendo construída no bairro Castelo Branco, onde morou por muitos anos e incentivou a criação da associação de moradores do local.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Será que estou *maxxing* desatualizada?

Você sabe o que significa "*maxxing*"? O termo em inglês denomina o hábito de levar uma atividade ao extremo ou otimizar algum aspecto e foi definido pelo Dictionary.com como a "palavra do ano de 2026". A expressão é popular entre as gerações Z e Alfa, mas pessoas de outras faixas etárias também a estão usando.

Plataforma digital dedicada à língua inglesa, o Dictionary.com oferece consultas de significados, orientações de pronúncia em áudio, termos equivalentes, etimologia e contextos de uso. O dicionário virtual também conta com um aplicativo próprio que inclui ferramentas exclusivas, a exemplo do *ranking* da "Palavra do dia".

O termo eleito como palavra do ano de 2026 é um produto genuíno da cultura da *internet*. Originado no Reddit (rede social e grande fórum de debates no universo digital) e em comunidades virtuais similares, *maxxing* e as expressões dele derivadas viralizaram em outras redes. A adoção desse termo já vinha acontecendo, mas a utilização da palavra teve um pico expressivo em agosto de 2026, sendo 19 vezes maior do que a média praticada ao longo de 2025.

De acordo com notícia publicada pelo portal g1, *maxxing* destacou-se entre outras palavras neste ano porque se conecta a aspectos diversos do nosso cotidiano. Na matéria, o g1 ainda informa que o termo é adotado, inclusive, como sufixo e pode ser acrescentado ao final de praticamente qualquer palavra, num tom brincalhão. Confira alguns exemplos citados no texto: "Há quem faça *proteinmaxxing* no café da manhã, *tokenmaxxing* ao usar o máximo possível de inteligência artificial no expediente e *cozymaxxing* na sexta à noite".



Foto: Steve Buissinne/Pixabay

"Maxxing" foi eleita a "palavra do ano" porque se conecta a vários aspectos do dia a dia

Além de desconhecer e nunca haver usado o termo "*maxxing*", eu também não tenho consumido proteína de forma excessiva no café da manhã, nem sequer usado ao máximo aplicativos ou plataformas de inteligência artificial (IA). Ok, talvez tenha buscado mais conforto na sexta-feira à noite, até porque nunca tive mesmo o perfil "*baladeiramaxxing*". Enfim, será que estou vivendo de forma errada? Será que estou *maxxing* desatualizada?

No mês passado, no entanto, eu adotei o *maxxing* em uma área da minha vida: a da cidadania. Como eu estava de férias, passei cerca de 15 dias vivendo ao máximo como uma operadora virtual pela democracia. Eu *maxxing* pedi votos; *maxxing* postei, curti, compartilhei conteúdo político nas minhas redes sociais; eu *maxxing* escutei a música "Tarifláviо BolsoMaster"...

Agora, estou no modo *detoxmaxxing* de *internet*. Na verdade, estou *maxxing* tentando, porque o noticiário político não dá tréguas no Brasil. E você? Já conhecia e utilizava a palavra do ano eleita pelo Dictionary.com?

Vitória da imprensa

No dia 3 de novembro, a Justiça do Estado de São Paulo deferiu liminar, em ação contra a Meta, a favor da Associação Nacional de Jornais (ANJ), da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e da Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner). Trata-se da primeira decisão judicial global, e histórica, a favor de uma associação de imprensa contra as diretrizes da plataforma. O texto proíbe a coleta e o uso de conteúdos jornalísticos sem autorização prévia, inclusive para desenvolvimento de IA, fixando multa diária de R$ 1 milhão em caso de descumprimento. Que notícia boa! Estou na torcida para que essa decisão prevaleça em outras instâncias.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Romantismo trágico e fatalidade

No universo musical, não é incomum alguns autores (letristas) lançarem mão de elementos condizentes com um ambiente de tragédia, fatalidade ou algo que o valha... Tais cenários e enredos surgiam, ou ainda surgem, de vez em quando, em momentos marcantes do nosso cancioneiro. Citaremos dois exemplos que marcaram a música popular brasileira.

Já comentamos, em colunas anteriores, a importância de Vicente Celestino e Gilda (de) Abreu. Deter-nos-emos agora sobre a "tragédia" narrada na criação da música (1937) e do filme (1951) *Coração materno*. Ambos tratam, obviamente, da mais explícita tragédia em que um hipotético amante promete à amada provar o seu desmedido amor, oferecendo a ela o coração da própria mãe: "Disse um campônio à sua amada: / Minha idolatrada, diga o que quer. / Por ti, vou matar, vou roubar [...]". O resto da tragédia certamente os leitores já conhecem, pelo menos de "ouvi dizer". (A título de curiosidade, até Caetano Veloso, nos primórdios do Tropicalismo, deixou-nos a sua versão)

Mas não é que, tempos depois de Vicente Celestino, em 1960, o gaúcho Vítor Mateus Teixeira, ou simplesmente, Teixerinha (Sto. Antônio da Patrulha, RS, 1927–Porto Alegre, RS,1985), cantor, compositor, cineasta e radialista, obtém enorme sucesso com o seu "Coração de luto", maldosamente cognominado de "Churrasco de mãe", em que ele narra uma real tragédia familiar que ele sofrera: "O maior golpe do mundo / que eu tive na minha vida / foi quando com nove anos / perdi minha mãe querida [...]", e a letra, em ritmo narrativo, expõe a tragicidade vivida pelo narrador. Apesar da diversidade de cenário e personagens, não há como não ver referências à tragédia e fatalidade entre os eventos cantados por Vicente Celestino e vividos por Teixerinha.

Foto: Reprodução/Acervo Fundação Teixeirinha



Teixeirinha foi cantor, compositor, cineasta e radialista gaúcho, dono de sucessos como "Coração de luto"

O drama relatado/cantado por Teixerinha é um espelho do que ele e família sofreram: filho de pais trabalhadores rurais, Teixeirinha perdeu o pai na primeira infância, aos sete anos, e a mãe, aos nove, tendo que perambular entre adoções, até se transformar num ícone da música regional gaúcha. Antes que me esqueça: levado às telas, o filme *Coração de luto* (1967) alcançou altos índices de assistência. A mãe dele, epiléptica, realmente morreu em decorrência de, por conta da doença, haver caído numa fogueira, o que ocasionou o óbito dela.

A tragédia, no entanto, não interferiu na vida do futuro e admirado cantor gaúcho. Tanto é que consta do seu currículo musical cerca de 50 álbuns (*LPs*), mais de 1.200 músicas gravadas, das quais 758 são de sua autoria. A "subida" na estrada da vida somente veio após ele servir o Exército, aos 18 anos.

Hoje, associa-se o nome de Teixerinha ao de sua esposa, Mary Terezinha Cabral Brum (Tupanciretã, RS, 1946–Porto Alegre, RS, 2025), com quem manteve parceria familiar e musical por muito tempo. Ela era acordeonista e cantora e viveram juntos desde o início dos anos 1960. Mesmo quando já não mais viviam juntos, por muito tempo continuaram dividindo os mesmos palcos, inclusive em Portugal, Espanha e em outros países sul-americanos.

Números

No currículo musical de Teixeirinha, o artista possui cerca de 50 álbuns, mais de 1.200 músicas gravadas, das quais 758 canções são assinadas por ele

ERA DA IA

Desenvolvedores dos *games* vão sobreviver?

Criador de jogos da Nintendo defende que sempre haverá papel para os profissionais

Agência Estado
com Europa Press

O criador de *videogames* consagrados como *Super Mario* ou *The legend of Zelda*, Shigeru Miyamoto, apresentou uma perspectiva positiva em relação ao aumento do uso da inteligência artificial (IA) no desenvolvimento de *videogames*, afirmando que, "por mais que evolua" essa tecnologia, "continuará havendo coisas que poderemos fazer", apostando, assim, nas habilidades humanas para a criação e no uso da IA para "ajudar nesse trabalho".

O desenvolvedor da Nintendo compartilhou seu ponto de vista durante uma entrevista à imprensa divulgada pelo Nikkei Asia e pelo Game Watch, após receber recentemente o prêmio da Ordem da Cultura, um reconhecimento concedido por contribuições notáveis para a arte, a literatura, a ciência e a tecnologia no Japão.

Especificamente, questionado sobre como a IA generativa afetou a criação de *videogames*, Miyamoto remeteu-se à sua época de estudante de *design* industrial, quando explicou que o surgimento dos computadores e seus avanços já haviam provocado mudanças no "senso das pessoas em relação aos *designs*".

De fato, ele afirmou que foi nessa época que as habilidades individuais de *design* vieram à tona pela primeira vez. "Com o avanço da informática e da tecnologia, as habilidades individuais de *design*, como o senso de composição, ganharam destaque", declarou. Agora, Miyamoto acredita que algo semelhante está ocorrendo com a inteligência artificial.

Isso se deve ao fato de que, segundo o desenvolvedor, é preciso separar o ato de criar algo do ato de realizar o trabalho. "Quando queremos criar algo, fazemos uma estrutura básica. Em seguida, começamos a trabalhar nela com nossas mãos. A partir daí, começa o trabalho propriamente dito: preencher os espaços vazios, dar um acabamento impecável, etc".

Assim, ele indicou que, quanto mais trabalho a IA puder realizar no lugar do desenvolvedor nessa última fase, "mais oportunidades haverá de refletir sobre o que é realmente importante" no *design* em si.

Ou seja, à medida que a IA for capaz de realizar mais trabalho, Miyamoto garantiu que "serão criadas oportunidades para que todos reflitam seriamente sobre o que realmente significa criar".

Intenção de criar

Por outro lado, o desenvolvedor destacou que, no passado, "já existiram *designs* copiados e colados", mas, na prática, esses *designs* "não duram".

A esse respeito, ele explicou que, quando uma pessoa projeta algo, ela o faz com uma intenção e, portanto, isso é o que realmente é necessário para criar; tudo o que um computador fizer nesse sentido — neste caso, especificamente a inteligência artificial — é "ajudar nesse trabalho".

Divisão

De acordo com Shigeru Miyamoto, é preciso separar o ato de criar algo do ato de realizar o trabalho

"Acredito que, por mais que a tecnologia evolua, continuarão existindo coisas que nós mesmos podemos fazer", concluiu Miyamoto, apresentando uma visão positiva sobre o uso da IA no desenvolvimento de *videogames*, como método para destacar o talento humano.

As declarações do criador de franquias históricas como *Donkey Kong*, *Star Fox* e *Super Mario* ocorrem em um momento em que diversos estúdios de *videogames* têm compartilhado sua adoção de tecnologias de IA para continuar desenvolvendo seus títulos.

É o caso da Capcom, que anunciou recentemente sua intenção de atualizar seu motor de *videogames* RE Engine com recursos de IA para melhorar a eficiência durante o desenvolvimento de jogos. O mesmo ocorreu com a Epic Games, que confirmou, na semana passada, que utiliza IA por meio do "*vive-coding*" para programar não apenas recursos do Unreal Engine, mas também o próprio código, com o objetivo de aprimorar seu motor de jogos utilizado no *Fortnite*, entre outros títulos.

Além disso, a Xbox anunciou, em meados de outubro, o Xbox Labs, uma nova equipe dedicada a descobrir e analisar as possibilidades que as novas tecnologias abrem para o *software* e o *hardware* em *videogames*, transformando essas ideias emergentes em conceitos para novos títulos por meio da inteligência artificial.

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: mingau (2) = papa + infrutescência (2) = figo. **Solução:** assombroso personagem que nos amedrontava na infância (4) = papa-figo.

Charada de hoje: Um cidadão de pele morena (2) achava graça (2) de quem se encontrava ali, naquele ambiente de controle jurídico (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!



Foto: Reprodução/Raiz Produções

 # Livros brasileiros adaptados para o cinema

O escritor acreano Cesar Garcia Lima, autor de obras como *Vida desencaixada* (Patuá, 2024), selecionou alguns livros nacionais que foram transformados em filmes. "Nesta seleção de títulos, tive em mente livros que são destaques no universo literário brasileiro de várias épocas e que, transpostos para as telas, são redimensionados em seu alcance ficcional, incluindo formas diversas como o relato autobiográfico e a metaficção".

***# Ainda estou aqui* (2015), de Rubens Paiva**

O livro ganhou um novo alcance a partir da repercussão internacional de sua adaptação para o cinema em 2024, dirigida por Walter Salles e protagonizada por Fernanda Torres. O relato autobiográfico do autor paulistano percorre sua infância e vida adulta, tendo como um dos marcos a prisão de seu pai, o deputado Rubens Paiva, em 1971, durante a Ditadura Militar. O foco principal, no entanto, é a relação com a mãe, a advogada Eunice Paiva. O livro, bem mais denso e multifacetado do que a versão para as telas, entra em detalhes sobre a trajetória militante de Eunice depois do desaparecimento do marido.

***# Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino**

O romance traz como elemento de destaque a complexidade psicológica de seus protagonistas: o fotógrafo Cauby, o pastor Ernani e a mulher dele, Lavínia, em uma cidade da Amazônia dominada pelo garimpo. Nesse cenário ardente (em vários sentidos), o relacionamento entre Cauby e Lavínia intensifica-se e expõe fragilidades e contrastes entre a urbanidade e o interior. A versão cinematográfica dos diretores Renato Ciasca e Beto Brant, de 2011, surpreende por não explicar em excesso as ótimas digressões do livro.

***# A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector**

A novela é um livro único na literatura brasileira com um irônico narrador (Rodrigo M) metaficcional que especula sobre sua própria vida a partir do sofrimento de Macabéa, uma personagem marcada pela ingenuidade e a pobreza. Em 1985, a diretora Suzana Amaral cometeu a proeza de levar essa história para as telas excluindo esse narrador e deixando brilhar em sua humildade a singela protagonista interpretada por Marcélia Cartaxo (foto acima). O que parecia uma heresia narrativa se converte em um dos filmes mais expressivos do caráter brasileiro.

***# Relato de um certo oriente* (1989), de Milton Hatoum**

A prosa labiríntica do autor amazonense ganhou versão cinematográfica em preto e branco de Marcelo Gomes e é encenada de forma mais linear do que o livro, mas não menos fascinante e envolvente. Do Líbano à Amazônia, os irmãos Emilie e Emir, católicos, atravessam os mares para fugir da guerra, mas enfrentam suas próprias paixões e preconceitos para se estabelecerem no Brasil. É, ao mesmo tempo, uma viagem etnográfica e existencial.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – dente da foice; 2 – cigarro; 3 – olho da morte; 4 – fivela; 5 – toalha de mesa; 6 – perna do banco; 7 – lista da camisa; 8 – assinatura; e 9 – rótulo.